



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

GUSTAVO CAPONI

MEMORIAL

DE ATIVIDADE ACADÊMICA

APRESENTADO COMO REQUISITO PARCIAL PARA A PROGRESSÃO A
PROFESSOR TITULAR DE CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

FLORIANÓPOLIS
2015



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE GESTÃO DE PESSOAS
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (48) 3721-8317 FAX: (048) 3721-9212
E-mail: direcao.ddp@contato.ufsc.br

Mabel Schleder Cezar Wiggers
Assistente em Administração
Mat. 606630/1830158
DAFDC/DDP/SGESP/UFSC
Publicada no Boletim Oficial
de: 17/03/2015

PORTARIA N.º 430/2015/DDP, DE 11 DE MARÇO DE 2015.

A DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais,

RESOLVE:

CONCEDER Promoção Funcional Vertical, por Avaliação, a docentes do Ensino Superior, de acordo com a Resolução nº 40/CUn/2014, Lei nº 12.772/2012, Medida Provisória nº 614/2013 e Lei nº 12.863/2013.

De acordo com o Processo nº 068832.2013-56 e o Parecer nº 1021/2014/PF-UFSC/PGF/AGU, os efeitos financeiros e de interstício passam a vigorar a partir da data da publicação desta Portaria no Boletim Oficial da UFSC.

Da Classe D - Professor Associado - Nível 4 para Classe E - Professor Titular – Nível Único

NOME	Matr. UFSC	Matr. SIAPE	Depto/ Centro	Nº do Processo 23080.
ANDREA GONÇALVES TRENTIN	110412	1160104	BEG/CCB	063784/2014-43
GUSTÁVO ANDRES CAPONI	115430	1160540	FIL/CFH	016987/2014-41
SANDRA NOEMI CUCURULLO DE CAPONI	120175	2175372	SPO/CFH	033578/2014-17


KARYN PACHECO NEVES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

GUSTAVO CAPONI

**MEMORIAL
DE ATIVIDADE ACADÊMICA**

**APRESENTADO COMO REQUISITO PARCIAL PARA A PROGRESSÃO A
PROFESSOR TITULAR DE CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**

**FLORIANÓPOLIS
2015**

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR. PAULO HOFMANN (CCB-UFSC // PRESIDENTE)

PROF. DR. JAIME BENCHIMOL (COC- FIOCRUZ)

PROF. DR. LUIS CASTIEL (ESNP-FIOCRUZ)

PROF. DR. PABLO MARICONDA (FFLCH-USP)

**SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO
ACONTECIDA EM FLORIANÓPOLIS NO
26 DE FEVEREIRO DE 2015**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP: 88.040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (048) 3721-9330 E-MAIL: caa.cfh@contato.ufsc.br

ATA DE AVALIAÇÃO DO MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS DO CANDIDATO GUSTAVO ANDRES CAPONI, LOTADO NO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, PARA FINS DE PROMOÇÃO À CLASSE E – PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.

Aos vinte e seis dias do mês fevereiro do ano 2015, às nove horas e trinta minutos, na sala dez do Departamento de História, no bloco C do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, reuniu-se a comissão designada pelo Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas por meio da Portaria nº 014/2015/CFH, para fins de avaliar o Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA) de **Gustavo Andres Caponi**, candidato à promoção à Classe E – Professor Titular de Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Santa Catarina, em conformidade com a Resolução Normativa nº 40/CUn/2014 de 27 de maio de 2014 e Portaria MEC Nº 982 de 3 de outubro de 2013. Preliminarmente, a Comissão de Avaliação analisou a documentação do Memorial de Avaliação de Desempenho (MAD) referente aos semestres 2012-1 a 2013-2, processo nº 23080.016987/2014-41, e o parecer da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD). Considerando que, nessa primeira etapa, o professor **Gustavo Andres Caponi** obteve um total de **53,00 (cinquenta e três) pontos**, que é superior à pontuação mínima exigida de 40 (quarenta) pontos para aprovação no Memorial de Desempenho Acadêmico (MAD), a Comissão Avaliadora considerou que ele estava apto a apresentar o seu Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA), cumprindo, assim, a segunda etapa de avaliação para fins de promoção à Classe E – Professor Titular de Carreira do Magistério superior. Na sequência, deu-se início à apresentação e defesa do MAA pelo candidato, sucedendo-se a arguição. Às 13h, a Comissão de Avaliação reuniu-se em sessão privada e emitiu o seguinte parecer relativo à apresentação e defesa do MAA do professor **Gustavo Andres Caponi**: o candidato, considerando tanto a análise de seu MAA, quanto sua apresentação oral, realizou importantes atividades de ensino, pesquisa, orientação, extensão e gestão. O MAA atende às exigências da Resolução Normativa nº 40/CUn/2014, discorrendo de forma clara sobre os aspectos nela previstos. A Comissão destacou a qualidade das atividades de pesquisa e orientação. O candidato possui uma produção científica qualitativa e quantitativa de grande relevância, na forma de publicações em periódicos da área, bem como livros e capítulos de livros. A comissão entende ainda que o professor Gustavo Andres Caponi é um profissional brilhante, de grande prestígio na comunidade acadêmica brasileira e internacional, e que a Universidade Federal de Santa Catarina se beneficiará sobremaneira em promovê-lo à merecida condição de professor titular. O candidato atendeu, portanto, os requisitos previstos pela Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de

B. D

113

AP
P



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP: 88.040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (048) 3721-9330 E-MAIL: caa.cfh@contato.ufsc.br

2013, e pela Resolução Normativa nº 40 do Conselho Universitário da UFSC, de 27 de maio de 2014, para a Promoção para a Classe de Professor Titular de Carreira do Magistério Superior, considerando o que consta no Processo nº 23080.016987/2014-41, relativamente ao MAD, e a respectiva apresentação e defesa do MAA. Dessa forma, os membros da Comissão Avaliadora que assinam esta ata, consideradas as atividades de ensino, pesquisa e/ou extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevantes da carreira do professor **Gustavo Andres Caponi**, em conformidade com os artigos 5º e 6º da Portaria MEC nº 982 de 3 de outubro de 2013, e com a Resolução Normativa nº 40/CUn/2014 e anexos, aprovam por unanimidade a apresentação e defesa pública do Memorial de Atividades Acadêmicas do professor **Gustavo Andres Caponi**. Às 13h20 minutos do dia vinte e seis de fevereiro, os trabalhos da Comissão de Avaliação foram encerrados e foi lavrada a presente ata que, lida e aprovada, é assinada pelos seus membros e por mim, Roberta Bornhausen Collossi, secretária *ad hoc* das atividades da Comissão Avaliadora.

Florianópolis, 26 de fevereiro de 2015.

Prof. Paulo Roberto Petersen Hofmann – Universidade Federal de Santa Catarina
(Presidente)

Prof. Luis David Castiel – Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ RJ
(Membro)

Prof. Jaime Larry Benchimol – Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ RJ (Membro)

Prof. Pablo Rubén Mariconda – Universidade de São Paulo – USP (Membro)

Roberta Bornhausen Collossi – Servidora Técnico-Administrativa (Secretária)

*PARA MAURO,
QUE JÁ ESTÁ NA ESTRADA.*

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	p.01
EPISTEMOLOGIA	p.05
RUMO AO TERMINAL MARIANO MORENO	p.24
PONTES	p.38
DESTERRO	p.49
PARIS	p.61
GALLICA	p.66
AMÉRICA LATINA	p.77
OUTRA VEZ PARIS	p.88
NOS ÚLTIMOS TEMPOS	p.94

YA NO TENGO MI CASA EN ROSARIO.
YA NO TENGO NI UNA SILLA EN ROSARIO,
NI PERRO QUE ME LADRE,
NI EL UMBRAL DE UNA PUERTA
PARA SENTARME A LAMENTARLO.

YA NO RECUERDO EN QUÉ LUGAR DEJÉ MI ALMA
PARA DESCANSAR DE ELLA,
PERO DEBE ESTAR EN ROSARIO,
AL ABRIGO DE MIS TONTERÍAS.

Facundo Marull
TRISTE

¡ÁNIMO! ¡A QUEN SE MUDA DIOS O AXUDA!

Rosalía de Castro
FOLLAS NOVAS

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

APRESENTAÇÃO

PIDO A LOS SANTOS DEL CIELO
QUE AYUDEN MI PENSAMIENTO:
LES PIDO EN ESTE MOMENTO
QUE VOY A CANTAR MI HISTORIA
ME REFRESQUEN LA MEMORIA
Y ACLAREN MI ENTENDIMIENTO

José Hernández
MARTIN FIERRO

SOMOS CONTOS CONTANDO CONTOS, NADA

Fernando Pessoa
ODES DE RICARDO REIS

O memorial é um gênero difícil de definir: algo na metade do caminho entre um singelo *curriculum vitae* e uma majestática *autobiografia intelectual*. Em sua forma mais humilde, seria pouco mais do que um *curriculum comentado*. Já em sua forma mais pretensiosa, assemelhar-se-ia a uma obra como *Busca inacabada*, de Karl Popper. Não me limitei ao primeiro, e tampouco quis me aproximar do segundo: o protagonista de uma narração assim pareceu-me um papel demasiado grande como para ser desempenhado por um ignoto professor sul-americano. Tentei, porém, não ser demasiado modesto; ainda evitando qualquer presunção grandiloquente. Isso teria sido descabido no que, afinal de contas, não é mais que um processo administrativo. Mas, mesmo assim, não me limitei a uma simples enumeração de títulos conseguidos, cargos desempenhados, trabalhos publicados, e dissertações e teses orientadas: procurei assinalar as opções teóricas mais importantes da minha trajetória nos estudos filosóficos; e também explicar as principais decisões profissionais de minha carreira universitária, mostrando também quais foram os resultados daí derivados.

Mas note-se esta diferença: enquanto falo de ‘explicar decisões profissionais’, eu só falo de ‘assinalar opções teóricas’; e isso tem uma razão atendível. Como se verá ao longo de este memorial, as minhas opções teóricas ficaram sempre materializadas em trabalhos que foram publicados; e aí, nesses textos, poderá ser encontrada a fundamentação de tais escolhas: por isso achei redundante insistir muito nelas. Digo, por isso, que – neste memorial – eu só as assinalei. Já no que tange à carreira a coisa é diferente; e por isso tive que explicar suas encruzilhadas mais importantes, dando conta

também das alternativas que efetivamente escolhi. Isso, ademais, explica certo desequilíbrio no texto: conforme vou aludindo a períodos nos que minha carreira foi consolidando-se, a narrativa vai ficando mais enxuta. É que, uma vez que minha carreira encaminhou-se, eu já não tive tantas decisões profissionais a tomar; e passei a ter espaço para essas escolhas teóricas que deram lugar a mais de uma centena de artigos aparecidos em periódicos, uns trinta capítulos publicados em diferentes coletâneas, e meia dúzia de livros da minha autoria.

Esse desequilíbrio da narrativa tende a ficar mais marcado pelo fato de muitas das minhas decisões profissionais terem sido tomadas em circunstâncias motivadas, ou sobredeterminadas, por questões pessoais às que tive que aludir nas minhas explicações. Muitas vezes, a verdadeira razão dessas decisões profissionais, ou sua mera possibilidade, tinha a ver com essas questões; e pareceu-me pertinente assinalá-lo. E algo semelhante acontece no tangente ao contexto no qual essas opções profissionais se colocaram: em muitos casos, sem levar em consideração contingências extra-acadêmicas de toda índole, teria sido impossível explicar essas encruzilhadas e as decisões que tomei perante elas. Por isso também aludi a essas circunstâncias; e tudo isso contribui a acentuar a tonalidade perigosamente autobiográfica de algumas passagens deste memorial.

Procurei evitar, entretanto, o tom confessional, que também é descabido num processo administrativo: tanto quanto a sinceridade num tribunal. Embora nem sempre conseguisse essa prudente e tão desejável discrição. Penitencio-me por isso, e peço desculpas aos leitores. Mas acho que eu não tinha escapatória: pela sua natureza, mesmo que ela não seja facilmente definível, o memorial nos obriga a incorrer nesse tipo coisas. Por isso, se atendemos àquilo que Robert Musil falou sobre a estupidez, teremos também que reconhecer que a redação de um memorial sempre nos obrigará a fazer, em alguma medida, o papel de estúpidos: falando excessivamente de nós mesmos. Não acredito, todavia, que essa seja a única forma de exercício da estupidez que a vida acadêmica nos exija. Há muitas outras; e o melhor que podemos fazer é tentar entrar e sair delas com a maior dignidade possível. Sabendo, porém, que sempre seremos atingidos por alguma dose – maior o menor – de ridículo.

É importante advertir, por outro lado, que tampouco me ajustei a uma simples cronologia dos diferentes momentos e encruzilhadas de minha carreira. De fato, em todo este memorial existem permanentes quebras dessa cronologia. Isso se aplica, sobretudo,

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

a minhas publicações. Ao longo da exposição, e atendendo à temática de cada uma, as fui classificando e enumerando a maior parte delas, em uma dúzia de *séries de estudos*. Mas essas *séries* não são estritamente consecutivas: uma vez iniciadas, elas se desenvolveram paralelamente a outras séries que começaram depois ou tinham sido iniciadas anteriormente. A algumas dessas *séries*, inclusive, não as considero definitivamente encerradas. Eis aqui, por ordem de aparição, a denominação que dei a cada uma delas:

1. PRIMEIROS ESTUDOS POPPERIANOS.
2. SEGUNDOS ESTUDOS POPPERIANOS.
3. PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A NATURALIZAÇÃO DA TELEOLOGIA.
4. ESTUDOS SOBRE A POLARIDADE PRÓXIMO-REMOTO.
5. ESTUDOS CUVIERIANOS.
6. ESTUDOS TOULMIANOS.
7. ESTUDOS SOBRE *EVO-DEVO*.
8. ESTUDOS BUFFONIANOS.
9. ESTUDOS DARWINIANOS.
10. SEGUNDOS ESTUDOS SOBRE A NATURALIZAÇÃO DA TELEOLOGIA.
11. ESTUDOS SOBRE FILOSOFIA DA TAXONOMIA.
12. ESTUDOS SOBRE A EXPLICAÇÃO CAUSAL EM BIOLOGIA.

Todavia, ademais do tangente às minhas publicações, eu também me afastei da simples relação cronológica ao ter completado este memorial com algumas reflexões mais gerais sobre a natureza da nossa prática. Persuadido de que isso era o que cabia fazer, integrei a este memorial algumas considerações relativas ao meu posicionamento perante diferentes aspectos do ensino da Filosofia, sobre questões relativas à pesquisa filosófica, e ainda sobre a relação entre esse ensino e essa pesquisa. Permiti-me, ademais, alguns breves comentários sobre a natureza dos estudos epistemológicos e sobre seu lugar institucional. Essas reflexões, que constituem um elemento importante deste memorial, foram introduzidas em diferentes partes, das primeiras páginas até as últimas. No encerramento enunciei, ainda, quais são meus planos para o futuro em matéria de pesquisa.

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL



DINOSSAURO DA SINCLAIR DINOLAND



**PORTAL DA FACULDADE DE HUMANIDADES & ARTES
(UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO)**

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

EPISTEMOLOGIA

CUANDO EL CONOCIMIENTO ES CLARO Y EXACTO,
LA EXPRESIÓN LO MANIFIESTA DE UNA MANERA
INEQUÍVOCA. "YA LO ENTIENDO PERO NO LO SÉ
EXPLICAR", ES UN GRAN RECURSO PARA LA
VANIDAD Y LA IGNORANCIA.

Jaime Balmes
LÓGICA

UN ÉCRIVAIN EST PROFOND LORSQUE SON
DISCOURS UNE FOIS TRADUIT DU LANGAGE EN
PENSÉE NON ÉQUIVOQUE, M'OBLIGE À UNE
RÉFLEXION DE DURÉE UTILE SENSIBLE. MAIS LA
CONDITION SOULIGNÉE EST ESSENTIELLE. UN
HABILE FABRICATEUR, COMME IL Y EN BEAUCOUP
PEUT TOUJOURS SIMULER LA PROFONDEUR PAR
UN ARRANGEMENT ET UNE INCOHÉRENCE DE MOTS
QUI DONNENT LE CHANGE. ON CROIT RÉFLÉCHIR
AU SENS, TANDIS QU'ON SE BORNE À LE
CHERCHER. IL VOUS FAIT RESTITUER BIEN PLUS
QUE CE QU'IL A DONNÉ.

Paul Valéry
TEL QUEL, CAHIER B 1910

No momento não percebi, mas minha porta de entrada para a Filosofia da Ciência foi o *problema de Hume*. Topei com ele nas aulas de *Introdução à Filosofia* que Rubén Vasconi ministrou em 1979: meu primeiro ano como aluno do curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia & Letras da *Universidad Nacional de Rosario*. No ano seguinte, a faculdade viria a ser rebatizada *Faculdade de Humanidades & Artes*, que é como continua a chamar-se hoje. Por alguma razão que eu desconheço, a caterva de ignorantes que, nesse ano de 1979, pegou o bastão da intervenção ditatorial na faculdade – que respondia diretamente ao bispado de Rosario, e não ao Comando do *Segundo Corpo do Exército*, ao qual era subordinada a primeira quadrilha interventora – considerou que esse nome era preferível ao clássico. Devem ter achado que ‘Filosofia e Letras’ remetia a um passado contestatório, filomarxista ou protossubversivo, que tinha que ser *desaparecido*.

Assim era aquele catolicismo autoritário, prepotente, obscurantista e arrogante que controlou a educação e a cultura durante esse *franquismo condensado* que foi a última ditadura argentina. Nesse contexto, ter um professor como Vasconi, em uma disciplina tão importante quanto *Introdução à Filosofia*, foi uma verdadeira sorte. E não exagero.

Já no ano seguinte, em 1980, essa disciplina ficaria nas mãos de um obscuro professor que a nova decana interventora trouxe de Buenos Aires: Carlos Iturralde, que também foi honrado com as cátedras de *Gnosiologia* e *Metafísica*. Disciplinas em que, infelizmente, o tive que aturar como professor a esse personagem ao qual a distância tornou menos irritante que ridículo. Às vezes: o que vivemos como tragédia, acabamo-lo lembrando como farsa.

De todo modo, muito do que não aprendi nessas disciplinas ministradas por Iturralde, o consegui compensar com o que já tinha aprendido com Vasconi. Suas aulas de *Introdução à Filosofia* sobre Parmênides, Zenão de Eleia, Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, o próprio Hume, Kant e Cassirer, que são as de que eu mais lembro, foram os primeiros alicerces de toda minha formação filosófica. Foi esse o conhecimento dos clássicos que me acompanhou em minhas incursões iniciais pela Filosofia da Ciência, nos meus primeiros trabalhos em ensino e pesquisa e também em minha pós-graduação em Campinas. No que tange a isso, não senti falta dos célebres cursos monográficos da USP. Vasconi foi, é claro, o melhor dos escassos professores merecedores do qualificativo de ‘docente universitário’ que tive na faculdade durante aqueles anos sombrios. A ultradireitista *missão Ivanissevich* em 1975, e a ditadura a partir de 1976, tinham varrido quase tudo o que podia ter de bom entre os muros daquele prédio.

Nesse sentido, outra exceção digna de ser lembrada foi Raul Echaure, titular de *Filosofia Medieval*. Empenhado em explicar a metafísica de Tomás de Aquino, ele nos fez compreender o composto hilemórfico aristotélico, que também me serviu para entender melhor qual era o papel das formas inteligíveis no platonismo. Vale recordar, ainda, a Rosa María Ravera: suas aulas de Estética, nas quais estudávamos muito Umberto Eco, foram rajadas de ar fresco que amenizaram a atmosfera opressiva que, por aqueles anos, reinava na faculdade. Não assisti às aulas de História da Filosofia Antiga ministradas por Hector Padrón, que ingressou na faculdade em 1981. Mas nunca lamentei demasiado o fato; embora alguns colegas falassem muito bem delas: eu já tinha freqüentado essa disciplina em 1980, quando o próprio Vasconi substituiu provisoriamente o professor anterior que acabara de se aposentar. Essas aulas de Vasconi, junto com as de *Introdução à Filosofia* e as de *Antropologia Filosófica*, permanecem entre as melhores que escutei em minha vida universitária.

Acredito ser justo falar, por outro lado, que a formação elementar que podia dar a escola pública santafecina nos anos sessenta, e toda a boa formação que tive depois no

Colégio Americano, foram chaves para eu estar em condições de aproveitar intensamente essas poucas janelas que se abriam para os estudos filosóficos. Nada compensa a falta de uma boa escola primária; mas ela sim pode ajudar a diminuir o impacto das falências dos níveis superiores da educação. E é claro que uma boa escola primária também permite um aproveitamento mais intensivo do pouco ou muito que tenham a oferecer esses níveis superiores de formação. Isso pode explicar um aparente paradoxo: não poucos dos alunos que passaram pela faculdade nesses anos da ditadura acabaram destacando-se, depois, na vida universitária. Havia uma base sólida que vinha de mais atrás, que também permitiu que em Rosario, mesmo durante esses anos de repressão cultural, surgissem interessantes movimentos vinculados com a poesia, o teatro, a pintura, e até a música popular. No meu caso pessoal, ademais, também há que considerar o decidido apoio familiar.

Ninguém da minha família tinha se assomado jamais à Filosofia. Porém, quando, ainda no segundo grau, comecei a dar sinais claros de querer enveredar meus estudos por aí, e depois de algumas engraçadas resistências iniciais, minha mãe empenhou-se em que eu pudesse ir formando minha primeira biblioteca de livros filosóficos. Cheguei à faculdade com alguns conhecimentos mínimos, mas não nulos, de Filosofia: a maior parte deles obtidos na disciplina Lógica que tinha feito no último ano do segundo grau; e também nas aulas preparatórias para o exame vestibular, sobre Filosofia e História, que tínhamos que passar para ingressar no curso. Mas também cheguei aí já munido de uma módica biblioteca que me facilitou muito as coisas. Tinha aí alguns textos de Descartes, do próprio Hume, e os luxuosos volumes das obras de Platão e Aristóteles, publicadas por Aguilar. Entretanto, o que eu mais aproveitei naquele primeiro ano, foi meu bonito exemplar da *Historia da Filosofia Ocidental* de Bertrand Russel; também na edição de luxo de Aguilar.

Os professores não recomendavam essa obra; e, se alguém a mencionava, só era para impugná-la. Porém, eu era fiel a ela e a Russell; de quem gostava muito por ter lido *Por que não sou cristão*. E de fato nunca me di mal por ler, a levar em conta, as páginas um pouco superficiais, mas sempre saudavelmente irreverentes, da sua História da Filosofia. De fato, meu interesse por Hume não era algo alheio a essa leitura; embora o crucial aí haja sido a aula de meu querido professor. A exposição que Vasconi fez da análise humeana da ideia de causalidade e da inferência indutiva foi muito clara, como deve ser toda boa aula de Filosofia; e foi contundente: o suficiente para me deixar

perplexo. E não é fácil gerar uma genuína perplexidade filosófica num rapaz de dezoito anos. Mas foi assim: de pronto, o conhecimento científico parecia perder todo o fundamento; e fiquei desconcertado: não queria que a ciência pudesse ser considerada tão carente de alicerces quanto a Metafísica e a Teologia. Eu precisava achar uma saída, uma que fosse legítima, dessa perplexidade. E fui procurá-la com o próprio Vasconi. Ele deveria conhecer uma última parte da história que, por alguma razão, não tinha revelado. Algo que eu tampouco conseguia adivinhar.

Fui vê-lo uma tarde de novembro, em um dos horários de consulta prévios aos decisivos exames finais. Eram aqueles exames orais e públicos, prestados perante um tribunal de três professores, que, junto com o formato anual das disciplinas, pautavam o ritmo de nossos estudos. Pensava que se eu conseguia me dar bem naquela minha primeira conversa teórica com um filósofo profissional, poderia então escolher esse mesmo assunto como tema inicial no meu exame de dezembro. Com todos os seus defeitos, essa forma de avaliação (na qual nunca me destaquei como estudante) continua a me parecer a melhor para os estudos filosóficos de graduação. Se correta e honestamente conduzidos, nesses exames, que obrigam a estudar muito, a reprovação ou a aprovação, impõem-se como *aletheias* indubitáveis. Ademais, o próprio exame constitui uma instância de aprendizado que é bastante enriquecedora para o aluno.

A entrevista foi no vértice sudoeste do segundo andar da faculdade, onde naquela época ficavam a direção, a biblioteca e a sala de professores da Escola de Filosofia. Os móveis de madeira escura, enobrecidos pelo uso e um pouco humilhados pelo descaso, os livros em diferentes idiomas que aguardavam nas prateleiras como monumentos e como promessas de tempos melhores, assim como a derradeira luz dourada daquele fim de tarde, o *assobornavam* tudo. Reinava ali uma leve solenidade minguate que se dissipou com a saraivada de afabilidade com que fui recebido pelo professor. Animei-me a explicar o que havia entendido de Hume, e depois de estar seguro de que eu tinha captado o essencial dos seus argumentos, manifestei meu desconcerto a Vasconi. Todavia, embora plausível, a saída que ele me ofereceu não me pareceu convincente. Digamos que foi uma resposta *metaepistemológica*: se eu não queria ficar atolado no *problema de Hume*, teria que pensar o conhecimento a partir de outra perspectiva.

A alternativa que ele me propunha tinha a ver com o que já havíamos começado a estudar nesse mesmo ano em *Introdução à Filosofia* e ainda iríamos aprofundar no ano seguinte, na disciplina *Antropologia Filosófica*: que sempre foi “A Cadeira de

Vasconi”, aquela na qual ele desenvolvia suas próprias ideias, apresentando-as em um percurso bastante original pela tradição fenomenológica. O nome da disciplina não deve levar a engano: o que ali se desenvolvia era uma abordagem fenomenológica do conhecimento, que estava apoiada, sobretudo, na filosofia de Merleau-Ponty e também no Heidegger de *Ser e Tempo*. Os mesmos conteúdos poderiam ter sido tratados na disciplina de *Gnosiologia*, e isso haveria sido muito melhor do que o obsoleto e maçante *realismo tomista* do esdrúxulo Iturralde. Seja como for, e malgrado o fato da antecipação que tivemos desses assuntos em *Introdução à Filosofia* já me tinha interessado, eu suspeitava que esse enfoque não me convenceria jamais. Uma coisa era não cair no *problema de Hume*, outra era superá-lo: por solução ou por dissolução. Vagamente, eu aspirava a uma dessas duas últimas alternativas: não queria olhar para outro lado, não queria *desconversar*.

De todo modo, as aulas de Antropologia Filosófica a que assisti em 1980 foram ainda melhores que aquelas de *Introdução à Filosofia*. Mas o *problema de Hume* continuava a me inquietar. Comecei a suspeitar que minha falta de formação em Epistemologia não me permitia vislumbrar a saída. ‘Epistemologia’ era a expressão com que se designava a Filosofia da Ciência, e na faculdade, por aqueles anos, essa palavra se relacionava ao nome de Raimundo Pardo: um velho professor que tinha sido cassado pela ditadura um ou dois anos antes de meu ingresso à Universidade. Alguns diziam que Pardo era um verdadeiro inovador no campo da Epistemologia, e que a isto se devia sua exclusão: sua filosofia, o *empirismo evolutivo*, conjugava dois termos que não eram bem quistos naquele ambiente. O fato de que uma das últimas edições do dicionário de Ferrater Mora dedicasse a Pardo um pequeno verbete, dava crédito a essa fama. Por isso eu o busquei: para pedir-lhe que me guiasse em meus primeiros passos pelos estudos epistemológicos.

Não me lembro de como cheguei até ele. Acredito que foi por acaso, na rua. O fato é que Pardo acabou me recebendo em seu estúdio no Boulevard Oroño, onde tivemos uma conversa relativamente longa. Mas quase não falamos de Epistemologia. Contou-me, sobretudo, de sua expulsão da universidade, e o pouco que conversamos de Filosofia, dói-me dizer, não me impressionou muito. Deu-me uma lista de leituras que não adicionavam nada ao que já estudávamos na faculdade, e me disse para procurá-lo depois de concluir essas leituras para assim discutirmos. Saí ao Boulevard sabendo que não voltaria. Meses depois, todos souberam de seu suicídio. A ditadura tinha feito outra

vítima, e eu seguia sem poder encaminhar-me nos estudos epistemológicos. As aulas de *Antropologia Filosófica* continuavam muito boas, mas para mim já ficava claro que a Fenomenologia Existencial nunca seria minha praia. Menos ainda o Neotomismo, o Personalismo Cristão, a Axiologia de Max Scheler, e outras coisas assim que, naqueles anos aziagos, perambulavam pela faculdade; como se ela fosse um Parque Jurássico filosófico.

Todavia, tendo feito um mau primeiro ano de faculdade e tendo que dedicar o segundo ano a recuperar o tempo perdido, cursando o máximo permitido de disciplinas, eu não tinha muito tempo para me ocupar de outra coisa que não fosse estudar todos esses temas tediosos que incluíam, por exemplo, as legiões celestiais: com seu escalão de querubins, serafins e arcanjos. A saída do pântano chegaria só no ano seguinte, em 1981, coincidindo com o momento no qual, depois de suspender um longo e agressivo tratamento contra asma feito na base de corticoides, eu tinha conseguido reencaminhar meus estudos. Fora da universidade, graduados de vários cursos, em sua maior parte psicanalistas e antropólogos, estavam organizando um ciclo de aulas de Epistemologia que seriam ministradas por dois professores de Rosario e outros dois vindos de Buenos Aires. As sessões seriam às sextas-feiras, no final da tarde, durante a primeira metade do ano, e aconteceriam na sede da Associação Médica. Pagando a matrícula correspondente, eu poderia frequentá-las.

Os dois professores de Rosario eram conhecidos meus: Peter Lewis e Héctor Vásquez, ambos cassados da universidade pela ditadura. O primeiro tinha sido professor de Física na Faculdade de Ciências Exatas e Engenharia da UNR. A mesma faculdade em que tinha ministrado aulas Bepo Levi. Vasquez tinha sido professor no curso de Antropologia que havia funcionado em minha faculdade até ser fechado pela ditadura em 1976. Ambos seriam reintegrados à Universidade em 1984. Foi conversando com Lewis, nas madrugadas eternas daquela época, que comecei a ouvir falar de Mecânica Quântica, do Princípio de Incerteza, do Teorema de Gödel, das geometrias não euclidianas, e até de um brasileiro chamado Newton da Costa. Os portenhos eram Eduardo Issaharoff, médico psicanalista, e nada menos que Gregorio Klimovsky: formador reconhecido de várias gerações de professores argentinos de Filosofia da Ciência. Na época ele também sofria o exílio interno. Por isso estava obrigado a depender, pelo menos parcialmente, daquela irregular e difusa para-universidade

autofinanciada, à qual eu devo muito de minha primeira formação filosófica. Sobretudo aquela que tem a ver com o que acabou sendo minha especialidade.

As aulas abrangeram vários assuntos. Mas as melhores foram as que Issaharoff e Klimovsky ministraram sobre Popper, e também as que este último ministrou sobre Lakatos e Kuhn; e dentre elas, as que mais me impressionaram foram as que trataram de Popper: eu via que por ali se insinuava uma solução para o *problema de Hume*. Porém, essa primeira impressão só se articulou melhor depois de o ciclo acabar: quando comecei a ler os livros de Popper. O primeiro foi *Conjeturas e Refutações*: comprei a edição da Paidós em 30 de julho de 1981. Foi numa banca da feira de sebos que até hoje é armada na praça em frente aos tribunais de Buenos Aires. Tinha viajado para lá com meu irmão mais velho, Rolando, e seu companheiro de Agronomia, Julio Galli, hoje professor de Produção Animal na UNR. Fomos visitar a exposição rural de Palermo. Mas dessa vez apenas a percorri. Deparei-me com o livro no primeiro dia, e passei a maior parte do tempo lendo Popper.

Era a primeira vez que podia seguir claramente o raciocínio de um filósofo por minha conta, sem a mediação de um manual. Ademais, era a primeira vez que encontrava um filósofo que se formulava questões que eu imediatamente reconhecia como pertinentes e relevantes, e as encarava de uma maneira que eu achava imediatamente compreensível e plausível. Minha porta de entrada à Filosofia da Ciência foi o *problema de Hume*, mas a primeira luz que pude acender para enxergar – e não só tatear – o que tinha ali dentro, foi aquele livro de Popper. Interrompi a leitura só para visitar o estande dos cavalos crioulos, para ir ao jardim zoológico e para jantar em *Los inmortales* e em *El palacio de la papa frita*. Todas velhas paixões que eram anteriores à Epistemologia.

Depois começaram a vir os outros livros de Popper: as edições da Tecnos de *Conhecimento Objetivo*, *Busca inacabada* e *A Lógica da pesquisa científica*. Este foi o último desses três títulos a que tive acesso. Mas antes de chegar à *Lógica*, já tinha lido *Miséria do Historicismo* na edição de Alianza, e também *Sociedade aberta e seus inimigos* numa edição da Paidós que não incluía as notas. Essas duas obras, ademais, influenciaram-me politicamente. Em grande medida, minha simpatia pelo radicalismo social-demócrata de Alfonsín, que seria eleito presidente em fins de 1983, veio daí. Mais tarde chegaram os *PostScript* da *Lógica*, em particular *O universo aberto*; e também *O eu e seu cérebro*. Porém, antes disso, minhas leituras popperianas também se

viram potencializadas pelo ciclo de aulas sobre Filosofia da Ciência que Félix Schuster ditaria no Colégio de Arquitetos de Rosario durante a segunda metade de 1981.

Schuster, um docente memorável, brilhante e histriônico, foi outro grande formador de professores de Filosofia da Ciência. Como Klimovsky, ele também aproximou os estudos epistemológicos de pessoas que tinham se formado e atuavam nas mais diversas áreas científicas e profissionais. O enquadramento institucional de seu curso, por outro lado, era semelhante ao daquele ministrado na Associação Médica: um grupo de graduados (nesse caso eram menos psicanalistas e mais profissionais de áreas como História, Ciência Política e Antropologia) fixava uma matrícula de inscrição para pagar aulas, diárias e passagens do docente que viria de Buenos Aires. Schuster também estava excluído da universidade, e sua situação não deve ter sido muito diferente da de Klimovsky. O conteúdo de suas aulas, em troca, foi outro. O foco estava no modelo nomológico de explicação e nas dificuldades que implicava tentar pensar a explicação em ciências humanas a partir desse esquema.

Eu já tinha escutado alguma coisa sobre o modelo nomológico de explicação em uma conferência que Graciela Barranco ministrou na faculdade. Interessei-me muito, a ponto de comprar o livro de Hempel – *Aspects of scientific explanation* – na edição da Paidós intitulada *La explicación científica*. Mas a leitura não foi fácil. Já com a ajuda das aulas de Schuster e seguindo a exposição que o próprio Popper fazia desse modelo, comecei a entrar no assunto. Popper tinha delineado essa representação da explicação científica antes de Hempel: já na *Lógica*; e ele também se antecipou a Hempel na discussão sobre a sujeição das ciências humanas a esse modelo de explicação. Essa questão ficou claramente colocada em *Miséria do Historicismo*. No que tange a isso, Popper adotou uma posição semelhante àquela que Hempel adotou mais tarde: esse modelo também pautaria as ciências humanas. Depois, a partir de 1960, Popper revisou esse *monismo explicativo*. Apelando para o conceito de *análise situacional*, ele chegou a uma recuperação muito interessante, *não subjetivista*, da ideia de *compreensão*.

De fato, enquanto Schuster desenvolvia seu contraponto com Hempel, eu, acompanhando-o, estabelecia um diálogo com Popper: autor cujas linhas de raciocínio eu podia seguir mais facilmente, e cujas colocações sobre esses temas sempre me pareceram melhor direcionadas que as de Hempel. O tratamento que Popper dava ao problema da explicação e da causalidade era, por outro lado, complementar à suas considerações sobre a avaliação e o progresso do conhecimento científico. Entender

melhor esses aspectos da argumentação popperiana acabou reforçando minha convicção de que, dentro da perspectiva do *racionalismo crítico*, o *problema de Hume* se dissolvia. O fato foi, porém, que essa convicção só serviu para me pôr perante um novo problema que me ocupou durante os trinta anos seguintes: *como entender a forma e a legitimidade das explicações e das imputações causais que se formulam em ciências que não contam com leis causais que dêem sustentação a essas explicações e imputações*. As ciências humanas estariam entre essas ciências anômalas. Mas pelo que Popper dizia em algumas passagens de seus escritos, esse também poderia ser o caso da Biologia Evolucionária.

A temática da evolução me interessou sempre. Poderia dizer, inclusive, que foi desde que, numa *siesta* na Rua Godoy Cruz, quando eu tinha quatro ou cinco anos, minha mãe nos leu um livrinho sobre os animais pré-históricos. Por essa mesma época, além disso, meu pai nos trouxe de presente um ‘brontossauro’ de plástico verde que ele tinha comprado na *Sinclair Dinoland* da Feira Mundial de Queens, em 1965; e também nos mostrou um diapositivo do gigantesco tiranossauro que ali era exibido junto a outras réplicas desses animais fantásticos. O fato é que, uma vez alfabetizado, nunca deixei de ler tudo o que caísse em minhas mãos, e que eu estivesse em condições de entender, sobre evolução. Embora tampouco deixasse de me interessar qualquer livro que identificasse e descrevesse todo tipo de animal, sobretudo se, ademais, também explicasse algo sobre suas *condições de existência*, sua distribuição geográfica, sua classificação e sua genealogia. A evolução humana também me interessava muito e, por isso, até cheguei a pensar – erroneamente, claro – que o curso de Antropologia poderia ser uma opção para meus estudos universitários. Depois percebi que para mim só havia uma alternativa: a Filosofia.

O que nunca passou pela minha cabeça foi estudar Biologia na universidade, e me alegro que haja sido assim: a forma como eu podia ler a ciência era a própria de um estudante de Filosofia, nunca a de um estudante de Biologia. Interessou-me sempre mais a história e a gramática da representação do ser vivo do que a própria natureza, evolução e funcionamento do vivente. E se isto último me interessa, é para entender melhor a sua representação. Flanar reflexivamente pelo museu de História Natural sempre me agradou mais do que a simples ideia de adentrar o mato para explorá-lo ou trancar-me em um laboratório para trabalhar num experimento.

O fato é que, quando ingressei na carreira de Filosofia, eu continuava interessado na Biologia Evolucionária, e meu interesse foi reavivado e reencaminhado pelo número especial sobre evolução que *Scientific American* publicou em 1978. Meu irmão mais velho era assinante de *Investigación & Ciencia*, que é a edição espanhola dessa revista, e foi por aí que eu cheguei a esse número composto por contribuições originais de evolucionistas de primeira linha, como Ernst Mayr, Francisco Ayala, James Valentine, John Maynard Smith, Sherwood Washburn e Richard Lewontin. Naquela época esses nomes não significavam nada para mim, mas agora vejo que foi um privilégio poder ler seus trabalhos nesse momento. De todos eles, os que mais me marcaram foram os escritos por Mayr e Lewontin.

O texto de Mayr me impressionou imediatamente porque explicitava claramente as coordenadas fundamentais para uma análise epistemológica da teoria da evolução. Já o trabalho de Lewontin, sobre o conceito de *adaptação*, teve que aguardar que minha leitura das reflexões de Popper sobre o darwinismo como *programa metafísico de pesquisa* me mostrasse que ali se colocavam algumas questões epistemológicas muito importantes. E é obvio que a leitura de Popper também me permitiu um melhor aproveitamento do texto de Mayr. Na realidade, eu nunca deixei de voltar para ambos os escritos. Como tampouco deixei de voltar a *Sobre a evolução*: uma antologia de textos de Maynard Smith que também caiu em minhas mãos naquela época. Desta lembro, sobre tudo, a forma em que aí se apresenta a distinção entre darwinismo e lamarckismo; que reencontrei em Popper, e depois me foi útil em muitos trabalhos.

Todavia, malgrado essa convergência precoce entre meus interesses filosóficos e meu interesse pela Biologia Evolucionária, eu ainda demoraria alguns anos para ensaiar uma incursão metódica na Filosofia da Biologia. Primeiro porque tinha que atender às exigências das disciplinas frequentadas na faculdade, e segundo porque, em 1981, começaram a ocorrer algumas novidades no cenário político que, de forma indireta, influíram em meus estudos. Não nos que realizava na faculdade, mas nos que eu vinha realizando paralelamente. O ditador alcoólatra e assassino, Roberto Viola, substituiu o ditador abstêmio e assassino, Jorge Videla, insinuando, vagamente, que almejava iniciar uma abertura política parcial, paulatina e tutelada: *a la brasileña*, se falava. Isso, por pouco que fosse, deu margem para alguns grupos políticos começarem a operar com um pouco mais de liberdade: numa ilegalidade semi-tolerada.

O Partido Comunista foi um desses grupos, e entre as atividades retomadas estava a de vender livros dos clássicos do marxismo. Atividade feita, obviamente, na clandestinidade. Foi assim que entrei em contato com alguns militantes comunistas que já conhecia, e uma tarde, na mesa de um café, fazendo cruzeiros em um velho catálogo mimeografado, fiz meu pedido. Era bastante grande, e incluía títulos como *A Ideologia Alemã*, *A sagrada família*, o *Manifesto Comunista*, *Anti-Dühring*, *A Dialética da Natureza*, *Contribuição a uma crítica da Economia Política*, e até *Materialismo e empiriocriticismo*. Tampouco deixei de comprar um par de manuais de Materialismo Histórico e Materialismo Dialético, daqueles escritos por autores soviéticos. Estes, ao igual que Lênin, sustentavam uma teoria do conhecimento que não estava muito longe do realismo tomista; a até era mais simplória do que este último. Os três volumes de *O Capital*, na edição de Fondo de Cultura Económica, vieram um pouco mais tarde; quando já deu para comprá-los numa livraria.

Levaram-me aqueles livros em casa, na Rua Santiago, um meio-dia. Minha mãe, enquanto fazia o cheque, me perguntou: ‘E agora, o que vamos falar para a polícia quando vier?’. Nada que fosse descabido perguntar, dados os tempos que se tinham vivido. Mas as coisas, efetivamente, tinham começado mudar um pouco, e eu queria recuperar o tempo perdido. A polícia, por sinal, nunca nos visitou. Acompanhado por quem depois veio a ser minha esposa, e que agora também é professora no Departamento de Sociologia Política deste centro, começamos a ler aqueles livros, e o fizemos com toda a tranquilidade e muitíssima atenção. Reuníamos-nos à noite, depois de estudar durante a manhã e a tarde o que nos exigiam na faculdade.

Ler Marx, Engels, Lênin, e mais tarde Trotsky, Mao Tse-Tung e até Stalin, era tentar restabelecer uma ponte com um passado relativamente próximo que nos tinha sido negado e sequestrado. Muitos anos depois, lamentei não termos incluído Arturo Jauretche nessas leituras: isso nos haveria permitido entender melhor como tinham sido as coisas em nosso país. Não era esse, entretanto, o principal objetivo de minha leitura. Eu lia esses livros, que em pouco tempo pululariam por toda parte, com dois objetivos muito precisos: avaliar a crítica de Popper ao marxismo e determinar se ali, na tradição marxista, eu poderia encontrar algo realmente importante para minha formação em Filosofia da Ciência, disciplina à qual já tinha decidido me dedicar. Com respeito ao primeiro ponto, concluí que a crítica de Popper era uma simples chicana; e quanto ao segundo, concluí que pouco ou nada nesses textos poderia me servir como base para os

estudos epistemológicos. O Materialismo Histórico poderia ser analisado de um ponto de vista epistemológico, mas não parecia prover instrumentos para esse tipo de análise.

A proscrição tinha revestido essas obras de uma pátina de prestígio excessivo. Todo estudo e toda reflexão pareciam poder ser adiados até o momento de chegar a eles. Entretanto, a leitura daquelas páginas estava muito longe de confirmar essas expectativas. O texto de Mao Tse-Tung, *Sobre a contradição*, que alguns consideravam como uma espécie de *Necronomicon* marxista cuja simples leitura produzia conversões revolucionárias, pareceu-me o exemplo mais extremo disso. O próprio Materialismo Histórico me parecia convincente: vi ali chaves imprescindíveis para a interpretação da sociedade e sua história, e não mudei de opinião a esse respeito. De tudo isso, porém, não saía nada para a Filosofia da Ciência, e se saía, era irrisório: como *Materialismo e empiriocriticismo* de Lênin. Quando, mais tarde, cheguei aos textos de Althusser, um autor que nos anos oitenta já quase ninguém leu, encontrei, todavia, algumas coisas interessantes a esse respeito. Sobretudo no *Curso de filosofia para cientistas*. Mas Althusser já tinha a ver com outro ciclo de leituras que se iniciou no ano seguinte: em 1982.

Em Rosario, pelo menos, a modalidade mais comum da para-universidade não era a dos ciclos de aulas como aqueles que eu tinha feito sobre Filosofia da Ciência. O costumeiro eram os *grupos de estudo*. Uma prática surgida no campo da Psicanálise que ainda hoje perdura dentro desse espaço. Eram grupos de leitura que se reuniam semanal ou mensalmente para, sob a supervisão de um coordenador pago por aula, analisar e discutir textos previamente estipulados. O mais comum era a leitura de Freud e Lacan, e os coordenadores eram, em geral, psicanalistas de algum prestígio entre seus colegas. Havia, porém, algumas exceções, como as dos grupos coordenados por Nicolás Rosa: psicanalistas e estudantes de Letras apelavam para ele, quase como se fosse um guru, com o intuito de estudar temas de Linguística Estrutural, Semiótica e Teoria Literária.

De valor desigual, alguns desses grupos de estudo foram espaços de formação muito importantes naqueles anos. Sem considerar sua existência, assim como a existência dos outros espaços para-universitários, ninguém poderia entender como foi que nesse momento iniciaram algumas trajetórias de estudo e formação totalmente alheias aos discursos que circulavam na universidade. Foi precisamente num desses grupos de estudo que, em 1982, eu tomei contato com a Epistemologia Histórica francesa: o grupo

era coordenado por Juan Ritvo, que tinha estudado Filosofia, mas atuava como psicanalista.

Nesse ambiente ele já era bastante reconhecido, e foi ainda mais reconhecido nos anos seguintes. Possivelmente nem tanto como terapeuta, mas como um *teórico* da Psicanálise. Com a democracia, ele iria ingressar na universidade como docente nos cursos de Psicologia e Filosofia. Nós éramos meia dúzia de alunos: Alberto Giordano e Glória Marroco, formados em Letras; Ricardo Bianchi, Nora Grigoleit, Sandra Cucurullo e eu, estudantes de Filosofia. Nem todos se interessavam por Epistemologia. Mas devido à minha insistência, as primeiras sessões foram dedicadas a Bachelard, de quem limos *A formação do espírito científico* e *Filosofia do não*. Depois entramos nos *Estudos sobre a História do Pensamento Científico*, de Koyré. Daí limos alguns capítulos que até hoje me servem como referência em meu trabalho. De fato, na hora de fazer História Epistemológica, Koyré é um de meus modelos: os outros são Stephen Toulmin e Jean Gayon. Muito mais do que Georges Canguilhem, que nesse momento não estudamos, e ao qual comecei a frequentar mais tarde.

Até pode parecer esquisito que a Filosofia e a História da Física sejam temas para estudar sob a supervisão de um psicanalista. Mas na Argentina daqueles anos não era assim. Influenciados pela recepção da Psicanálise francesa propiciada por Américo Vallejo e Raul Ciarreta no início dos anos setenta, alguns psicanalistas argentinos chegaram a considerar que o estudo de autores como Bachelard, Koyré e Althusser era central para a formação de um analista. Foi por esse canal que seus textos começaram a circular na Argentina. Ritvo, entretanto, já não tinha muitas esperanças em que ali se pudessem encontrar chaves úteis para entender a Psicanálise. Por isso, com a anuência dos outros membros do grupo, foi levando o temário em outra direção.

Porém, antes de nos desviarmos totalmente desses assuntos, o grupo se deteve em *A pergunta pela coisa* de Heidegger: o único dos escritos desse autor em cuja leitura eu consegui avançar e aproveitar alguma coisa. De fato, bastante. Graças a essa leitura pude inserir Galileu na História da Filosofia e Descartes na História da Ciência. Mas, além disso, esse livro também me serviu para melhorar minha compressão de Platão e de Kant. Essa já é uma dívida grande que tenho com Ritvo. Mas nem a única, nem a principal. Aquele grupo de leitura e discussão permitiu que eu ficasse melhor posicionado perante os estudos filosóficos: de uma forma mais ativa e profícua que aquela propiciada pela faculdade. Mas disso falarei um pouco depois; agora prefiro

aludir ao percurso que seguiram nossas leituras depois de termos abandonado os temas epistemológicos.

No ano seguinte, em 1983, o grupo tencionou o estudo de Derrida, Deleuze e Lacan. O primeiro chegou a me interessar um pouco, e até me vali dele em um dos dois TCCs que eram exigidos para concluir o curso. Os outros dois autores, porém, não me agradaram nem de longe. Acredito que aos três, e também a Heidegger, cabe muito bem aquilo que Valéry falou da profundidade. Eu acredito, todavia, que é justamente isso o que explica a repercussão que esses autores têm nos nossos meios acadêmicos. Onde a reflexão filosófica tende a ser confundida com a exegese de textos considerados clássicos, ou consagrados, obras como as desses autores permitem jogos hermenêuticos inesgotáveis e ilimitados, sem que exista qualquer parâmetro claro a partir do qual julgar tais interpretações.

Porém, malgrado meu desencanto com esses autores que tantas expectativas suscitavam, e continuaram a suscitar, meu contato com Ritvo – conforme já falei – acabou me fornecendo algo muito mais importante do que a leitura de Koyré, Bachelard ou Heidegger. Com ele aprendi que o estudo da Filosofia não existia sem a escrita filosófica. Ler um texto de filosofia não podia ser outra coisa que cooptá-lo na articulação de outro texto diferente: divergente ou convergente com o primeiro. A escritura é a materialização da leitura; e eu sempre fui simpático ao materialismo. Tudo isso foi crucial para mim; porque assim pude ver que havia uma forma de estudar filosofia mais fundamental do que aquela praticada para ser aprovado em exames.

Von Hayek distingue *dois tipos de mentes*, ambas necessárias, segundo ele, nas instituições de ensino superior: a dos *atontados* e a dos *mestres em seu tema*. Eu sou do tipo *atontado*, e para os do meu tipo, essa concepção da leitura na qual Ritvo tanto insistia é decisiva. Nós, os *atontados*, somos péssimos para os exames porque nos custa reproduzir o sabido. Só podemos nos apropriar do conhecimento já instituído de uma forma puramente reconstrutiva. Diria que até perigosamente reconstrutiva. Só podemos nos apropriar do já dito dizendo algo distinto que de algum modo o contemple, na síntese ou na aporia. No meu caso, isso significa que só posso estudar, e pensar, escrevendo: o que não quer dizer *tomando notas*, claro. Para um *atontado*, é preciso dizer, escrever custa menos que para um *mestre no seu tema*, porque o *atontado* tem maior capacidade de esquecimento. Pensar, como diz Borges em “Funes, el memorioso”, é *esquecer diferenças*.

Tive oportunidade de ver isso na disciplina Seminário I. Era ali que deveríamos começar a preparar o primeiro dos dois TCCs do bacharelado. Tínhamos bem pouca liberdade para escolher o assunto, que deveria vincular-se aos temas discutidos e analisados nas aulas dessa disciplina. Mas o pior de tudo era que a mesma estava nas mãos de Cleres Kant: uma mulher que parecia estar *fora de quício*. Era muito difícil determinar qual era exatamente o tema das suas aulas. O que sim ficava claro é que ela era uma fascista. Em uma oportunidade, consultei-a sobre a possibilidade de desenvolver um trabalho focado em Karl Popper, e ela me respondeu que isso não era possível: devido a suas posições políticas, esse não era um autor bem visto na faculdade. A senhora Kant se referia a *Sociedade aberta e seus inimigos*. Assim eram as coisas ainda em 1982. O que eu deveria fazer, falou ela, era me limitar a algum dos autores discutidos durante as aulas.

Felizmente, entre as leituras que ela tinha selecionado estava *Mito e Linguagem*, de Ernst Cassirer. Não parecia que nossa professora gostasse muito desse autor; mas era evidente que o tema do mito a fascinava. Não por algum interesse etnográfico, mas porque ali, no discurso mítico, *não sei que coisa* se revelava. Anos depois, lendo *O modernismo reacionário*, de Jeffrey Herf, eu pude entender de onde vinha essa fascinação perversa. Tampouco foi, de todo modo, o tema do mito o que me interessou nesse texto de Cassirer; mas sim algumas teses sobre a origem da linguagem ali enunciadas. Teses mais bem desenvolvidas em *A Filosofia das Formas Simbólicas*: obra na qual me debrucei com muita atenção.

Cassirer vinculava a origem e a evolução da linguagem com a ação, o que me parecia muito bom. Mas fazia isso de uma forma *instrutivista*. Eu pensava, darwinista e popperiano, que era melhor fazê-lo de uma forma selecionista. Isso, na realidade, era Popper pautando minha leitura de Cassirer: permitindo-me avaliar e reformular suas teses. Por aí iria meu primeiro TCC. Mas, para evitar outra negativa, não consultaria a professora sobre minha escolha. Camuflaria Popper aludindo diretamente à oposição lamarckismo-darwinismo; e, suspeitando que a mulher tampouco iria gostar muito disso, só voltaria a falar com ela uma vez que o trabalho estivesse pronto. Em política, nada melhor que os fatos consumados, e se tratava disso: de política.

No verão de 1983, passei três meses no inverno dos Estados Unidos, já no perpétuo esforço de aperfeiçoar meu inglês. Fiz um curso na *Universidade de Delaware*. Na volta, me apercebi do que tacitamente eu já sabia: o país era outro. A derrota nas

Malvinas, ocorrida em junho do ano anterior, tinha acelerado os tempos políticos. A ditadura estava em franca retirada: só ocupada em minar o campo (econômica, legal e politicamente) para a futura república. A partir daí, todas as organizações políticas realmente democráticas começaram a operar para propiciar o retorno à ordem constitucional. Nas universidades, o movimento estudantil se rebelou contra as autoridades interventoras, recuperando suas organizações políticas: aquelas que existiam desde a *reforma de 1918*.

Tudo isso ocorreu rápida e intensamente na nossa faculdade. Eu entrei decididamente em toda essa agitação. E como eu, muitos: pelo menos toda a gente que eu queria e apreciava. Antes que terminasse 1982, o ambiente da faculdade tinha mudado substancialmente. Nós o tínhamos feito mudar. Todavia, depois de passar os três primeiros meses de 1983 fora do país, pude notar que a mudança era maior do que eu mesmo tinha percebido. Concluí que, a essa altura dos acontecimentos, já tinha margem para não me ajustar às arbitrariedades obscurantistas de qualquer dos meus professores. Aliás, eles mesmos já sabiam que não tinham mais margem para as condutas autoritárias que muitos deles tinham adotado naqueles anos de ditadura; e alguns até estavam começando a tirar a poeira de algumas fracas e imprecisas convicções democráticas que, naqueles anos, tinham deixado muito bem escondidas em algum baú.

Nesse clima novo, sentei-me a escrever, descobri que nunca deixaria de fazê-lo, e em três meses o trabalho ficou pronto. Nos exames de julho, meu primeiro TCC (*Linguagem e ação na obra de Ernst Cassirer: uma crítica darwinista*) foi aprovado: malgrado o óbvio desgosto da professora. Consegui fazer esse trabalho, que ainda posso ler sem rubor, porque exerci a obrigação de pensar por mim mesmo. O contexto político deu-me espaço para isso; e assim também confirmei que o estudo da filosofia só pode ser um exercício crítico, insubmisso à autoridade. Permiti-me usar Popper num contexto não imediatamente previsto em seus escritos, e também me permiti uma módica dissidência com um autor admirável como Cassirer. Li os textos de ambos como Ritvo nos dizia que deveríamos ler. Compus um texto próprio; quer dizer: articulei um fragmento perdoável de discurso filosófico.

Ainda fiz o mesmo com o segundo TCC, que defendi no início de 1984: *Elogio do Happening*. Mas aí o assunto foi outro: um paralelo, por mim proposto, entre essa expressão da *Pop-Art* e o teatro da crueldade de Artaud, conforme este era interpretado por Derrida. Ademais, deixando também muito contrariada Rosa María Ravera, que era

a professora de Seminário II, nessas mesmas páginas me vali de Derrida para criticar Umberto Eco. O conceito de *obra aberta* propiciado por este último me parecia extremamente conservador e restritivo. Eram dias de rebeldia festiva, e eu me entregava a ela como a uma festa pagã: inclusive no modo de conduzir meus estudos. Demoraria muito em voltar a ser tão feliz quanto naqueles dias em que a ditadura ia embora. E foi com esse mesmo espírito que eu já tinha encarado meu estágio de ensino na segunda metade de 1983.

Assumi as aulas de Teoria do Conhecimento de uma disciplina de Filosofia que era ministrada no instituto terciário do *Centro Educativo Latino-Americano*, e organizei-as com base na introdução de *Conjeturas e Refutações*. Apresentei o empirismo e o racionalismo como Popper fazia, e desenvolvi suas críticas. Atrevi-me a tomar partido, e foi por isso que as aulas foram bem sucedidas. Eu podia explicar porque estava *me* explicando: estava *dando razão* das minhas próprias posições, que naquele tempo eram as de Popper. A experiência me serviu para encarar tudo o que viria no ano seguinte, mas também toda a minha carreira docente posterior. Uma aula de filosofia tem que ser organizada em torno de um problema e ser o desenvolvimento de um argumento que tenda a justificar uma alternativa de solução para esse problema. Uma aula de Filosofia procura a polêmica. Isso pode ser feito em contraponto a um texto de Descartes, de Wittgenstein, de Aristóteles, ou a um conjunto de textos mais amplo e difuso. O tratamento desses textos deverá ser rigoroso e muito claro, porque disso dependerá a legitimidade, a honestidade e a força persuasiva de nossos argumentos.

Na Filosofia, e acredito que nas humanidades clássicas em geral, não há diferença real entre pesquisar e ensinar. Pesquisa-se para articular um discurso pronunciável em aula, e nas aulas as dificuldades e enguiços desse discurso ficam em evidência, obrigando-nos a revisá-lo, a melhorá-lo ou a esquecê-lo. A irrecusável exigência de publicação adiciona rigor a essa dialética, e respalda seus resultados. Falar é como esculpir os pensamentos nas nuvens, no máximo: em gelo. Escrever – seria exagerado falar de mármore – é os entalhar em madeira, que sempre pode ser melhor burilada, polida; e, se nada dar certo, até queimada. Pensar é articular um texto legível; e a clareza do pensamento se identifica com a legibilidade do texto que o encarna. Essa forma de entender o que seria a labor da minha vida, acabou guiando a maior parte da minha carreira docente. Eu acho difícil falar de ensino e pesquisa como coisas

separadas: sempre tentei fazer que, pelo menos no meu caso, elas marchassem juntas, se realimentando e apoiando mutuamente.

Mais ainda: considero que organização do trabalho docente deveria assumir essa indissolubilidade entre pesquisa e ensino, sem perturbá-la com práticas perniciosas, amigas da improvisação e da superficialidade, como o *rodízio de disciplinas*. As aulas ganhariam em qualidade e os resultados obtidos na pesquisa seriam maiores e melhores. Agora, após 30 anos no exercício da docência universitária, vejo isso com toda clareza e plena distinção. É nas minhas aulas de Filosofia da Ciência no curso de Ciências Biológicas da UFSC, que ministro quase sem interrupção – semestre após semestre – desde que me incorporei ao departamento, onde melhor tenho conseguido sustentar e desenvolver essa sinergia entre pesquisa e ensino. Tudo o que pesquiso transforma-se em conteúdo de aula, e o devir das aulas vai pautando minha agenda de pesquisa. O mesmo vale, ademais, para as aulas das disciplinas de Filosofia da Biologia e de História da Biologia que, com frequência muito menor, ministro no nosso programa de pós-graduação.

Tem que ser assim. Como falei, nas nossas áreas a pesquisa e o ensino são atividades que devem estar cotidianamente articuladas: investiga-se e escreve-se para dar melhores aulas, e estas nos exigem sempre maior clareza e melhor articulação nos resultados de nossas próprias pesquisas. Há uma coisa que os administradores educacionais ainda não parecem ter percebido: a Filosofia é uma disciplina de pesquisa barata, mas de ensino caro. A Filosofia não requer de laboratórios custosos para se desenvolver, mas mal pode ser ensinada sem pressupor longas, e calmas, horas de leitura, de reflexão, e de escrita por parte dos docentes; e, se quer ter ensino de Filosofia, alguém tem que pagar essas horas: caso contrário, o que chega à sala de aula não é o discurso filosófico, mas sim um balbucio no qual se misturam ideologia, superstição e o mais pobre senso comum.

A Filosofia, isto vale até para a Filosofia da Ciência, é, em grande parte, um exercício de *cuidado de si*. Ela é uma busca obsessiva e infindável de clareza e precisão no próprio pensar e falar. Ela é, neste sentido, uma preparação permanente para o ensino, e este serve para evidenciar nossos fracassos nessa busca de clareza e precisão. O ensino sempre nos pede mais clareza, maior precisão e melhor articulação em nosso pensamento. Aquilo de *não tenho nada para oferecer a ninguém, exceto a minha própria confusão* pode servir para um *beatnik* de brinquinho e tatuagem, mas não para um professor de Filosofia.

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL



**PRÉDIO NO QUAL FICAVA A FACULDADE DE CIÊNCIA POLÍTICA
& RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNR NOS ANOS OITENTA.**

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

RUMO AO TERMINAL MARIANO MORENO

ÊTRE TROP MÉCONTENT DE SOI EST UNE FAIBLESSE.
ÊTRE TROP CONTENT DE SOI EST UNE SOTTISE.

La Rochefoucauld
MAXIMES DE MADAME DE SABLÉ

Em 1983 a ditadura acabou. No dia 30 de outubro, a União Cívica Radical, partido em cuja expressão universitária, a Franja Morada, eu militava, ganhou as eleições. Em 10 de dezembro, Raul Alfonsín assumiu a presidência. Entre essas duas datas, eu voltei a me concentrar em meus estudos, porque os tinha deixado um pouco de lado: atos políticos e pichações noturnas de muros me tomaram muito tempo. E queria recuperá-lo. Meu objetivo era que para março só ficasse a apresentação do segundo TCC: aquele sobre o *happening*. Tínhamos que preparar, além disso, a intervenção democrática da faculdade. Engajei-me muito nesse tema, mas só vou dizer a respeito que foi um dos maiores fracassos de toda minha vida. Nenhuma de minhas expectativas se cumpriu. Do único que meu orgulho é de ter conseguido que Germán Fernandez Guizzetti, malgrado sua filiação política peronista, fosse nomeado diretor da Escola de Antropologia; que reabriu suas portas com a *intervenção democrática*.

Felizmente, no que tange a meus projetos pessoais mais imediatos, tudo aconteceu conforme eu tinha planejado. Não podia ser de outro modo: nesse contexto nenhum professor me reprovava em qualquer exame. Em março de 1984 me formei: obtive o título de *Licenciado y profesor en Filosofía*, que viria a ser algo assim como: *Bacharel e licenciado em Filosofia*. Tudo isso aconteceu justo a tempo de permitir que eu iniciasse minha carreira docente em um momento muito propício para isso: a matrícula universitária ia se expandir geometricamente; e muitos cargos viriam a ser criados. A porta de universidade seria mais larga para os estudantes; e, portanto, também deveria ser mais permeável para os professores.

Embora o ingresso *direto* na universidade, sem vestibular, só fosse adotado formalmente no ano seguinte, em 1985; muitas faculdades colocaram-no em prática já nesse mesmo ano de 1984. A Faculdade de Humanidades e Artes foi uma das primeiras. Por isso eram necessários muitos novos docentes para as cátedras de um *primeiro ano comum*, que atenderia todos os cursos da faculdade. Os cargos seriam inicialmente *ad honorem*, e depois, contemplados com salários exíguos. Essas cátedras tinham a

estrutura piramidal que continua a ser de praxe em muitas universidades argentinas: um *professor titular*, cujo salário também podia ser exíguo, acompanhado de uma escolta mais ou menos ampla, e nunca muito bem paga, de subordinados de diferente hierarquia: *professores adjuntos*, *chefes de trabalhos práticos*, *auxiliares de primeira categoria* e até *auxiliares de segunda categoria*, que seriam mais ou menos como os nossos monitores.

Nem sempre todas as hierarquias estavam presentes. Na carreira de Filosofia, por exemplo, a maioria das cátedras era composta unicamente de um titular com seu chefe de trabalhos práticos ou seu auxiliar. Umas poucas incorporavam algum adjunto. Outras só tinham o seu titular. Também existiam alguns *adjuntos a cargo de cátedra*. E em alguns casos até podia existir um *professor associado*, que ocupava um posto intermediário entre o adjunto e o titular. Mas, devido à quantidade de alunos e comissões que deviam atender, as cátedras daquele *ciclo básico comum* incluíam toda a hierarquia: um titular, vários adjuntos, mais uns quantos *chefes de trabalhos práticos* e *auxiliares de primeira*. Normalmente, os recém-formados, ou aqueles que não tinham nenhuma experiência no ensino superior, deviam aspirar a um cargo de *auxiliar de primeira*. Todavia, nesse momento em que havia muitos cargos disponíveis, alguma experiência prévia no ensino médio podia ser suficiente para obter a designação de *chefe de trabalhos práticos*.

Essa denominação sempre me pareceu esquisita. Deve ter surgido em faculdades de Medicina ou Engenharia, ou em cursos de Matemática ou Física, onde a ideia de *trabalho prático* parece aplicar-se melhor. No caso das humanidades, o trabalho prático acaba sendo uma atividade complementar da aula teórica, supostamente magistral, ministrada pelo titular ou adjunto. Nessas atividades complementares, o docente responsável, chefe de trabalhos práticos ou auxiliar, acompanha os alunos na leitura de textos previamente escolhidos *pela cátedra*, comentando-os, colocando discussões e atendendo às dificuldades de compreensão suscitadas pelos próprios textos ou pelas aulas teóricas. Muitas vezes, nesses *trabalhos práticos* também se realizam atividades de avaliação, como seminários e listas de exercícios, no caso de disciplinas que assim o exijam. Na Filosofia, esse pode ser o caso de disciplinas como Lógica, ou Latim e Grego. Além disso, chefes de trabalhos práticos e auxiliares atuam como ajudantes, quase como se fossem escudeiros ou secretários, de seus superiores: mais ou menos como hoje acontece com alguns bolsistas aqui no Brasil.

Naquela época na Argentina, praticamente não existiam programas de pós-graduação. Esses cargos subordinados eram a forma habitual, de fato a única disponível, de dar continuidade aos estudos universitários, uma vez concluída a graduação. O doutorado, segundo ainda se entendia, só viria depois de muitos anos: como um possível, e muitas vezes indefinidamente adiado, coroamento da carreira docente. Não como um pressuposto dela. Por isso, os diferentes níveis dessa carreira não estavam associados a titulações. Tudo era questão de antiguidade e de prestígio local. Publicava-se muito pouco, e em geral, nada. Nesse contexto, a criação daquelas novas cátedras destinadas a atender a um número inusitadamente grande de novos estudantes, foi uma oportunidade única.

Eu a aproveitei como também a aproveitaram muitos outros que estavam em situação análoga à minha, embora sua posição política fosse um pouco menos favorável. Os que éramos militantes da Franja Morada, ninguém desconhecia o fato, tínhamos muita influência em todas as decisões que as novas autoridades tomavam, porque, em grande medida, essas decisões dependiam de nosso aval. De qualquer maneira, todo mundo encontrava algum espaço naqueles dias, porque se criavam novos cargos ou porque era necessário substituir aqueles professores que eram exonerados por seus conluíus com a ditadura. Na realidade, esses pequenos espaços que estavam em jogo eram, por outro lado, bastante pouco importantes. Embora naquele momento não parecesse assim.

Inseri-me assim na cátedra de *Problemática do Saber*. Entretanto, tocou-me um pouco mais do que um cargo de *auxiliar de primeira*: foi-me dado um cargo de *chefe de trabalhos práticos*, e não excludo que tenha havido uma razão política para isso. Como em todos os outros casos, inicialmente foi uma nomeação *ad-honorem*, e depois o cargo foi miseravelmente remunerado. A disciplina era um misto de Teoria do Conhecimento e História Epistemológica francesa, conforme a tinha concebido sua titular, a professora Esther Kóbila. Esta docente, cuja carreira no ensino universitário viu-se truncada em 1975 pela *missão Ivanisevich*, era também a nova diretora da Escola de Filosofia. Tinha sido designada pela intervenção democrática com o aval da Franja Morada. Eu tinha, e continuo tendo, um grande respeito por ela: foi sempre uma excelente docente. Mas, infelizmente, a experiência naquela *cátedra ônibus* não foi boa: foi péssima.

O corpo docente era muito heterogêneo, de formação desigual, mal amalgamado, com nenhum compromisso com o projeto original da cátedra, e impossível de coordenar. Kóbila falava de Bachelard, de Koyré, de Canguilhem e de Althusser, mas

um dos adjuntos cujas turmas eu atendia nas aulas práticas usava o livro de Hessen como texto de referência. Tudo estava muito longe do que Kóbila propunha, e mais longe ainda do que eu esperava que a renovação democrática trouxesse para a universidade. Esse foi o início de uma grande desilusão, que não foi a única que me deixou esse momento da história argentina. Foram anos em que, fora a própria preservação de uma ordem democrática fraca e vacilante, tudo o que podia dar errado, dava errado. Assim, enquanto muitos voltavam do exílio político, outros muitos começavam a preparar o inglório exílio econômico; que foi o que sobrou para uma grande fatia da minha geração. Ficamos espalhados pelo mundo como estilhaços de uma ilusão esmagada.

Ingenuamente, muitos tínhamos acreditado que, tirando os militares, voltava-se para o estado de coisas anterior a 1976, e inclusive a 1975. Mas não podia ser assim: o país estava quebrado no econômico, desbastado no social e com suas reservas culturais muito decaídas. Alfonsín, além disso, não *soube-quis-pôde* fazer muito para começar a reverter essa situação. Alguma vez Ortega y Gasset escreveu que a cultura fica sempre intacta da espada e do chumbo; porém e como era seu costume, ele estava errado. Naqueles primeiros anos de carreira docente aprendi isso com clareza cruel. Aquilo de que *as idéias não se matam* – se mal interpretado – pode carecer do mínimo compromisso com o fisicalismo que qualquer pensamento responsável deve ter.

Não foi a cátedra de Problemática do Saber, entretanto, o único lugar no qual comecei a trabalhar. Também assumi uma disciplina de Filosofia da Ciência que a própria Kóbila tinha deixado vaga em um instituto *terciário não universitário* de computação. Além disso, ocupei outro cargo de chefe de trabalhos práticos em uma cátedra de Filosofia das Ciências Humanas, chamada *Fundamentos Teóricos da Pesquisa Social*, que a professora Sonia Bengoechea estava abrindo na Faculdade de Ciência Política e Relações Internacionais. A Filosofia da Ciência estava na moda, como depois ficou na moda a Ética; e isso também facilitou minha inserção profissional naqueles primeiros momentos de minha carreira. A experiência proposta por Bengoechea era semelhante à concebida por Kóbila. Mas o grupo que a acompanhava era menor, mais homogêneo e muito mais bem articulado que a equipe de Problemática do Saber. Além disso, todos os membros do grupo, que se conheciam bem entre eles, aceitavam a liderança da titular, e isso facilitava o trabalho. As coisas, em suma, funcionavam muito melhor. Foi uma sorte ter chegado ali, quase casualmente.

Eu nunca tinha pisado antes nessa faculdade, nem tinha prévio conhecimento da professora Bengoechea. Ela acabara de chegar do exílio no México, onde tinha trabalhado para FLACSO. Mas alguém me passou o dado de que ali estavam precisando de gente com algum conhecimento de Filosofia da Ciência, e solicitei uma entrevista para oferecer meus serviços. Fui muito bem recebido, e posso acreditar que foi meu conhecimento de Popper, que não era nulo, que me abriu a porta para uma designação como chefe de trabalhos práticos: primeiro *ad-honorem*, e depois contemplado com aqueles salários exíguos que eram de praxe. Mas isso foi o menos importante. O mais relevante foi a experiência de trabalho que ali iniciei. Comentar textos e esperar que os alunos formulem perguntas nunca foi o meu estilo, e era a isso que tinha que limitar-me na Faculdade de Humanidades e Artes. Em minha prática docente no Centro Educativo Latino-Americano, e também no instituto de computação, tinha constatado que podia dar-me bem nas aulas expositivas. Ministrava-as sem dificuldade, desfrutava-as, e os alunos pareciam gostar delas. A professora Bengoechea percebeu isso, deu-me espaço para fazê-lo, e o resultado foi bom.

Antes do final do ano, inclusive, já fui promovido a *professor adjunto*: os tempos agitados sempre são anos de progressões rápidas; e de quedas bruscas. O salário, porém, não aumentou muito. A designação, entretanto, foi um estímulo importante. Tive a certeza, aos 23 anos, de que não tinha errado ao escolher a docência universitária como profissão. Se eu servia para algo, era para isso. O clima de trabalho na Faculdade de Ciência Política era, por outro lado, muito melhor que o clima reinante na Faculdade de Humanidades. Havia relativamente poucos conflitos entre os docentes, e pude fazer grandes amigos entre os colegas de trabalho. Fui muito bem recebido, embora eu fosse um *outsider* vindo da Rua Entre Rios, mais jovem que a maioria deles. E fizemos mais do que dar aulas de Fundamentos Teóricos da Pesquisa Social: alguns dos membros da equipe ministramos um minicurso de Filosofia da Ciência para graduados e professores da faculdade, e pouco depois repetimos a experiência na Faculdade de Ciências Econômicas. Não recebíamos pagamento extra por tudo isso, mas nos divertíamos bastante e, ingenuamente, acreditávamos estar acumulando prestígio com isso.

Minha módica renda de adjunto não durou muito, mas foi por um bom motivo. Sonia Bengoechea ofereceu-me renunciar a essa função para assumir, no ano seguinte, outra designação *ad-honorem*: dessa vez como *adjunto a cargo de cátedra*. A duvidosa honra das nomeações *ad-honorem* era, mais uma vez, a desonra que tinha que aceitar para

posicionar-me academicamente. Essas eram as regras de jogo; e minha juventude, junto com o apoio econômico de minha família, me permitiam essas negociações. Prometeram-me, ademais, que a função se tornaria remunerada em 1986. Coisa que efetivamente acabou ocorrendo: foi-me atribuída uma suplência da qual eu poderia ser exonerado a qualquer momento. Isso eu não deixei de perceber. Não percebia, entretanto, que, aceitando esses manejos e negociações, estava fazendo um verdadeiro desserviço à profissão docente e à universidade pública.

A cátedra em questão estava sendo criada nesse momento: chamava-se Problemática do Conhecimento e era de regime semestral. Seria ditada no primeiro semestre do primeiro ano do curso de Ciência Política para dar uma base de Teoria do Conhecimento aos alunos que cursavam Fundamentos Teóricos da Pesquisa Social. Esta última disciplina, que era anual como a maioria, passou assim para o segundo ano do curso. Atribuíram-me duas vagas de professores auxiliares para as aulas *práticas*. Essas vagas, que ganharam a sua humilde imputação orçamentária antes que o meu cargo, foram ocupadas por Nora Grigoleit e Liliana Ponce: duas ex-colegas minhas no curso de Filosofia, que eu designei para me secundarem. Por um golpe de sorte, pensava eu, aos 24 anos, embora fosse interinamente, havia conquistado *minha cátedra*. Aqui e agora isso pode soar demasiadamente pomposo; mas naquele tempo soava muito bem.

Em certo sentido, eu tinha pouco mais do que hoje pode ter na nossa universidade, um professor substituto que, por falta de concorrentes, assume alguma disciplina sem ter mestrado ou doutorado. Todavia, a estabilidade de uma designação interina era, a princípio, superior à que hoje tem um substituto em nossa universidade. O cargo não tinha um limite pré-fixado; e, não acontecendo um concurso, o contrato anual podia ser ilimitadamente renovado. Ademais, o reconhecimento profissional que a posição implicava naquele contexto, também era maior à que agora tem a de professor substituto entre nós. De um ponto de vista salarial, entretanto, eu também tinha muito menos que o que hoje tem um substituto; inclusive considerando o salário que começaria a ganhar em 1986. Mesmo assim, a experiência foi muito boa e proveitosa: tanto os estudantes de 1985 quanto os de 1986, que foram em ambos os casos excelentes, ficaram muito satisfeitos com as aulas e aceitaram os resultados dos exames finais, que não foram pouco exigentes.

Todavia, ademais da aprendizagem que tudo isso implicou em termos de didática e de condução de uma disciplina (tive mais de uma centena de alunos por ano), o que

considero ser o maior lucro dessa experiência foi ter que atender à exigência de delinear um trajeto coerente e bem articulado pela Teoria do Conhecimento. Para encarar as aulas e configurar os conteúdos a serem desenvolvidos nelas, fui obrigado a repensar tudo o que sabia sobre o assunto e a ordená-lo em uma sequência inteligível. Uma sequência apta a ser exposta e compreendida. Uma vez mais, minha principal referência foi a visão popperiana da tradição gnosiológica. Mas, além de insistir muito na crítica do justificacionismo, comum à tradição empirista e à tradição intelectualista, também me permiti propor uma visão do racionalismo crítico que deixava de lado a metafísica realista de Popper, enfatizando a ideia de que o conhecimento é mais uma construção do que uma representação. De fato, a dissertação que defendi na *Unicamp*, já no final de 1989, resultou de uma simples reelaboração dessas ideias.

Porém, em 1985, não trabalhei apenas nessa *minha cátedra*. Também continuei trabalhando na Faculdade de Humanidades. Permaneci um segundo ano, *sem pena nem glória*, em Problemática do Saber, onde – já não lembro o motivo – a Professora Adjunta à qual eu devia auxiliar, me deixou a cargo das aulas teóricas. Tarefa que desempenhei sem problemas, mas também sem entusiasmo. De um ano para outro foram feitas mudanças nos conteúdos da disciplina que não achei corretas. Os tópicos de Epistemologia cederam espaço para assuntos mais gerais. A disciplina começou a perder seu perfil original: foi se transformando em uma inviável história abreviada da Filosofia, e o verdadeiro motivo disso era adequar a proposta às limitações do corpo docente. A corriqueira *crítica ao positivismo* e ao *cientificismo* servia como pretexto para isso. Aí aprendi que uma equipe docente não se arruma como um time para uma pelada, mas não gostei de ter que aprender isso daquela forma. Mais interessante foi o que fiz com Germán Fernandez Guizzetti, acompanhando-o na cátedra de Antropologia do Conhecimento.

Tinha conhecido Guizzetti por intermédio de Peter Lewis, quando, cassado pela ditadura e exonerado de seu cargo na carreira de Antropologia, ele continuava desenvolvendo e coordenando pesquisas em Etnolinguística com o apoio econômico de sua família. Era uma figura muito respeitada, que gozava de reconhecimento internacional, mas sempre se afastava do lugar de autoridade no qual todos o colocávamos. Ele tinha estudado com Chomsky nos anos sessenta, e seu negócio era a gramática gerativa. Mas não aceitava a ideia de uma gramática universal, e baseava sua posição no conhecimento das estruturas linguísticas Tupi-Guarani, Toba e, sobretudo,

Mapuche: seu tópico predileto. Era, além disso, um defensor acérrimo da tese Sapir-Whorf; à qual apimentava com uma forte dose de crítica ao eurocentrismo, e também ao colonialismo cultural.

Esse foi o *leit-motiv* da cátedra de Antropologia do Conhecimento. Disciplina que, como estreante diretor da recentemente reaberta escola de Antropologia, ele propôs para esse curso, que também estava reabrindo; e também para o curso de Filosofia, que estava em pleno processo de reformulação. Eu, mais uma vez com um cargo *ad-honorem* – é claro – auxiliava-o como chefe de trabalhos práticos; complementando suas aulas com algumas coisas de Cassirer, e também com alguns tópicos de epistemologia evolucionista presentes nas obras de Popper e em *A outra cara do espelho*, de Konrad Lorenz. Nunca considereei que as epistemologias evolucionistas pudessem contribuir muito para a Filosofia da Ciência, mas sim para uma compreensão global das origens e da natureza do conhecimento.

Na realidade, muitas das ideias que Guizzetti apresentava em aula, eu já tinha visto nas aulas de Vasconi. Ambos tinham sido alunos de Raimundo Pardo. Embora muito modificadas pelo prisma de referências textuais diferentes, as teses do Empirismo Evolutivo, que tinham mais a ver com a diversidade e a evolução cultural que com a evolução biológica, ressoavam tanto nas aulas de Antropologia Filosófica que Vasconi seguia ministrando, quanto nas aulas de Antropologia do Conhecimento que Guizzetti tinha começado a ditar. Vasconi decodificava Pardo em termos fenomenológicos, e Guizzetti o fazia apelando para a Etnolinguística. O clima úmido daquela margem direita do Rio Paraná parecia propício para certo relativismo cultural; pelo menos no que tange às questões mais gerais da Teoria do Conhecimento. O fantasma amargurado de Raimundo Pardo seguia insinuando-se nos corredores escuros e empoeirados da velha faculdade.

Entretanto, nem meu trabalho na Faculdade de Ciência Política e Relações Internacionais, nem o na Faculdade de Humanidades e Artes, foram as coisas mais importantes que, em termos profissionais, ocorreram-me nesse ano. O mais importante foi o que fiz como bolsista do conselho de pesquisas da universidade. Esse organismo, o CIUNR, tinha aberto concurso para bolsas de iniciação científica para graduados em fins de 1984. Não era uma oportunidade para deixar passar. Não se sabia quando isso voltaria a ocorrer, nesses anos tudo era assim, e essas bolsas, que equivaliam a um cargo de *chefe de trabalhos práticos com dedicação exclusiva*, quase garantiam o ingresso,

depois de alguns anos, à carreira de pesquisador que a própria Universidade Nacional de Rosario sustentava.

Quer dizer: essas bolsas implicavam a possibilidade de ganhar um salário minimamente razoável, dedicando-se quase exclusivamente à pesquisa, e ainda eram uma promessa de estabilidade definitiva. Coisa que não existia nos cargos docentes. Eu tinha que ganhar uma dessas bolsas, e consegui. Mas o que terminou sendo importante não foi ter conseguido, mas como e para quê consegui. O salário, que no início parecia razoável, foi rapidamente comido pela inflação; e eu mesmo renunciei à promessa de estabilidade indo para Campinas: já veremos quais os motivos. O importante, naquele momento, foi que solicitei essa bolsa apresentado um projeto sobre Filosofia da Biologia. Chamava-se *Ler darwinismo*: título inspirado em *Lire Marx* de Althusser, de quem usei, ademais, a distinção entre Generalidade 1, 2 e 3, para articular a proposta. Não chamei o projeto de *Ler Darwin* porque eu almejava trabalhar a versão neossintética da Teoria da Seleção Natural. Finalmente tinha me decidido a articular meus interesses epistemológicos com meu velho interesse pela Biologia Evolucionária.

Minha incipiente carreira docente na Faculdade de Ciência Política teria feito recomendável outra coisa; mas eu não quis continuar adiando minhas inquietudes mais profundas. O que me interessava era a ideia da evolução como sendo um processo aberto à contingência, alheio a uma legalidade reitora, sujeito ao acaso da variação e permanentemente perturbado por fatores externos, tais como as mudanças climáticas e geológicas. Sempre me apoiando em minhas leituras de Popper, considerava que essa forma de entender a evolução aproximava a Biologia Evolutiva, no que tange à forma de suas explicações, da História, distanciando-a de ciências como a Física e a Química. A Biologia Evolucionária era uma ciência mais idiográfica do que nomotética; e essa foi basicamente a ideia com que articulei o projeto. Germán Fernandez Guizzetti era meu orientador, que me avalizava sem conhecer muito do assunto. Minha designação como bolsista foi efetivada no início de março de 1985.

A analogia, formal, entre a explicação evolutiva e o tipo de explicação que caracteriza as ciências humanas estava bem encaminhada. Com o transcorrer dos anos, conforme se verá depois, escrevi muito a esse respeito. Todavia, do início do projeto até o momento em que o dei por concluído, no começo de 1987, porque já estava em Campinas, tive dificuldades para enunciar e fundamentar devidamente essa ideia. Faltavam-me duas coisas: um conhecimento suficientemente amplo da bibliografia

existente sobre a explicação em ciências humanas, e um conhecimento minimamente satisfatório de tudo o que, em Filosofia da Biologia, já vinha sendo discutido sobre a explicação darwiniana. Do primeiro tópico, conhecia apenas aquilo que Hempel e Popper haviam dito a respeito, e umas poucas coisas mais: tinha lido algo de Dilthey e Weber, e, sobretudo, *Como se escreve a História*, de Paul Veyne, e *Teoria e História*, de Von Mises. Já sobre o segundo tópico, além do que Popper tinha falado a esse respeito, somente contava com o que os próprios biólogos tinham escrito sobre o tema.

Li obsessivamente os ensaios de Stephen Jay Gould e coisas de Eldredge, Ayala, Julian Huxley, Mayr, Simpson, Maynard Smith e Konrad Lorenz. Bastante de Dobzhansky. Cheguei também a Jacques Monod e a François Jacob, e li ainda algumas coisas de Canguilhem, Ghiselin e Michael Ruse. Tampouco deixei de aproveitar a antologia sobre Filosofia da Biologia organizada por Ayala e Dobzhansky, publicada em castelhano pela Ariel. Aprendi muitíssimo, principalmente sobre Biologia Evolutiva, mas também li coisas vinculadas à Biologia do organismo: algo de Walter Elsasser e um pouco de Bertalanffy. Descobri, ademais, alguns textos de Claude Bernard, e a sua leitura, junto com a leitura de *O eclipse do darwinismo*, de Bowler, e *A seleção natural*, de Limoges, acicataram o interesse pela história da biologia que a *Lógica do vivente*, de Jacob, e alguns escritos de Gould já tinham me despertado. Apetrechei-me, assim, de ferramentas valiosíssimas que ainda hoje me acompanham em meu trabalho, mas também me extraviei por textos que somente tomaram meu tempo, sem nada me devolver: os esdrúxulos volumes de *O método*, de Edgar Morin, são um bom exemplo disso.

Posso falar, sim, que cheguei a entrever todos os problemas fundamentais da Filosofia da Biologia. Nunca, porém, de um modo satisfatoriamente claro. Faltavam-me instrumentos conceituais, e não tinha ideia de onde buscá-los: não havia boas bibliotecas por perto e não existia internet. Dependia das livrarias de Rosario e Buenos Aires. Mas nunca deixei de trabalhar: tenho alguma dificuldade para a desistência. Os enormes relatórios de pesquisa que escrevi ainda estão aí para me lembrar da quantidade de coisas lidas e de todos os esforços feitos para articulá-las de uma forma coerente. Infelizmente, o único texto que cheguei a publicar naquela época, na qual se publicava muito pouco, foi uma comunicação incluída nas atas das Primeiras Jornadas de Lógica e Filosofia da Ciência da Universidad Nacional del Sur, que aconteceram em Bahía Blanca, durante o outono de 1986:

- Once Tesis sobre Popper. *Actas de las Primeras Jornadas de Lógica y Filosofía de la ciencia de la Universidad Nacional del Sur*. Universidad Nacional del Sur: Bahía Blanca, 1986.

No início desse mesmo ano, comecei a receber o salário correspondente a meu posto na Faculdade de Ciência Política, e como a bolsa do conselho de pesquisa só era compatível com um único cargo docente, renunciei aos que tinha na Faculdade de Humanidades. Fui-me afastando, ademais, de toda atividade universitária alheia ao estudo, concentrando-me sobretudo em minha pesquisa. Mas nem assim conseguia sair do que parecia ser um constante devaneio em torno das mesmas dificuldades. Concluí que estava me faltando formação, e confirmei isso em Bahía Blanca. Lá conheci um pouco do que o professor Juan Manuel Torres estava fazendo em Filosofia da Biologia. Embora eu discordasse de quase tudo que ele dizia, seu trabalho serviu para me mostrar as minhas próprias limitações. Não apenas o meu conhecimento de Filosofia da Ciência era parcial e incompleto: isso eu já sabia. O problema estava em que minha formação filosófica geral era inadequada para esse tipo de estudos. Faltava-me, sobretudo, formação em filosofia analítica: a escolástica do Século XX. Sem isso, era difícil entrar, por mim mesmo, naqueles capítulos da Filosofia da Ciência que eu queria dominar.

O problema estava em como superar essas limitações: por minha própria conta não podia, e em Rosario eu não tinha para quem apelar. O mesmo motivo que tinha feito tão fácil conseguir algum cargo docente em disciplinas epistemológicas, estava impedindo-me de progredir em meus estudos. Em minha humilde glória, encontrei minha humilhante derrota. Tinha 25 anos, não era estranho que ainda necessitasse de professores para me especializar nos assuntos que me interessavam. Mas não os tinha por perto. A possibilidade de ir embora, que já tinha considerado seriamente quando estudante, mas que o entusiasmo pela primavera democrática tinha abafado, começou a me seduzir novamente.

Os salários universitários, ademais, estavam muito baixos, e outras coisas que ocorriam ao redor começaram a me alertar sobre uma questão que até esse momento nunca tinha considerado: na Argentina, não estar em Buenos Aires implicava assumir um lugar de segunda categoria, ou subalterno, em termos acadêmicos. Os resultados dos concursos públicos que estavam começando a acontecer, e cujas bancas eram montadas com duvidosos professores de Buenos Aires, indicavam que era melhor um chefe de trabalhos práticos da UBA do que um titular da UNR. Eu corria sério risco de ficar subordinado, por vários anos, a qualquer incompetente vindo do outro lado do Arroyo

del Medio. Eu não iria aceitar isso. Minha esposa, que se encontrava em uma situação análoga à minha, menos ainda. Tínhamos que ir embora.

A porta de saída nos foi mostrada por Florencio Rodriguez, que durante um ano tinha atuado brilhantemente como professor de Filosofia Política na Faculdade de Humanidades, até ser substituído por um professor vindo de Buenos Aires. Um professor que, em termos de formação e, sobretudo, de velocidade mental, mal lhe chegava aos joelhos. Citando Bourdieu, Rodriguez, que não abria a boca se não fosse para delinear um conceito, explicou-me como se construía uma carreira acadêmica. Mostrou-me que, redigindo meus descomunais relatórios de pesquisa, eu estava perdendo meu tempo. Para ser coerente com minhas pretensões, disse-me, eu tinha que fazer uma pós-graduação: primeiro um mestrado e depois um doutorado. Na Argentina não havia, porém, boas condições para isso.

Eu, segundo salientou Rodriguez, tinha que procurar um lugar onde me fosse concedida uma bolsa para sustentar meus estudos e onde também houvesse um orientador que efetivamente pudesse supervisionar meu trabalho, ajudando-me a superar as eventuais dificuldades que nele surgissem. O precário mestrado em Ciências Sociais que a FLACSO estava abrindo em Rosario e que eu tinha começado a cursar aproveitando uma disciplina ministrada por Felix Schuster, não oferecia essas condições. E em Buenos Aires a situação era semelhante. Estados Unidos, Europa ou México eram as alternativas mais óbvias e clássicas para encontrar o que eu precisava. Mas, conforme Rodriguez me disse, havia uma possibilidade mais próxima e imediata: a Universidade de Campinas, a *Unicamp*, no Brasil.

As bolsas para os Estados Unidos, Europa e México eram muito difíceis de conseguir, e estando fora de Buenos Aires era quase impossível. Um amigo meu, hoje professor na USP, tinha ido à capital para conseguir informação sobre bolsas para estudar na França – em Rosario essa informação não chegava – e lhe falaram que para ter acesso aos formulários e folhetos era preciso que alguma autoridade da Universidade de Buenos Aires, ou do ministério da educação, o recomendasse. Assim era a República Federal Argentina. Uma vez, para conhecer os prazos e requisitos de um edital para bolsas do CONICET, tivemos que viajar até Buenos Aires – de Rosario são mais de 300 quilômetros – para ler uma miserável folha datilografada que estava afixada em um corredor dos escritórios que esse organismo “federal” tinha, se mal não lembro, na Avenida Corrientes. Acredito que de Jujuy não tinha ninguém olhando a folha. Até

hoje, o noticiário matutino do canal público federal inicia com informações sobre o trânsito nos acessos a Buenos Aires: em Ushuaia ninguém sai de casa sem saber se há ou não engarrafamento na Avenida General Paz.

Essa Universidade de Campinas, da qual eu já tinha escutado alguma coisa, parecia estar à mão sem que eu precisasse passar por Buenos Aires. Guizzetti, por outro lado, sempre tinha me falado muito bem das universidades brasileiras: seu doutorado era da PUC de São Paulo. Mas foi nessa época que ele faleceu: nunca deu para conversar sobre minha possível vinda para *estas bandas*. Tenho certeza que ele teria simpatizado com idéia de eu vir para o Brasil. Ele, ademais, já se mostrava muito desencantado, e abatido, pela situação de prostração em que o governo estava deixando à universidade. Nunca acreditei muito nas doenças psicossomáticas, acho que são mais um avatar da *doença como metáfora*; mas naquela época não pude evitar pensar que assim como Pardo tinha sido uma vítima da ditadura, Germán tinha sido uma vítima daquele naufrágio na indecisão, na impotência, e na incompetência, que foi o governo de Raul Alfonsín.

A conversação com Rodriguez, não lembro muito bem, deve ter sido em julho de 1986. Em setembro desse mesmo ano, eu já estava em um avião da VARIG, que saía de Rosario, rumo ao Brasil. A viagem estava organizada de forma tal que eu pudesse visitar outras universidades, para assim ver e comparar. Estive no IUPERJ e na PUC do Rio, na USP, na própria *Unicamp* e na UFRGS. Por toda parte fui muito bem atendido. Pude confirmar que a situação da universidade brasileira era definitivamente muitíssimo melhor do que a situação da universidade argentina. Essa era, além disso, a primavera do Plano Cruzado: o clima, por todos os lados, era de muito otimismo. Mas só em Campinas e em Porto Alegre me deram certeza de que, passando nos processos seletivos, minha esposa e eu teríamos bolsas, os dois. Na UFRGS fui atendido por Denis Rosenfield e na *Unicamp*, por Elias Alves. Ambos me receberam muito bem, mas considerei que Campinas se ajustava mais ao que estávamos procurando.

Quando voltei a Rosario começamos a nos preparar para o processo seletivo, que foi em dezembro. Tudo correu bem, sem nenhum problema. Os professores foram muito gentis conosco e até nos deixaram fazer as provas em castelhano. Aqui na UFSC, só vi algo semelhante quando meus colegas permitiram que um norte-americano fizesse a prova em inglês. Como sempre, ajudou-me São Karl Popper, e à minha esposa, São Michel Foucault. De novo em Rosario, preparamos as duas grandes malas que

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

levaríamos para nos instalar, e as duas grandes caixas de livros que nos arriscaríamos a enviar pelo correio. Em fevereiro, já era 1987, pegamos um ônibus para São Paulo no terminal Mariano Moreno. No Terminal Tietê ainda deveríamos pegar algum daqueles bonitos ônibus da Viação Cometa.

Quando cruzamos a ponte sobre o Rio Uruguai, entre Paso de los Libres e Uruguiaiana, era de noite. Mergulhado na fumaça de todos os cigarros que ainda se fumavam naquela época, que se coloria um pouco com as mortíferas luzes do painel, o motorista escutava Valeria Lynch. Ao final da segunda tarde de viagem, quando estávamos entrando em Florianópolis e muitos turistas se preparavam para descer, ao ver a ponte velha já iluminada, suspensa sobre a Baía Norte, Sandra me disse que seria lindo morar ali. Não sabíamos, mas era disso que se tratava. Lembro que ainda lamentamos que Unicamp não ficasse naquela cidade; que, ademais de ter praias, estava muito mais perto de Rosario. Eu tinha completado 26 anos em janeiro, e me sentia velho.



TORRE DO TERMINAL RODOVIÁRIO MARIANO MORENO

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

PONTES

TODA A TERRA É DOS HOMENS.
AQUEL QUE NON VEU NUNCA MÁIS QUE A PROPRIA,
A IGNORANCIA O CONSOME.

Rosalía de Castro
FOLLAS NOVAS

EL MEJOR CAMINO ES EL CAMINO DE VUELTA,
QUE ES TAMBIÉN EL CAMINO IMPOSIBLE.

Alejandro Dolina
REFUTACIÓN DEL REGRESO

Instalar-se em Campinas não foi fácil. Não gostamos da cidade; de jeito nenhum. Sentíamos saudades dos cafés de Rosario e das ruas pelas quais tinha transcorrido nossa vida. Em grande medida, a Princesa do Oeste não era mais do que um bairro de São Paulo; e algumas das líneas que Caetano Veloso cantou em ‘Sampa’ poderiam explicar grande parte de essa rejeição pela nova paisagem urbana. O fato, de todo modo, era que a vida em Campinas parecia um pêndulo monótono: *do trabalho para casa, e de casa para o trabalho*. Como seguramente não teria sido na própria Sampa. Afortunadamente, todos nos ajudaram muito a superar rapidamente as dificuldades práticas dessa primeira etapa: ninguém podia fazer demasiado com as mais subjetivas. O professor João Quartim de Moraes nos assinou a fiança para o aluguel de um departamento, e em pouco tempo já estávamos recebendo nossas bolsas, que nessa época começaram a ter um valor bastante razoável. Podíamos viver relativamente bem: muito frugalmente, mas com menos problemas econômicos do que em Rosario.

A grande diferença, entretanto, foi a própria *Unicamp*. Ali tinha muito para se aproveitar. Poucas coisas podiam ser piores do que um domingo em Campinas, mas ainda assim sentimos que a decisão que tínhamos tomado estava justificada. Sandra e eu, os dois, tínhamos renunciado à mesma possibilidade de ingressar na carreira de pesquisadores de nossa universidade, mas entendíamos que em longo prazo isso se compensaria. Rapidamente começamos a pensar na possibilidade de ficar no Brasil. Já o mestrado na *Unicamp*, incluso antes de chegar ao doutorado – diziam-nos –, poderia nos permitir ganhar concursos em muitas universidades federais. E a de Santa Catarina, *la de Florianópolis*, estava entre elas. Lembre-se que estamos falando do ano 1987.

Incomodou-me bastante que me obrigassem a cursar três disciplinas de nivelamento que não davam créditos. Todos os alunos que entrevam na área de Lógica e Epistemologia as tinham que fazer. A de Lógica até que me foi útil, mas a de Filosofia da Ciência e a de Teoria do Conhecimento me pareceram injustificadas: quase um ritual de humilhação. Felizmente, Michel Lahud, que era o responsável por Teoria do Conhecimento, entendeu que podia me liberar de suas aulas. Mas esse não foi o caso de Michel Ghins, que me exigiu cursar sua Filosofia da Ciência. As aulas, eu devo reconhecer, foram muito boas: aproveitei todas. Mas eu estava em condições de cursar qualquer disciplina de Filosofia da Ciência que redundasse em créditos, permitindo-me avançar em meus estudos. Consegui me matricular, pelo menos, em uma disciplina sobre Hegel ministrada por Fausto Castilho: com ela terminaria o primeiro semestre com pelo menos quatro créditos. Aprendi bastante, ademais, sobre um autor do qual conhecia muito pouco, e sobre muitas outras coisas: as aulas de Fausto Castilho eram um bom alarde da melhor erudição. Depois tudo se encaminhou e pude aproveitar o que o programa oferecia.

Fiz uma disciplina sobre Frege com Gottfried Gabriel, que foi excelente: crucial para minha compressão da filosofia analítica. Gabriel era, definitivamente, um professor brilhante. Como também era Zeljko Loparic, cujas aulas sobre Kant me permitiram superar os erros da interpretação popperiana do idealismo transcendental. Com Arley Ramos Moreno, outro professor memorável, eu empreendi a leitura das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein, e assim pude suprir outra das grandes lacunas de minha formação. Também cursei duas disciplinas com meu compatriota Andrés Raggio: uma sobre temas de Teoria do Conhecimento e outra sobre Lógica Modal; ambas muito boas. Raggio era o professor de Lógica que todo aluno de Filosofia merece: realmente preocupado em clarear os conceitos que estão por traz das operações; sem se extraviar nas cabriolas dos cálculos.

Com o próprio Michel Ghins fiz outras duas disciplinas, que também foram muito boas: uma sobre a temática do realismo científico, e outra sobre a polêmica Leibniz-Clark. Esta foi a que mais me impactou, porque reavivou meu interesse pela História da Ciência. E com Steven French fiz uma disciplina sobre Filosofia da Física na qual trabalhei muito. Lembro ainda dos títulos dos dois *papers* que escrevi para conseguir a aprovação: “A decadência do império Euclidiano”, sobre geometrias não euclidianas, e “O elétron cativo”, sobre Mecânica Quântica. Algo das conversas de café com Peter

Lewis, quando meus primeiros anos na faculdade de Rosario, voltou e ficou naquelas folhas mais tardias. French, ademais, era salutar e firmemente fiel àquilo de estudar problemas mais do que autores: os demais professores nem tanto assim.

Foram três anos de muito estudo: Campinas nunca chegou a nos distrair da *Unicamp*. Antes de defender a dissertação, eu já tinha completado os créditos em disciplinas necessários para o doutorado. Muitos temas de Filosofia da Ciência que eu tivesse gostado aprofundar, como poderia ser o caso de tudo o que tem a ver com a estrutura da explicação científica, estiveram quase totalmente ausentes de todas as disciplinas que eu fiz. Mas sempre, de uma forma ou de outra, as questões que íamos tratando permitiam-me revisar e compreender melhor algumas das dificuldades com que eu tinha topado nos anos anteriores. Comecei a vislumbrar alternativas de saída para os problemas de Filosofia da Biologia que tanto tinham me atribulado, e frustrado, em Rosario. Alternativas de solução que antes nunca tinha chegado a entrever. Possivelmente, tudo se reduzia a isto: tinha começado muito rápido minha carreira docente. Empurrado por um contexto que não era o melhor, tinha saído muito depressa do lugar de aluno para assumir o lugar de professor. A *Unicamp*, a CAPES e o Brasil estavam me dando uma oportunidade de retificar o erro. Não a desperdicei.

Voltei a ser estudante em um contexto muito diferente daquele da Faculdade de Humanidades durante a ditadura: com professores excelentes e com colegas que também estavam interessados em aproveitar esses professores. Muitos daqueles colegas hoje são reconhecidos professores em diferentes universidades, e felizmente continuei em contato com eles ao longo de todos estes anos: Adriano Porto, hoje na UNISINOS; Antonio Videira, hoje na UERJ; Hélio Rebello, hoje na UNESP; Marco Rufino, hoje na própria *Unicamp*; Oswaldo Pessoa, hoje na USP; Silvio Pinto, hoje na UAM do México; Jorge Molina, hoje na Universidade de Santa Cruz; Carlota Ibértis e Abel Lassalle Casanave, hoje os dois na UFBA; Helena Esser Dos Reis e Wagner Sanz, hoje ambos na UFG; e também Luiz Henrique Dutra, com quem me reencontrei na UFSC. Sem saber, já estava me inserindo na comunidade filosófica brasileira.

Além disso, em outubro de 1988, também passei a integrar um grupo de pesquisa que o Professor Dr. Luiz Alberto Peluso criou na PUC-Campinas, com o apoio econômico do Instituto Liberal de São Paulo. Peluso estava chegando de seu doutorado na London School e tinha sido contratado por essa universidade. O tema em estudo era a racionalidade no discurso político, e o autor de referência era Popper. Por isso meu

interesse nas atividades do grupo e por isso o convite de Peluso para me juntar a ele. Todos os participantes recebiam bolsas equivalentes às da CAPES, e isso foi muito importante: em dezembro de 1988 já não éramos dois, e sim três. Na Maternidade de Campinas tinha nascido nosso filho, Mauro. Essa bolsa adicional foi providencial. Infelizmente, o grupo se desarticulou em dezembro de 1989: antes de poder produzir resultados concretos.

Houve, sim, uma dificuldade, que merece ser apontada, no momento de escolher o tema da dissertação e de determinar quem seria meu orientador. Tínhamos ingressado no programa sem definir essa questão, que precisava ser resolvida antes do final do terceiro semestre. Mas, chegando essa data, eu ainda não tinha conseguido escolher um orientador. Conhecendo meus interesses, um colega me sugeriu falar com Roberto Martins, que era professor do Departamento de Física, mas trabalhava no CLE e tinha contatos com os professores de nosso programa. Possivelmente ele poderia ser aceito como orientador. Na época essas coisas não eram tão rígidas como agora. Os interesses de Martins, por outro lado, não excluía a Filosofia e a História da Biologia: muitos anos depois ambos participamos da fundação da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia. De fato, quando me recebeu, ele manifestou-se disposto a me orientar em algum trabalho sobre Darwin. O triste foi que o colegiado do programa não o aceitou: disseram que eu tinha que trabalhar com um professor do Departamento de Filosofia, e adjudicaram-me Michel Ghins como orientador.

Eu me relacionava muito bem com Ghins: a ideia não me pareceu nada ruim. O único problema era que ele não estava disposto a me orientar em Filosofia da Biologia. Por isso, sabendo que eu também tinha trabalhado muito sobre Popper, ele sugeriu que eu fizesse uma dissertação sobre o Racionalismo Crítico. Ideia que, em definitivo, também me pareceu atinada. Uma dissertação sobre Popper sairia mais rápido do que uma dissertação sobre darwinismo. A primeira eu sabia como começar e terminar. A outra tinha algo de pulo no vazio: poderia me atolar nas mesmas dificuldades das quais não tinha conseguido sair em Rosario. E eu não queria me demorar muito: queria meu mestrado para fazer concurso em alguma universidade federal, e também para passar rápido ao doutorado. A proposta de Ghins, nesse sentido, resultava mais conveniente. Era um caminho mais reto em direção a meus objetivos profissionais. Também era uma forma de capitalizar tudo o que tinha trabalhado sobre Popper. Era algo menos

ambicioso e menos interessante que aquilo que eu tinha tentando fazer com o darwinismo, mas o trajeto a ser seguido já estava delineado.

Decidi transformar os conteúdos de minha Problemática do Conhecimento da faculdade de Ciência Política em uma dissertação que defendi em dezembro de 1989: *O racionalismo crítico e a imagem popperiana da tradição gnoseológica*. O melhor dela também ficou plasmado em um artigo, publicado no primeiro número de uma humilde revista que hoje, eu acho, já não existe:

- La Demanda de Fundamento. *Cadernos de Metodologia e Técnicas de Pesquisa* 1: 63-85. Maringá, 1989.

Porém, se o conteúdo geral do trabalho e sua ideia básica já estavam dados antes de começar, o resultado e a forma final do texto resultaram em algo muito melhor do que eu mesmo tinha previsto. Isso foi mérito de Michel Ghins. Seu trabalho como orientador foi impecável. Sempre entendia para onde eu queria ir, e me ajudava a fazê-lo, exigindo-me clareza, rigor argumentativo e precisão conceitual. Nunca impediu que eu me arriscasse na formulação de alguma ideia original, mas me ajudou a fazer isso sem ficar exposto a críticas que não pudesse rebater. Eu não tinha dificuldades para escrever, mas com Ghins aprendi a fazer isso com um rigor e uma precisão que nunca antes tinha atingido. Fiquei muito satisfeito com sua orientação, e foi por isso que lhe solicitei que também aceitasse me orientar no doutorado; embora isso tampouco deixasse de ser um novo adiamento de meus interesses na Filosofia da Biologia.

Enquanto ajustava os últimos detalhes da dissertação, cheguei a um texto de Popper sobre o *princípio de racionalidade*, que tinha sido originalmente publicado em 1967 por uma revista francesa de Economia, e que somente foi publicado em inglês em 1985, na antologia de David Miller: *A pocket Popper*. Mas, por intermédio de Peluso, eu tinha conseguido uma tradução castelhana publicada pela *Revista de Occidente* em 1968. Nesse texto, Popper completava as considerações sobre a ideia de *análise situacional* desenvolvidas em sua conferência *A lógica das ciências sociais*, de 1961. Ali Popper já se afastava do monismo explicativo, e a ideia de *análise situacional*, diferentemente do que acontecia em *Miséria do Historicismo*, começava a se transformar em algo próximo da ideia de *compreensão*. Mas esse movimento na direção de um *dualismo explicativo*, análogo ao propiciado pelo neokantismo, ficou mais claro nesse texto de 1967.

Lendo-o, comecei a vislumbrar uma caracterização do tipo de explicação próprio das ciências humanas que poderia fornecer a chave para entender, por analogia, as explicações por seleção natural. O *princípio de seleção natural* poderia ser pensado como algo análogo a esse outro princípio que Popper chamava de *princípio de racionalidade*. Em julho de 1990, cheguei a dar uma palestra sobre esse assunto no CLE. Já antes, ainda em 1987, em uma interessantíssima conversa com Gottfried Gabriel, eu tinha entrevisto a possibilidade de considerar ao princípio de seleção natural como tendo um estatuto análogo ao princípio de causação; e comecei a integrar ambas idéias (a analogia entre o *princípio de seleção natural* e o *princípio de racionalidade*; e a analogia entre o *princípio de seleção natural* e o *princípio de causalidade*) no delineamento de uma caracterização das explicações darwinianas que só cheguei a concluir, vários anos depois, nos meus Segundos Estudos Popperianos.

E essa demora tem sua explicação na conjuntura na qual eu me encontrava a fins de 1989. Embora pelo caminho que acabo de apontar, já se vislumbrasse uma ideia que poderia dar lugar a uma tese de doutorado, também era certo que eu não queria renunciar à possível orientação de Ghins. Os prazos, além disso, estavam se esgotando, e eu tinha que definir meu ingresso no doutorado antes do final do ano. Por isso, depois de entregar a versão final da dissertação, e nos dias prévios à defesa, redigi um novo projeto sobre Popper. Tratava-se de uma proposta muito mais ambiciosa do que aquela do mestrado, que contemplava tudo o que eu tinha estudado nesses anos sobre a filiação kantiana da filosofia analítica. Nela eu queria sintetizar e materializar, na forma de um texto coerente, tudo o que tinha aprendido na *Unicamp*. Lembre-se que eu não consigo me apropriar de um saber, se não é no é tramando um texto com ele.

Mais uma vez: se não podia trabalhar Filosofia da Biologia, trabalharia Popper. Uma tese sobre um autor, por outro lado, sempre é mais fácil. Sobretudo se a gente já leu – e releu várias vezes – quase todas as obras desse autor. Eu continuava apressado pela necessidade de re-encaminhar minha carreira acadêmica; e Popper era, novamente, o caminho mais reto em direção a meus objetivos profissionais. Embora também fosse verdade que, seguindo esse caminho, eu voltaria a me desviar dos meus próprios objetivos filosóficos. Mas é assim mesmo: *primo mangiare, dopo filosofare*. Há que ser um estudante de filosofia para aceitar a definitiva e dolorosa verdade desse lugar comum. A lógica da prática filosófica sempre deve adequar-se às exigências da profissão: sobre tudo nessa dura etapa inicial na qual a profissão é só uma aspiração.

O que eu pretendia mostrar em minha tese era que a Filosofia da Ciência delineada por Popper não pressupunha nada de análogo à distinção entre o empírico e o transcendental. Isso não só a diferenciava do kantismo clássico, mas também dessa forma de neokantismo que tinha iniciado com Frege, que se manifestava de diferentes modos em Wittgenstein, e que também estava presente em Carnap e em Schlick. Eu seguia a interpretação da filosofia analítica de Gabriel, de Loparic, de Sluga e, parcialmente, de Dummett. A comparação entre o terceiro reino de Frege e o Mundo III de Popper era o ponto de partida de meu trabalho: o primeiro é o domínio do transcendental; o segundo é um mero domínio de objetos empíricos, de realidades institucionais. Em contra do erro de Lakatos, que comparou o Mundo III de Popper com o *mundo das idéias* de Platão, esse terceiro domínio popperiano não é outra coisa que o mundo dos objetos culturais; e o conhecimento objetivo, que é objeto da reflexão epistemológica, é uma província desse *mundo da cultura*.

A Filosofia da Ciência popperiana, segundo eu queria mostrar, é uma metodologia que tende a incrementar a vigilância crítica a que deve submeter-se essa ordem institucional que é a esfera do conhecimento objetivo. Por isso, em sua segunda parte, a tese também se ocupava da relação entre a Sociologia do Conhecimento e a Filosofia da Ciência. O que fiz, na realidade, foi pôr a filosofia da ciência de Popper sobre seus pés: que estão em *Sociedade aberta e seus inimigos*. O falseacionismo é uma política da ciência que almeja fazer com que o *conhecimento* [em sentido] *objetivo* seja um sistema de racionalidade crescente. Como já o tinha feito no mestrado, para explicar melhor minhas idéias, até apelei ao texto de Foucault: *A verdade e forma jurídicas*; que era parte da biblioteca de Sandra. Nunca fui um popperiano ortodoxo.

Tinha minhas ideias muito claras. Por isso não demorei nem três anos para defender. Ingressei formalmente no doutorado em março de 1990, e a defesa foi em outubro de 1992: tinha trinta e um anos. A tese intitulou-se: *Pautas para uma crítica da ciência realmente existente – o legado epistemológico de Karl Popper*. E era enorme: tive que encaderná-la em dois volumes. O caminho até lá, entretanto, foi bastante acidentado. Com o *interregno Collor*, as coisas no Brasil se complicaram muito. As bolsas perderam valor, e a regulamentação da Constituição de 1988 fez com que os estrangeiros não pudessem mais prestar concurso nas universidades públicas. Todos os nossos planos se desbaratavam. Não podíamos seguir assim, e tivemos que reordenar toda a nossa vida. Estabelecemo-nos de novo em Rosario. Lá, com a ajuda da família,

tínhamos melhores condições para cuidar de nosso filho e para trabalhar nas teses. Viajávamos periodicamente a Campinas para manter contato com nossos orientadores, mas também para poder seguir usando as magníficas bibliotecas da *Unicamp*. Nas quarenta horas de ônibus entre Rosario e São Paulo, ou entre São Paulo e Rosario, líamos muita coisa.

No meu caso, de todo modo, o contato com Ghins ficou limitado pelo seu definitivo estabelecimento em *Louvain*. Mesmo assim, ele voltou algumas vezes a Campinas, e ainda pôde dar-me uma importante ajuda em meu trabalho. Depois da qualificação, em dezembro de 1991, Ghins transferiu a orientação de meu trabalho para Michael Wrigley, e foi este que me acompanhou até a defesa. Por isso é que Wrigley consta como orientador na tese. Ghins ainda voltaria para Campinas, por causa de alguns de seus outros orientandos. Mas ele sabia que minha situação pessoal e profissional era difícil. Eu não teria margem de tempo para adiar a defesa até uma volta sua. Foi muito generoso em renunciar à orientação, sobretudo quando ele sabia que o trabalho estava virtualmente pronto. Mas Wrigley também foi generoso ao aceitá-la: assumiu a responsabilidade por uma tese que recebeu *sem benefício de inventário*. Muitos não teriam feito o mesmo. Posso dizer que não o defraudei. Sem dúvida, o aval de Ghins facilitou essa transferência.

Em Rosario, no meio dessas idas e vindas, eu voltei a me conectar com a universidade. Disso resultaram algumas nomeações para alguns trabalhos em docência. Todos com pouca ou nenhuma estabilidade, e muito mal remunerados. Ainda no segundo semestre de 1990, ministrei a disciplina de Epistemologia para o Mestrado em Ciências Sociais que a FLACSO continuava desenvolvendo na Faculdade de Ciência Política e Relações Internacionais, que agora estava na cidade universitária: na “Sibéria”, longe do centro da cidade. Sonia Bengoechea era a coordenadora do programa. Por sua vez, já em março de 1991, Esther Kóbila designou-me *professor adjunto* na cátedra de Epistemologia que ela estava começando a articular no primeiro ano do curso de Psicologia. Este curso agora funcionava em uma faculdade independente, que também ficou na “Sibéria”. Dávamos aulas para turmas de mais de duzentos alunos. Foi nesse mesmo ano, além disso, que também ministrei duas disciplinas de Filosofia da Ciência para graduados de distintas áreas, uma no primeiro semestre e outra no segundo.

Estas últimas disciplinas eram oferecidas pelo Centro de Estudos Interdisciplinares da UNR, e faziam parte de um projeto de pós-graduação interdisciplinar que não deslanchou. Em 1993, quando eu já tinha meu doutorado, o projeto foi definitivamente cancelado. Mas, pelo menos, no segundo semestre de 1992, antes desse cancelamento, eu tinha sido designado *professor titular interino* da cátedra de *Gnosiologia* da Escola de Filosofia, que continuava funcionando na Faculdade de Humanidades e Artes: no seu velho prédio do centro da cidade, onde fica até hoje. Foi por essa mesma época, ademais, que recebi meu primeiro convite internacional: vinha da *Universidad Católica de Valparaíso*. Era para participar como conferencista em um evento sobre Realismo Construtivo que ocorreria em novembro: algumas semanas depois de minha defesa de tese.

Fritz Wallner, da Universidade de Viena, tinha passado por Rosario no ano anterior, e em uma conversa com ele, eu comentei, *pour parler*, que as teses de Raimundo Pardo, a quem Wallner previsivelmente desconhecia plenamente, podiam ser consideradas como afins a essas que ele sustentava sob o rótulo de ‘Realismo Construtivo’. Foi por isso que ele sugeriu meu nome a Renato Ochoa, o organizador do evento, para eu ser convidado como expositor. A conferência que eu ditaria devia intitular-se “Raimundo Pardo: precursor do Realismo Construtivo”. E assim foi: não deve desobedecer-se a um professor de Viena.

Porém, voltar à figura de Pardo, recordando sua longa e muito mal encerrada carreira em Rosario, encheu-me de temores sobre o que podia me trazer a aposta em uma futura consolidação, e em uma possível ampliação, do módico espaço que ali tinha se aberto para mim. Isso pode ajudar a explicar o fato daquele retorno à Escola de Filosofia da Faculdade de Humanidades e Artes ter sido tão breve quanto foi. Todos sabem, todavia, qual é o *determinante em última instância* nessas conjunturas: somando o salário que ganhava lá com o que ganhava na Faculdade de Psicologia, eu não chegava aos 200 dólares mensais. Além disso, as perspectivas de progredir, de conseguir melhores cargos, tampouco eram boas. Meus contatos políticos já não eram o que *dantes foram*; e não havia razão para supor que minha designação em Gnosiologia viesse a ser *potencializada* [essa era palavra que se usava] com uma dedicação exclusiva.

Os professores com doutorado eram ainda muito poucos, mas ninguém dava maior importância às titulações. Salarialmente, estas não faziam nenhuma diferença, e tendia-se a menosprezar seu valor acadêmico. Um professor, que já era muito respeitado na

época e que nos últimos anos chegou a ocupar um cargo muito importante na burocracia cultural do governo argentino, explicou-nos que para um docente o *currículum* não importava: o importante era *a sua biografia* [sic]. Que era como dizer que o importante era o que se soubesse da sua história pessoal: títulos e publicações eram coisas menores. Soa ridículo, porque é ridículo, mas é preciso dizer que aqui, no Brasil, ainda há gente que também pensa assim. Na área de Filosofia, por exemplo, muitas carreiras de amplo reconhecimento em alguns âmbitos institucionais estão cimentadas em ‘biografias’: no suposto brilho e rigor intelectual que é imputado a algumas pessoas, sem que se conheçam resultados de pesquisa que avalizem esse prestígio.

De todo modo, naquele momento, no que tange a esse tópico, as coisas em Rosario eram definitivamente muito piores que no Brasil, e felizmente já tínhamos recomeçado nossa busca de trabalho deste outro lado da fronteira. Também o tínhamos feito, por intermédio de cartas nunca respondidas, em outras cidades de Argentina. Não em Buenos Aires, La Plata, Córdoba, ou Mendoza; mas em cidades menores, com universidades menos credenciadas. Pensávamos que se nas instituições mais reconhecidas os doutores faltavam, a carência ainda seria pior nas outras; e isso faria mais atrativa nossa contratação. Mas estávamos plenamente errados: nada disso aconteceu, e também fomos ignorados aí. A regra do jogo parecia ser esta: *esperar, esperar, esperar pacientemente, até sermos chamados*; para então alguém se dignar a nos darmos a oportunidade de mostrar se servíamos ou não servíamos. Voltar ao Brasil era a única forma de fugir desse dispositivo de submissão.

Aqui, os concursos para estrangeiros continuavam vedados, mas algumas universidades estavam contratando-os como professores visitantes, na condição de que tivessem doutorado. Tal era o caso do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Santa Maria, de onde recebi uma oferta. Mas esse foi também o caso do Doutorado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, onde, graças à intermediação de Alberto Cupani, minha esposa, que estava em situação idêntica à minha, e eu, os dois, fomos contratados. Florianópolis, ademais, atraía-nos muito mais do que Santa Maria; e nós não considerávamos, e tampouco considero atualmente, que o único destino possível para um professor de Filosofia seja um departamento de Filosofia. Em agosto de 1993, cruzamos definitivamente as duas pontes mais importantes de nossas vidas: a ponte Libres-Uruguaiana, e a ponte Pedro Ivo Campos. Tinha 32 anos, e já não me sentia velho. Naqueles anos falava-se que a única ‘saída’ dos

argentinos parecia ser Ezeiza; a nossa, porém, tinha sido, mais uma vez, o terminal rodoviário Mariano Moreno: algo muito menos cinematográfico. Na outra banda do Uruguai ficaria o carnaval autodestrutivo da Argentina menemista.

Aproximadamente de dez anos a esta parte, com as políticas de Nestor e Cristina Kirchner, a situação na universidade argentina melhorou substancialmente; em todos os aspectos: até Mario Bunge o teve que reconhecer. Muito possivelmente, se a situação em 1993 houvesse sido a que começou a configurar-se a partir de 2003, nós tivéssemos ficado em Rosario. Há, todavia, uma coisa muito importante a ser dita: como se verá nas páginas seguintes, esses últimos dez anos também foram, pelo menos até agora, os anos mais produtivos da minha carreira; mas esse nível de produtividade, eu somente o consegui atingir porque também houve dez anos prévios de trabalho regular e intenso. Outros dez ótimos anos que também transcorreram na UFSC; e que dificilmente tivessem sido assim em Rosario: na Argentina o ajuste neoliberal foi muito mais selvagem, irracional, e demolidor do que no Brasil.

Quando o espelho começa a falar que já não somos garotões, é comum sentirmos aflição por saber que não haveremos de envelhecer nas mesmas ruas nas que fomos crianças; mas ainda assim estou muito feliz de que aquelas pontes tivessem existido: justo naquele momento em que as atravessamos. Elas nos pouparam de uma espera desgastante, e nos deram oportunidade de encaminhar nossas carreiras sendo ainda jovens: sem nos emurhecemos em uma espera estéril na qual teria sido muito difícil desenvolver e aprofundar trabalhos minimamente ambiciosos e que exigissem o seguimento de agendas de pesquisa com perspectivas de longo e meio prazo. Não tem jeito: Argentina sempre será para mim a pátria da infância, a pátria das saudades; mas Brasil é a pátria da adultez, a pátria dos projetos. Foi no Brasil que fomos levados a sério.

PONTE SOBRE O RIO URUGUAI PASO DE LOS LIBRES-URUGUAINA



GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

DESTERRO

*JE DOUTE PARFOIS SI J'AIME LA BIOLOGIE PARCE
QU'ELLE EST SCIENCE DE LA VIE, OU SI J'AIME LA
VIE PARCE QU'ELLE SERT D'OBJET A LA BIOLOGIE.*

*Jean Rostand
CARNET D'UN BIOLOGISTE*

Instalarmo-nos em Florianópolis foi fácil e agradável. A ilha, claro, seduziu-nos imediatamente. Não sentíamos saudades dos cafés de Rosario, nem das ruas pelas quais tínhamos passeado nossa incerteza nos últimos anos. As praias as substituíam bastante bem. Além disso, todo mundo nos facilitou as coisas: dos colegas até os policiais federais com quem tínhamos que resolver as questões migratórias. Uma aluna do doutorado, Rosane Nitschke, hoje professora da UFSC, assinou a fiança para o aluguel de um apartamento. Os salários eram suficientes para desfrutar da vida e nos repor de anos bastante difíceis: retomando também nossos estudos, *pero sin dejar de ir a la playa jamás*. A UFSC não era a *Unicamp*, mas a diferença entre elas, mesmo grande, nunca poderia nulificar a diferença entre Campinas e a Ilha de Santa Catarina. Até os domingos eram muito divertidos; e, naquela época não existia nada dessa animosidade bobona contra os argentinos que hoje pode chegar a manifestar-se, em geral veladamente, em algumas situações e âmbitos da cidade. Felizmente, nunca na UFSC.

Além disso, naquela época toda a universidade estava iniciando o processo de crescimento que a levaria a ser o que é hoje. Isso se percebia. Sentimos que cabia apostar na UFSC, e não saímos perdendo por tê-lo feito. Por outro lado, as condições de trabalho na Enfermagem eram, sob todo ponto de vista, muito boas. Ministrávamos uma única disciplina por semestre; e por sermos professores visitantes estávamos liberados de qualquer encargo administrativo e também das reuniões de colegiado: nesse aspecto, uma situação realmente invejável. Lembro, sim, que no Dia Internacional da Mulher eu recebi uma flor enviada pelo reitor à *Professora* Gustavo Caponi. Não levei a mal. Acho que os outros colegas de departamento tampouco: já estavam acostumados.

De mim, esperavam aulas de Filosofia da Ciência, e foi o que fiz. Tinha alunas muito motivadas, para as quais era fácil e prazeroso dar aulas; e também tinha alguns alunos com os mesmos atributos. Não havia necessidade de monologar: tudo era um contraponto permanente com o qual aprendi muito. A doença, concluí em minhas aulas, tinha que ser diferenciada da patologia, sem, no entanto, ser pensada em separado desta.

A patologia era um fenômeno biológico a ser explicado. A doença, em troca, era um transe existencial que devia ser compreendido. Na época não publiquei nada sobre esses temas. Mas em 1996, quando eu já era professor do Departamento de Filosofia, convidaram-me para participar de uma mesa redonda em uma jornada de enfermagem geriátrica, e minha intervenção, que referia a uma parte desses assuntos, foi depois publicada na revista *Texto & Contexto* da pós-graduação em Enfermagem:

- A concepção do cuidado e a especificidade da enfermagem geriátrica e gerontológica. *Texto e Contexto* 6 (2): Florianópolis, 1997.

Mais tarde, em outubro de 1998, ministrei uma conferência sobre esse tema na Casa de Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro: “A Doença como objeto de experiência”. Lembro que lá conheci Ricardo Waizbort: um excelente companheiro de estrada. Algum dia, eu ainda voltarei a esses assuntos. Mas, ter refletido sobre eles já me trouxe, naquele tempo em que dava aulas em Enfermagem, algum ganho que ia além do tópico que interessava aos alunos. O esforço por apresentar melhor a distinção entre *compreender a doença* e *explicar a patologia*, levou-me ao livro de Von Wright, *Explicação e Compreensão*. E essa leitura foi crucial: serviu-me para aprimorar meu entendimento da noção popperiana de *análise situacional*, e também para reinterpretar o modo pelo qual Von Mises apresenta a polaridade entre *ciências da ação* e *ciências da natureza*. Tudo isso reconduzia a meu projeto sobre darwinismo. Em uma breve comunicação que cheguei a publicar em *Texto & Contexto*, deixei registrado algo sobre esse possível retorno à questão:

- Vivir y Actuar: agenda para un análisis comparativo de los dos subórdenes de la experiencia histórica. *Texto e Contexto* 2 (2): Florianópolis, 1993.

Nesse mesmo número da revista, em coautoria com Sandra Caponi, também publiquei uma apresentação da temática central do encontro sobre questões de Filosofia e Saúde que realizaríamos em agosto de 1994:

- A Saúde como problema ético. *Texto e Contexto* 2 (2): Florianópolis, 1993.

As conferências e as comunicações desse encontro, é oportuno apontar agora, foram reunidas em um livro publicado no ano seguinte, que organizei junto com Sandra Caponi e a professora Maria Tereza Leopardi, do Departamento de Enfermagem:

- *A Saúde como desafio ético*. Sociedade de Estudos em Filosofia e Saúde: Florianópolis, 1995.

Porém, embora nessa época eu já estivesse vislumbrando por onde retornaria a meus interesses em Filosofia da Biologia, o fato é que, no que tange à necessidade de publicar, o mais conveniente em termos de carreira era recuperar o já feito na *Unicamp*. Foi esse o caso de “El derecho de ser agnóstico” e de “Del dios de Newton al demonio de Laplace”. O primeiro era o *paper* que eu tinha escrito para a disciplina sobre realismo científico feita com Ghins. Era uma impugnação de toda a controvérsia entre esse “realismo científico” e o “empirismo construtivo”, que continua a me parecer o resultado de um problema mal colocado. O outro trabalho também tinha a ver com Ghins: era o *paper* surgido de sua disciplina sobre a polêmica Leibniz-Clark. O tema era o destino que havia tido a versão newtoniana do *deus da razão*. Ambos foram publicados em uma pequena coletânea com dois textos da Sandra Caponi e dois textos meus, que fez parte de uma série de cadernos publicados pela *Universidad Nacional de Rosario*:

- *Estudios Histórico-Epistemológicos* (Cuadernos de Ciencias Sociales 8). Universidad Nacional de Rosario: Rosario, 1994.

Depois, dediquei-me a publicar em artigos algumas diferentes partes de minha tese, ou que eram desdobramentos mais ou menos imediatos dos assuntos ali tratados. Esses trabalhos configuraram uma série bastante coerente e longa, que poderíamos chamar de **PRIMEIROS ESTUDOS POPPERIANOS**, e que é formada pelos seguintes artigos e capítulos de livros:

- *Materia y forma de la razón popperiana*. *Revista de Ciências Humanas* 10 (14): 80-88. Florianópolis, 1993.
- Karl Popper e a Filosofia Clássica Alemã. *Reflexão* 59: 31-66. Campinas, 1994.
- Essas Coisas que somos nós (o sujeito na filosofia popperiana). *Princípios* 2 (3): 47-64. Natal, 1995.
- Epistemología en clave institucional: el sesgo sociológico de la metodología popperiana. *Manuscrito* 18 (1): 65-96. Campinas, 1995.
- Karl Popper e a Filosofia Clássica Alemã. In PEREIRA, J. (Ed.) *Popper: as aventuras da racionalidade* [pp.21-49]. EDIPUCRS: Porto Alegre, 1995.
- Necesidad y posibilidad de una fundamentación internalista para el falsacionismo. *Revista Venezolana de Filosofía* 34: 7-32. Caracas, 1996.
- De Viena a Edimburgo. *Reflexão* 64//65: 77-106. Campinas, 1996.

- Resenha de DUTRA, L. *Introdução à Teoria da Ciência* [Florianópolis: UFSC, 1998]. *Principia* 2(2): 291-295. Florianópolis, 1998.
- Razón y verdad en el marco del idealismo transcendental. *Reflexão* 70: 75-86. Campinas, 1998.
- A linguagem como coisa: o giro cosmológico da epistemologia popperiana. In DUTRA, L. (Ed.) *Nos limites da epistemologia analítica* [pp.69-80]. NEL/UFSC: Florianópolis, 1999.
- O falseacionismo como socratismo metodológico. *Princípios* 6 (1): 58-67. Natal, 1999.
- O Kantismo de Frege. *Reflexão* 74: 18-32. Campinas, 1999.
- O Falseacionismo: uma lança pela ciência acadêmica. *Revista do Centro de Ciências da Economia e Informática* 3 (3): 58-67. Bagé, 1999.
- O anti-naturalismo popperiano. *Reflexão* 73: 40-52. Campinas, 1999.
- Popper. In PECORARO, R. (Ed.) *Os Filósofos III* [pp.327-342]. Vozes: Rio de Janeiro, 2008.

O segundo desses trabalhos, “Karl Popper e a Filosofia Clássica Alemã”, foi aquele que apresentei para meu concurso no Departamento de Filosofia. A UFSC começou a aceitar candidatos estrangeiros com a condição de que eles tivessem *visto permanente*, e eu tinha. O concurso aconteceu no início do segundo semestre de 1994, aproximadamente quando se completava um ano da nossa chegada a Florianópolis. Felizmente fui o único candidato, embora o concurso fosse para professor assistente: sequer para adjunto. Ganhar é melhor do que perder, mas o melhor de tudo é ganhar sem que haja perdedores: assim ninguém questiona o ganhador. Esse foi o meu caso, e em maio de 1995 fui efetivado. Na banca, além de Alberto Cupani e Renato Machado, estava Maria Cecília de Carvalho, da PUC-Campinas, que na época editava a revista *Reflexão*. Ela me sugeriu que enviasse o trabalho para esta revista, e também o cedeu a Júlio Pereira para que ele o publicasse em sua coletânea sobre Popper. A *Reflexão* deu alguma visibilidade a meus primeiros trabalhos.

Nessa lista de *Primeiros Estudos Popperianos*, também poderia ser incluído “La demanda de fundamento”: trabalho que já mencionei mais acima. E o mesmo poderia ser feito com um trabalho sobre o método socrático que escrevi em colaboração com Sandra Caponi, a pedido, para a revista *Texto & Contexto*:

- O método socrático. *Texto e Contexto* 6 (número especial): 8-20. Florianópolis, 1997.

A apresentação de Sócrates aí delineada está tão marcada por Popper quanto por Hannah Arendt. O primeiro, claro, foi por minha conta. O segundo, por conta de Sandra Caponi.

Mas o que decididamente não daria para deixar de incluir na lista desses *Primeiros Estudos Popperianos* é minha contribuição à coletânea *Os filósofos*, organizada por Rossano Pecoraro. Aludo a “Popper”: o último título da lista. Entre essa publicação e o último artigo dessa série, que foi publicado em *Reflexão*, transcorreram, conforme dá para ver, quase dez anos: minha tese de doutorado já estava muito longe. Todavia, malgrado essa descontinuidade, pode-se dizer que este derradeiro elo da série é minha última síntese sobre o pensamento popperiano. Ali estão todas as minhas leituras e reflexões em torno do racionalismo crítico, revisitadas depois de uns quantos anos de decantação e maturação. Para esse amadurecimento foram muito importantes as aulas que continuei a ministrar sobre o assunto, e também minhas pesquisas sobre História da Biologia. A lógica da pesquisa científica é mais bem compreendida quando se conhece mais de perto alguns capítulos da evolução de uma ciência particular.

Conforme dá para ver, a maior parte desses *Primeiros Estudos Popperianos* foi escrita e publicada quando eu já era docente do Departamento de Filosofia. Muitos de meus colegas, eu entre eles, sentíamos uma pressão para publicar que não vinha de dentro, mas de fora de nossa universidade. As propostas de abrir um mestrado em Filosofia na UFSC tinham recebido duas negativas da CAPES. Nosso departamento não era muito considerado em âmbito nacional, e tínhamos que reverter essa situação. Esse era o grande tema em pauta na época em que eu estava chegando. As publicações, conforme consideramos alguns, haveriam de nos dar a visibilidade e o reconhecimento que se requeria para mudarmos essa desconfortável situação. E não estávamos equivocados.

Começamos então a publicar em um ritmo crescente e sustentado, que perdurou ao longo do tempo. Essa produtividade de nosso corpo docente, que rapidamente passou a estar muito acima da média nacional na área da Filosofia, foi muito importante para nós. Ela é, segundo eu entendo, a chave fundamental da rápida consolidação de nosso programa de pós-graduação. Depois desses tropeções iniciais, o credenciamento da CAPES não demorou muito; e finalmente chegamos, em relativamente pouco tempo, a abrir o doutorado. Mais recentemente, fomos formalmente reconhecidos como um *programa de excelência*: atingimos o ansiado conceito “6” da CAPES. Espero que saibamos, possamos, e realmente queiramos conservar esse lugar de preeminência.

Agora eu posso sentir-me felizmente longe daquele departamento que estava morrendo na mesma época em que eu estava chegando. Lembro que uma das primeiras

disciplinas que ministrei foi Teoria do Conhecimento, e alguém – para me ajudar – trouxe-me o plano de ensino do último professor que tinha lecionado essa disciplina e que acabava de aposentar-se. A ideia era que esse plano de ensino anterior pudesse dar-me uma mínima referência para armar o meu. O fato foi, entretanto, que ao lê-lo, afundei-me no desalento: os conteúdos eram uma transcrição do sumário do livro de Hessen. A CAPES, suspeitei e quase concluí, podia ter razão em suas negativas. E até cheguei a me perguntar: *tanto remar para vir a morrer nesta praia?* Felizmente, isso era parte de um passado que estava indo embora. As coisas estavam mudando rapidamente. E foi animado por esse novo clima que começava a instalar-se, que decidi redirecionar, paulatinamente, meu trabalho.

Queria voltar, por fim, à Filosofia da Biologia. Mas tinha que fazê-lo gradualmente, para não interromper minha série de publicações. Se eu encarasse diretamente os problemas aos quais queria chegar, teria que passar muito tempo sem produzir resultados visíveis. Queria evitar isso. Sempre tentei que minhas pesquisas se ordenassem segundo uma sequência que não interrompesse o trabalho de escrita. Foi assim que, sem descuidar do andamento de meus *Primeiros Estudos Popperianos*, comecei também a reexaminar as teses de Popper sobre as Ciências Humanas. Lembro que, entre 1996 e 1998, eu me vali delas para ditar algumas das aulas de uma disciplina de Epistemologia para alunos de um Mestrado em Cooperação e Integração Regional que funcionava na *Universidad Nacional de Rosario*. Mas, ademais de me parecerem valiosas em si mesmas, essas teses de Popper me interessavam porque eu considerava, conforme já tinha vislumbrado na *Unicamp*, que a partir delas, procedendo por analogia, poderia ir delineando uma caracterização medianamente satisfatória das explicações da adaptação fornecidas pela Teoria da Seleção Natural.

A analogia entre o *princípio de racionalidade* e o *princípio de seleção natural*, e entre estes e o *princípio de causalidade*, viria a ser crucial nesse trajeto reflexivo do qual surgiram meia dúzia de artigos que podem caracterizar-se como meus **SEGUNDOS ESTUDOS POPPERIANOS**. Se forem consideradas as suas datas de publicação, pode-se constatar que eu só consegui entrar em assuntos de Filosofia da Biologia em 1997. Quer dizer: dez anos depois de ter suspenso meu projeto em Rosario para ir a Campinas. Sempre me lamento por essa *década perdida*. Talvez eu pudesse ter encurtado a demora, encerrando antes meus *Primeiros Estudos Popperianos* e indo direto aos *Segundos Estudos Popperianos* já em 1995: imediatamente depois de

entrar no Departamento de Filosofia. Entretanto, conforme sublinhei pouco mais acima, não parecia razoável deixar de aproveitar a tese para publicar os artigos que dela pudessem surgir. O tempo e o trabalho já tinham sido investidos: o melhor era recuperar o investimento e fazê-lo render. O tempo perdido não pode ser recuperado, jamais, mas os investimentos sim que podem. Seja como for, os *Segundos Estudos Popperianos* acabaram sendo estes:

- La Estructura de la Comprensión Objetiva (Un estudio sobre la noción popperiana de análisis situacional). *Reflexão* 61: 131-168. Campinas, 1995.
- El principio de racionalidad como decisión metodológica. *Revista de Filosofía* 12 (1/2): 47-62. Buenos Aires, 1997.
- Claude Bernard, Charles Darwin y los dos modos fundamentales de interrogar lo viviente. *Principia* 1 (2): 305-332. Florianópolis, 1997.
- Aproximación Metodológica a la Teleología. *Manuscrito* 21(1): 11-46. Campinas, 1998.
- Más que una hipótesis – una tercera aproximación popperiana al darwinismo. *Episteme* 8: 21-42. Porto Alegre, 1999.
- ¿Hay más cosas todavía? [El lugar de lo viviente en un universo popperiano]. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (S. 3) 9 (1-2): 101-121. Campinas, 1999.
- Aproximación metodológica al problema de la comprensión. *Observaciones filosóficas* 2006 (2): artículo electrónico 6. Madrid, 2006.
- Aproximação popperiana à distinção explicação-compreensão. In OLIVEIRA, P. (Ed.) *Ensaio sobre o pensamento de Karl Popper* [pp.198-209]. Círculo de Estudos Bandeirantes: Curitiba, 2012 (Livro Eletrônico).

Os dois últimos títulos da lista respondem a dois retornos às primeiras temáticas daqueles *Segundos Estudos Popperianos* que obedeceram a circunstâncias alheias à marcha de minhas pesquisas. Os editores, como também aconteceu com o capítulo sobre Popper que Rossano Pecoraro solicitou-me para *Os filósofos*, costumam nos colocar na obrigação de voltar sobre nossos próprios passos, recuperando imaginariamente a juventude perdida. Isso também pode acontecer com nossos orientandos, cujos interesses muitas vezes nos levam a voltar a assuntos que já dávamos por encerrados. No caso das duas primeiras dissertações que orientei, porém, a coisa não foi assim. Elas tiveram a ver com meus estudos popperianos, mas foram desenvolvidas pouco depois de eu dar por encerrada essa etapa de meu trabalho. Tais dissertações foram:

- José Cláudio Mattos (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *A noção de justificacionismo na Filosofia Popperiana*. Defesa: 25/8/1999.
- Brenna Fernandez (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *Popper, Hayek e a impossibilidade de predição em ciências humanas*. Defesa: 21/4/2000.

A dissertação de José Cláudio Mattos, hoje professor na FAED da UDESC, correspondeu a meus *Primeiros Estudos Popperianos*. A de Brenna Fernandez, hoje professora do Departamento de Economia da UFSC, aos *Segundos Estudos Popperianos*. Uns e outros estudos, por outro lado, também deram sustentação às aulas de Filosofia da Ciência, de Teoria do Conhecimento, de Epistemologia das Ciências Humanas e de História da Filosofia Contemporânea que durante esses anos ministrei no curso de Filosofia, embora eu também trabalhasse em nosso mestrado e no curso de ciências biológicas. Nos penosos anos de Paulo Renato, os anos da GED e dos cargos docentes em progressiva diminuição, dificilmente podíamos deixar de dar três disciplinas por semestre. Inclusive quando ganhei minha primeira bolsa de produtividade do CNPq, em março de 1999, continuei trabalhando nesse ritmo: como também fizeram outros colegas que estavam na mesma situação que eu.

O projeto contemplado por essa primeira bolsa PQ intitulava-se *Seleção Natural e Teleologia*. Deveria concluí-lo, como efetivamente ocorreu, em fevereiro de 2001. Mas esse só foi o início de toda uma linha de reflexões sobre a naturalização da teleologia operada pela Teoria da Seleção Natural que se estendeu ao longo de vários anos, quase uma década, muito além do encerramento desse projeto: desenvolvendo-se depois paralelamente à execução de outros projetos posteriores que, de um modo ou de outro, obrigavam-me a voltar sobre essa questão crucial para a Filosofia da Biologia. Chamarei esses trabalhos de **PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A NATURALIZAÇÃO DA TELEOLOGIA**. Englobo sob esse rótulo, que já promete uma sequência, os seguintes trabalhos:

- La regla de Darwin. *Principia* 4 (1): 27-77. Florianópolis, 2000.
- Le bricolage de l'évolution. Hors-Série *Sciences et Avenir*: 18-23. Paris, 2000.
- Charles Darwin y la naturalización de la teleología. *Reflexão* 78: 69-75. Campinas, 2000.
- Función y Adaptación: modos de la teleología. In CARACCIOLO, R. & LETZEN, D. (Eds.) *Epistemología e historia de la ciencia* Vol.7 Num.7 [pp.66-71]. Universidad Nacional de Córdoba: Córdoba, 2001.

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

- Sobreviniencia de Propiedades e Identificación Funcional de Entidades en Biología [pp.191-221]. In CUPANI, A & MORTARI, C. (Eds) *Linguagem e Filosofia*. NEL-UFSC: Florianópolis, 2002.
- La sabiduría de las especies. *Ludus Vitalis* 10 (18): 3-26. México, 2002.
- Darwin: entre Paley y Demócrito. *História Ciências Saúde – Manguinhos* 10 (3): 993-1024. Rio de Janeiro, 2003.
- Explicação Funcional vs. Explicação Selecional. In CHEDIAK, K. & VIDEIRA, A. (Eds.) *Temas de Filosofia da Natureza* [pp.146-161]. UERJ: Rio de Janeiro, 2004.
- Prefácio à sexta edição brasileira de MONOD, J. *O acaso e a necessidade*. Vozes: Petrópolis, 2006.
- Como pensam as espécies? *Episteme* 24: 245-267. Porto Alegre, 2006.
- El materialismo anómalo de Charles Darwin. In DE MORAES, J. (Ed.). *Materialismo e evolucionismo: epistemologia e história dos conceitos* [pp.39-65]. CLE/Unicamp: Campinas, 2007.
- Las poblaciones biológicas como sistemas intencionales. In MARTINS, R. // MARTINS, L. // SILVA, C. // FERREIRA, J. (Eds.): *Filosofia e história da ciência no cone sul: 3º Encontro* [pp.215-220]. AFHIC: Campinas 2008.
- Darwin: entre Paley y Demócrito. In LLORENTE, J.; RUIZ, R.; ZAMUDIO, G.; NOGUERA, R. (Eds.) *Fundamentos Históricos de la Biología* [pp.483-512]. UNAM: México, 2008.
- La vida tiene razones que la física desconoce: los límites del reduccionismo en biología [pp.103-117]. In MENNA, S. (Ed.) *Estudios contemporáneos sobre epistemología*. Universitas: Córdoba, 2008.
- Historia del ojo: Nietzsche para darwinianos; Darwin para nietzscheanos. *Temas & Matizes* 9 (15): 11-21. Cascavel, 2009.

Os quatro primeiros trabalhos correspondem diretamente ao projeto *Seleção Natural e Teleologia*. Em certo sentido, eles também poderiam ser caracterizados como ‘estudos popperianos’. Possivelmente, inclusive, com maior propriedade que os anteriores. É que os *Primeiros* e os *Segundos Estudos Popperianos* eram ‘popperianos’ porque tinham a obra de Popper como tema ou analisavam a obra de outros autores que eu tinha estudado em minha exegese dos textos de Popper. Tal o caso de Frege e de Kant. Em alguns desses escritos, é verdade, eu já me permitia ir bastante além do que Popper tinha afirmado explicitamente. Mas justificava essas licenças mostrando, com todo o cuidado, sua capacidade de esclarecer o que Popper já havia dito. Em vez de argumentar em

favor da correção de uma tese que eu estava sugerindo, limitava-me a mostrá-la, a camuflá-la, como se ela fosse uma interpretação do já dito por Popper.

Esse, por outro lado, é um recurso à autoridade muito usado na filosofia latino-americana. Ele tem a virtude de economizar esforço argumentativo e nos evitar a costumeira, mas sempre temida, acusação de sermos muito *audaciosos* (eis a palavra) em nossas posições. Em nosso âmbito, quando se pretende sugerir algo minimamente original, o mais fácil é apresentá-lo como a simples elucidação do já dito por um autor consagrado, norte-americano ou europeu. Manhas da mentalidade colonizada das quais comecei a prescindir nessa terceira série de trabalhos. Se alguns deles foram ainda popperianos, foram-no porque em Popper encontrei os instrumentos de minha análise: não as minhas conclusões.

Assim, pouco a pouco, suavemente, como o sapo cururu foi deixando Zezé em *Vamos aquecer o sol* – que é como sempre vão indo embora os amigos imaginários da infância –, também Popper foi deixando-me: como o Grilo Falante deixou Pinóquio quando este já pôde ter sua própria consciência. Perto dos quarenta anos, fui entrando na maioria filosófica: era hora. Bem ou mal, com algo ou com nada de brilho, sendo mais ou menos original, formulando teses mais bem ou mal articuladas, mais ou menos relevantes e ajustadas, eu começava a pensar por mim mesmo: por conta e risco próprio, sem me desculpar atribuindo o dito a outro autor. Fui fazendo isso paulatinamente, e sem desconhecer que o fato de escrever em castelhano sempre iria contra o certamente exíguo reconhecimento que meu trabalho poderia eventualmente chegar a merecer. Considero, por outro lado, que ainda devo aprofundar esse processo. Minha escrita ainda tem algumas marcas de um modo de fazer filosofia com o qual, muito respeitosamente, tentei acertar as contas em um texto que tinha escrito para dar uma conferência em Paris que foi suspensa:

- O longo braço de Goldschmidt: o paradigma uspiano na filosofia brasileira. *Tempo da Ciência* 10 (19): 47-66. Toledo, 2003.

Sublinho, por via das dúvidas, que essa tentativa de me afastar do modo latino-americano padrão de fazer filosofia não almeja qualquer pretensão de romper com a tradição filosófica. Pelo contrário: não é outra coisa que um esforço por entrar em seu jogo, sem olhá-lo de fora. Romper com o estilo exegético supõe ampliar o espaço de interlocução, multiplicando as referências conceituais e exigindo um conhecimento maior do estado de qualquer discussão em que queiramos entrar. Comentar o que

Popper disse sobre o estatuto do *princípio de seleção natural* é muito mais fácil do que tentar definir esse estatuto. O primeiro tópico só exige a leitura de Popper e do exíguo universo de autores que possam ter comentado esse aspecto de sua obra. O segundo tópico já é muito mais difícil: exige estabelecer a pertinência da questão, e supõe conhecer o que já foi dito sobre o tema, para assim poder mostrar sua incorreção ou insuficiência. E isso também nos compromete a esboçar uma análise superadora da questão colocada: uma análise que seja vantajosa em relação àquelas anteriores que impugnamos. É óbvio, por outro lado, que para desenvolver essa análise são necessários recursos conceituais fornecidos pela própria tradição, à qual modificamos na medida em que a usamos.

Foi desse modo, instrumentalmente, considerando seu pensamento como meio e nunca como fim, que no início desse terceiro ciclo de trabalhos apelei para Popper. Suas teses me serviram como ponto de partida para deixar claro como e por que a Teoria da Seleção Natural tinha conseguido projetar categorias e modalidades de análise sobre os fenômenos evolutivos que, metonimicamente, poderiam ser caracterizadas como praxeológicas, dando a esta última palavra o significado que lhe outorga Von Mises. O uso na Economia e na Biologia Evolucionária da *teoria dos jogos* põe em evidência a afinidade epistemológica que existe entre a compreensão da ação e a compreensão do ser vivo possibilitada pelo darwinismo.

Com o andamento do meu trabalho, fui substituindo essas referências popperianas por outras que me resultaram mais adequadas. Tal foi o caso das que encontrei nos textos de Daniel Dennett. Suas teses serviram-me, entre outras coisas, para dar uma forma mais clara a uma velha ideia de Konrad Lorenz e do próprio Popper: a seleção natural é um processo cognitivo. As populações biológicas – permiti-me ainda afirmar – podiam ser pensadas como sistemas intencionais, como sistemas cognitivos. Isso, entretanto, já tem a ver com trabalhos que comecei a escrever depois de 2001. Antes disso, todavia, aconteceu outro evento muito relevante em minha carreira, que inclusive me obrigou a suspender por um ano a bolsa do CNPq.

Não muito depois de receber a comunicação da concessão de minha primeira bolsa PQ, a CAPES nos comunicou – a Sandra, que já era professora no Departamento de Saúde Pública da UFSC e também bolsista PQ, e a mim – que tínhamos sido contemplados com as bolsas de pós-doutorado que havíamos solicitado para estagiar na equipe REHSEIS, que Michel Paty dirigia em Paris VII. Seguindo o caminho já

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

percorrido por meus colegas Alberto Cupani e Luiz Henrique Dutra, tínhamos decidido que nosso primeiro pós-doutorado seria lá. A França era um destino compatível com os interesses, bastante divergentes, que ambos tínhamos. Além disso, Michel Paty era muito receptivo e generoso com os bolsistas brasileiros. Por isso sua equipe era regularmente frequentada por professores e doutorandos de distintas universidades de nosso país, especialmente da USP, instituição na qual Paty foi docente. Eu, por outro lado, tinha particular interesse em vincular-me a Jean Gayon, que nessa época ainda estava em Paris VII, e também integrava REHSEIS.

**BALNEÁRIO DOS AÇORES
ILHA DE SANTA CATARINA**



GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

PARIS

THERE IS NEVER ANY ENDING TO PARIS AND THE
MEMORY OF EACH PERSON WHO HAS LIVED IN IT
DIFFERS FROM THAT OF ANY OTHER. WE ALWAYS
RETURNED TO IT NO MATTER WHO WE WERE NOR
HOW IT WAS CHANGED NOR WITH WHAT
DIFFICULTIES, NOR WHAT EASE IT COULD BE
REACHED. IT WAS ALWAYS WORTH IT AND WE
RECEIVED A RETURN FOR WHATEVER WE BROUGHT
TO IT.

Ernest Hemingway
A MOVEABLE FEST

Chegamos a Paris nos primeiros dias de setembro de 1999, e ficamos até o último dia de agosto de 2000. No tangente às questões pessoais, posso dizer que nos custou muito pouco nos estabelecer, que nosso filho se adaptou muito rápido à escola, que tirou muito proveito dela, e que aquele foi o melhor ano de nossas vidas. Nosso filho tinha 11 anos: estava nessa idade – prévia ao adormecimento intelectual da adolescência – na qual a mente deles é uma *esponja criativa* que tudo absorve, assimila, e recria. Foi muito bom poder brindar-lhe – justo naquele momento – essa longa temporada numa cidade em que tudo parece estar feito para ensinar e apreender. As praias de Florianópolis são bonitas, sim; mas, para educar um menino, os museus, os teatros, os cinemas, os passeios, e os parques de Paris, são espaços muito melhores. E não há lamúria pseudo-ecológica, ou bom-selvagista que possa esconder esse fato. Como pais, sentimos – desde o início de nossa estada – que estávamos fazendo algo muito bom por nosso filho; e acho que isso nos ajudou a fazer melhor o tínhamos ido a fazer por nós.

Em Paris fomos felizes; e o sabíamos. Tudo conspirou para que assim fosse: incluindo aí diversos fatores extra-acadêmicos que foram muito importantes. Encaramos aquele primeiro *sejour* em Paris numa situação muito particular e excepcionalmente positiva: nos dois anos prévios, e até nos meses imediatamente anteriores à nossa partida, muitas questões cruciais de nossa vida – algumas profissionais e outras até de índole patrimonial – que durante muito tempo tinham permanecido em aberto, haviam por fim se resolvido satisfatoriamente. Paris foi o ponto de convergência, e o coroamento, de tudo isso: em parte por coincidência e em parte como lógica consequência dessa resolução favorável de coisas pelas que tínhamos aguardado e nos esforçado por longos, e às vezes difíceis, anos. Queiro dizer: não é por um esnobismo

pueril, e bastante *démodé*, que me permito dizer que aquele ano foi tão importante para nós.

A própria Paris, é claro, fez também sua parte. Desde meados do século XIX, têm-se acumulados muitos lugares comuns sobre seus encantos; todavia, quando o visitante vai embora, deixando atrás a cidade rumo ao aeroporto, olhando desde a janela do taxi as ruas e avenidas que vão ficando atrás, ele sente com alguma amargura que a maior parte de esses falares é a mais pura e simples verdade. E já vai planejando como voltar. Não há outra cidade no mundo que se pareça tanto ao seu próprio cartão postal, e que corrobore tão pontualmente tudo o que foi dito e escrito de bom sobre ela. Seus defeitos, e os dos seus habitantes, por outra parte, já são bastante conhecidos – e até largamente exagerados –; permitindo que o visitante desembarque já preparado para evitar maiores problemas ou para, chegado o caso, revidar.

No fim do século XX, a *capital do século XIX*, nem sequer era a Paris de, Canguilhem, Althusser e Foucault, com a qual sonhávamos na Faculdade de Humanidades e Artes. Porém, por tudo o que ela ainda era, e continuará sendo, e também pelo momento tão particular em que nós ancoramos nela, a velha cidade luz alumbrou nosso passado, nos convidando a fazer um balance positivo do que tinha sido nossa vida e nossa carreira, e também nos permitiu olhar para o futuro de uma forma mais confiante e ambiciosa. Nesse sentido, o impacto que aquele ano em Paris teve no meu desempenho profissional e intelectual, foi contundente e decididamente positivo. A qualidade de meu trabalho melhorou notavelmente a partir daí, e minha agenda temática reformulou-se e ampliou-se significativamente. Tudo começou de novo em Paris; e não poderia ter sido em melhor lugar. Em Paris trocamos de século e de milênio; e, na perspectiva que dá a distância, repensei meus objetivos intelectuais, que ficaram mais claros e audaciosos. A cidade na qual o Rei absoluto perdeu sua cabeça, sempre nos inspira a usarmos melhor a nossa própria.

Grande parte de tudo isso a devo a Jean Gayon. Suas aulas de Filosofia da Biologia, ministradas para os excelentes doutorandos de Paris VII, foram cruciais naqueles anos em que eu estava retomando meus assuntos. Terminaram de me situar nessa agenda da Filosofia da Biologia que se configurou e articulou enquanto eu, na *Unicamp*, atuava como diligente pajem filosófico de Popper: esclarecendo e ressaltando aqueles aspectos de seu pensamento que, em todo caso, ele mesmo deveria ter se ocupado de ressaltar e clarear. Mas, além disso, meus bate-papos com Gayon, e seus agudos comentários sobre

meus trabalhos, permitiram-me ver que, no obstante todas as peripécias da minha carreira, eu não estava mal posicionado na área, e que ainda poderia capitalizar as longas horas que tinha dedicado à Biologia Evolucionária em Rosario.

No que tange isso, para mim foi particularmente importante o gesto que teve Gayon quando, naquele ano, a revista *Science et Avenir* lhe solicitou um artigo sobre a temática da teleologia na Biologia Evolucionária. Ele, que não podia aceitar o encargo por excesso de trabalho, sugeriu ao editor que eu poderia substituí-lo. Daí surgiu “Le bricolage de l'évolution”. O título, muito pouco original, foi decidido pelo editor; mas a escolha não me incomodou: tratava-se de uma alusão a um conhecido texto de François Jacob cuja leitura tinha sido muito importante para mim, lá nos anos oitenta, em Rosario. Sendo que nessa virada de século, eu estava conseguindo recuperar e re-significar todas as leituras daqueles anos incertos, no estava tão mal que algo delas aparecesse nos trabalhos que estava redigindo em Paris.

Gayon não trabalhava somente em Filosofia da Biologia. Em consonância com a tradição francesa na qual se formou, mas sem desconhecer a tradição anglo-americana, ele também desenvolveu, e continua desenvolvendo, trabalhos em História Epistemológica da Biologia. Seu modo de fazê-lo, no qual a análise histórica se erige em uma continuação natural, mas também em guia, da análise conceitual, influenciou-me muito, marcando todo o meu trabalho posterior. O projeto que eu tinha me proposto a desenvolver em Paris, intitulado *Charles Darwin, Claude Bernard e os dois modos fundamentais de interrogar o vivente*, já caminhava nessa direção, mas timidamente. No artigo homônimo no qual me apoiei para formulá-lo e fundamentá-lo – que foi um de meus *Segundos Estudos Popperianos* – ‘Darwin’ e ‘Bernard’ eram apenas modos de falar ‘Biologia Evolucionária’ e ‘Biologia Experimental’.

Da França, em troca, voltei convencido de que a Filosofia e a História da Ciência são as duas caras inseparáveis de um mesmo empreendimento cognitivo. A análise histórico-epistemológica é uma forma de análise filosófica: na acepção mais estrita da expressão. Ela pode gerar elucidações gramaticais valiosíssimas. As discussões nos seminários de Filosofia e História da Biologia em REHSEIS, que nesse ano focaram-se no lamarckismo – Pietro Corsi ainda estava lá – também ajudaram a convencer-me disso. Bem como as aulas que Dominique Lecourt ministrou em Paris VII no primeiro semestre do 2000.

Não queiro dizer que a ciência não possa ser objeto de trabalhos puramente históricos ou puramente filosóficos. De fato, muito de minha produção posterior ao meu retorno da França compõe-se de trabalhos em Filosofia da Biologia que quase não aludem à História da Biologia. Mas acredito que os trabalhos de História da Ciência só se sustentam se estiverem devidamente cimentados em uma análise conceitual rigorosa; e também estou completamente persuadido de que, se prescindirem de toda referência histórica, os trabalhos em Filosofia da Ciência podem se extraviar em labirintos sem saída, afundando-se na irrelevância. Sem entender como eram os modos hoje perimidos de representar e de pensar o ser vivo, é muito difícil elucidar os princípios e conceitos que pautam os modos agora vigentes de fazê-lo. Por exemplo: se quisermos entender o que significa pensar darwinianamente, é preciso conhecer os modos não darwinianos de pensar. Esses que o darwinismo teve que retificar, impugnar e deslocar.

De Paris despachei centenas de quilogramas de livros, mas essa compreensão da relevância da História da Ciência para a Filosofia da Ciência foi o melhor *souvenir* que trouxe. Em um texto que publiquei muito depois, expliquei esse modo de entender a relação entre Filosofia e História da Ciência:

- La amplia agenda de la Filosofia de la Ciencia. *Filosofia - Unisinos* 8 (2):.75-82. São Leopoldo, 2007.

Já no que tange ao próprio desenvolvimento do projeto de pesquisa que eu tinha me proposto desenvolver na França, devo reconhecer que os resultados não foram, quantitativamente falando, muito significativos: estiveram dentro da média. Além de “Le bricolage de l’évolution”, que em realidade respondia mais estritamente ao projeto da bolsa PQ, em Paris só produzi dois artigos: “Cómo y porqué de lo viviente”, que submeti a *Ludus Vitalis*, de México; e “Claude Bernard y los límites de la Fisiología Experimental”, que submeti a *História, Ciência, Saúde*, de Rio de Janeiro. Entretanto, eles foram suficientes para dar conta dos objetivos da proposta submetida à CAPES. Acredito, ademais, que se eu tivesse me empenhado em escrever mais, coisa que de todo modo poderia fazer retornando a Florianópolis, isso me haveria impedido aproveitar muitas aulas, conferências e seminários. Atividades que eu nunca poderia ter realizado em Florianópolis, e que foram muito úteis para mim.

Por outro lado, nessas atividades acadêmicas que tanto frequentei em Paris, também fiz relações pessoais que, ademais de dar lugar a vínculos de verdadeira amizade, acabaram sendo muito importantes em minha carreira posterior. Sem esquecer Michel

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

Paty e Jean Gayon, penso também em Pablo Mariconda, da USP; em Carlos López Beltrán e Ismael Ledesma Mateos, da UNAM do México; em Marisa Lecointre, na época doutoranda da USP e hoje professora da UNIFESP; e em María Luiza Bacarlett Perez, que na época estudava na UNAM e hoje é professora na Universidad del Estado de México.

BUSTO DE GEORGES CUVIER GALERIA DE PALEONTOLOGIA E ANATOMIA COMPARADA DO MUSEU NACIONAL DE HISTORIA NATURAL DE PARIS



COM DIXIE EM TUILERIES: JANEIRO DE 2000

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

GALLICA

MI ESTUDIO ES UN NUDO DE FRESCURA Y
PENUMBRA, AMURALLADO DE LIBROS CONTRA EL
VERANO QUE CENTELLEA DETRÁS DE TOLDOS
ANARANJADOS.

Juan José Saer
INSOMNIO DE UN HISTORIADOR.

Os dois artigos escritos em Paris foram cruciais para mim. A partir deles, *Ludus Vitalis* e *Manguinhos* passaram a serem dois espaços muito importantes para meu trabalho. Como também começou a ser muito importante para mim, nesses mesmos anos, a hoje infelizmente inexistente *Episteme*, de Porto Alegre; e depois veio também ser-lho a *Scientiae Studia* de São Paulo. Mas, aqueles trabalhos escritos em Paris também foram importantes porque cada um deles foi o ponto de partida de duas longas sequências de trabalhos. O primeiro deles, inclusive, foi a base do projeto *Biologia Funcional versus Biologia Evolutiva: uma distinção chave para a Filosofia da Biologia* que redigi, estando ainda em Paris, com o objetivo de solicitar a renovação da bolsa PQ que terminava em fevereiro de 2001.

Felizmente, ela foi renovada de março de 2001 até fevereiro de 2003, e nesse período desenvolvi uma série de estudos tentando esclarecer e fundamentar a distinção entre uma Biologia Funcional de causas próximas e uma Biologia Evolucionária de causas remotas, que Mayr propôs em 1961. Interessava-me precisar melhor essa polaridade, definir mais claramente sua *razão de ser*, e mostrar sua relevância para a colocação de dois problemas clássicos da Filosofia da Biologia: as suspeitas suscitadas pelo discurso teleológico e a questão do reducionismo. O projeto era o corolário óbvio de minha distinção entre a *Biologia de Darwin* e a *Biologia de Bernard*. Sem saber de início, ao arriscar essa distinção eu tinha ido ao encontro da polaridade salientada por Mayr.

Ademais, esses dois trabalhos escritos em Paris também foram os que me acompanharam em minha primeira excursão acadêmica ao México: já tinha feito uma turística em janeiro de 1979. Em julho de 2001 ocorreu no DF o *XXI International Congress of History of Science*, onde apresentei minha comunicação “As leis morfológicas no programa bernardiano”, que foi muito bem recebida. Nessa oportunidade, além de rever Gayon e Ledesma Mateos, pude conhecer Ana Barahona e Edna Suarez. Na *Universidad Autónoma del Estado de Morelos*, em Cuernavaca,

ministrei, ademais, a conferência “Biología Evolutiva vs. Biología Funcional”. Quem me convidou para esta última atividade foi uma ex-colega de Rosario, Silvana Rabinovich, que na época era professora nessa Universidade, e depois passou para o Instituto de Filología da UNAM. Resgato esses primeiros contatos no México porque este país acabou sendo muito importante em minhas atividades acadêmicas nos anos que se seguiram. Em fevereiro de 2014, sem irmos mais longe, ministrei as aulas inaugurais do seminário de Filosofia da Biología da UAM, além de uma palestra na UNAM; e ainda voltei no início de dezembro para ministrar outra palestra no Centro Lombardo Toledano.

Mas eu tampouco poderia esquecer que a primeira conferência que ministrei em São Paulo também teve como assunto Claude Bernard: foi no Instituto de Saúde, em agosto de 2003. No fim das contas, São Paulo também terminou sendo um lugar importante em minha carreira profissional: ali se originou a Associação Brasileira de Filosofia e História da Biología, e ali Pablo Mariconda criou, dentro da USP, a Associação Filosófica *Scientiae Studia*: à qual devo muita coisa. Por agora, basta dizer que, como o que aconteceu com *Seleção Natural e Teleología*, a série de trabalhos resultante desse segundo projeto apresentado ao CNPq estendeu-se muito além da data em que a respectiva bolsa terminou, sem que isso significasse, entretanto, que os objetivos iniciais deixaram de ser cumpridos dentro dos prazos estipulados. Considero, inclusive, que ainda virão mais trabalhos nessa linha, os quais irão se somando a estes **ESTUDOS SOBRE A POLARIDADE PRÓXIMO-REMOTO**. Neles incluo, em primeiro lugar, o artigo escrito em Paris que serviu de ponto de partida para toda a série que detalho a seguir:

- Cómo y porqué de lo viviente. *Ludus Vitalis* 8 (14): 67-102. México, 2000.
- Biología Funcional vs Biología Evolutiva. *Episteme* 12: 23-46. Porto Alegre, 2001.
- La distinción Biología Evolutiva-Biología Funcional y el problema de la autonomía de la Biología. In HORENSTEIN, N. // MINHOT, L. // SEVERGNINI, H. (Eds.) *Epistemología e historia de la ciencia* Vol.8 Num.8 [pp.80-85]. Universidad Nacional de Córdoba: Córdoba, 2002.
- Explicación seleccional y explicación funcional: la teleología en la biología contemporánea. *Episteme* 14: 57-88. Porto Alegre, 2002.
- Experimentos en Biología Evolutiva: ¿Qué tienen ellos que los otros no tengan? *Episteme* 16: 61-97. Porto Alegre, 2003.

- La distinción entre Biología Funcional y Biología Evolutiva como clave para la discusión del Reduccionismo en Ciencias de la Vida. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (Série 3) 14 (1): 119-157. Campinas, 2004.
- El reduccionismo en la biología contemporánea. *Signos Filosóficos* 6 (12): 33-62. México, 2004.
- Estación Montparnasse: una defensa del reduccionismo jacobino en Biología Funcional. In MARTINS, L.; REGNER, A.; LORENZANO, P. (Eds.) *Ciências da Vida: Estudos Filosóficos e Históricos* [pp.185-206]. Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul: Campinas, 2006.
- Física del organismo vs hermenéutica del viviente. *História, Ciências, Saúde* 14 (2): 443-468. Rio de Janeiro, 2007.
- Explicación y determinismo en ciencias de la vida. In TEALDI, J. (Ed.) *Diccionario latinoamericano de bioética* [pp.192-195]. UNESCO: Bogotá, 2008.
- La Biología Evolucionaria del Desarrollo como ciencia de causas remotas. *Signos Filosóficos* 10 (20): 121-142. México, 2008.
- Entrevista concedida a la revista *Biografía: escritos sobre la Biología y su enseñanza* 2 (1): Bogotá, 2009.
- El concepto de presión selectiva y la dicotomía próximo-remoto. *Aurora* 25(36): 197-216. Curitiba, 2013.
- Contribución a una historia de la polaridad próximo-remoto *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência* 7 (1): [no prelo] Rio de Janeiro, 2014.

Já o segundo dos artigos escritos em Paris, aquele sobre Claude Bernard, deu início a outra série de trabalhos que começou mais tarde: quando, entre março de 2003 e fevereiro de 2005 desenvolvi o projeto *Darwin contra Cuvier: condições epistemológicas para a emergência da noção evolucionista de adaptação*, redigido para solicitar a segunda renovação da minha bolsa PQ. Solicitação que, felizmente, também foi deferida. O objetivo central desse projeto era compreender a forma na qual era considerada a teleologia orgânica na História Natural pré-darwiniana. Queria usar esse modo de pensar como termo de comparação para compreender a formulação da ideia darwinista de *adaptação*. Foi essa a minha estreia formal no exercício da História Epistemológica da Biologia, e embora o projeto estivesse focado em Cuvier, o ponto de partida da reflexão aí colocada, esteve, conforme já disse, naquele trabalho sobre Claude Bernard.

Ao tentar compreender, naquele momento sem maior sucesso, a atitude deste com relação à teleologia orgânica, comeci a perceber que os historiadores da Biologia

tinham uma ideia errada de como esse tema foi considerado pelos naturalistas anteriores a Darwin. A maioria dos historiadores postulava a existência de um adaptacionismo pré-darwiniano do qual me resultava difícil encontrar os rastros. O caso mais claro, e o mais importante, era Cuvier. Por isso foquei nele. Mas também era o caso de Lamarck. No que tange a este, pude corroborar uma tese de Camile Limoges que já tinha chamado minha atenção quando desenvolvia meus primeiros trabalhos sobre darwinismo em Rosario: a problemática da adaptação estava ausente da obra de Lamarck. O suposto adaptacionismo de Lamarck e a putativa descoberta da Teoria da Seleção Natural por parte de Alfred Russel Wallace foram os dois mitos historiográficos que eu mais gostei deixar em evidência.

Por outro lado, o próprio estudo da obra de Cuvier levou-me a estudar a obra de Geoffroy Saint-Hilaire, e por isso incluo o resultado desse estudo nessa sequência de **ESTUDOS CUVIERIANOS**. Estes se estenderam muito além da data de encerramento da bolsa. Em seu final há um texto sobre Owen, outro sobre Spencer e, um pouco antes deles, um último texto sobre Claude Bernard. Neste pude fechar, por fim, a questão que deixei aberta em Paris. De fato, também escrevi esse texto em Paris, mas durante meu segundo pós-doutorado: mais de 10 anos depois. Só pude fazê-lo quando a convergência entre esta série de trabalhos a que agora estou aludindo e outras três que iniciei mais tarde, permitiu-me completar a tarefa que tinha começado em 2000. Meus *Estudos Cuvierianos* se abrem, e quase se fecham, então, com trabalhos sobre Claude Bernard. Mas não há paradoxo nisso. Eis esses estudos:

- Claude Bernard y los límites de la Fisiología experimental. *História, Ciências, Saúde* 8 (2): 375-406. Rio de Janeiro, 2001.
- Os modos da teleologia em Cuvier, Darwin e Claude Bernard. *Scientiae Studia* 1 (1): 27-41. São Paulo, 2003.
- Georges Cuvier: ¿un nombre olvidado en la historia de la fisiología? *Asclepio* 56 (1): 169-208. Madrid, 2004.
- La posteridad de Cuvier. *História revista* 9 (2): 205-227. Goiania, 2004.
- Los objetivos cognitivos de la paleontología cuvieriana. *Principia* 8 (2): 233-257. Florianópolis, 2004.
- Las leyes morfológicas en el programa bernardiano. In SALDAÑA, J. (Ed.) *Proceedings of the XXIst International Congress of History of Science*. UNAM: México, 2005 [CD].

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

- Funcionalismo Cuvieriano vs Adaptacionismo Darwiniano: consideraciones sobre la noción de *condiciones de existencia*. *Episteme* 22: 79-99. Porto Alegre, 2005.
- Retorno a Limoges: la adaptación en Lamarck. *Asclepio* 58 (1): 7-42. Madrid, 2006.
- Cuvier e sua fisiologia de museu: a Anatomia Comparada. In RUSSO, M. & CAPONI, S. (Eds.) *Estudos de Filosofia e História das Ciências Biomédicas* [pp.127-142]. Discurso Editorial: São Paulo, 2006.
- El concepto de organización en la polémica de los análogos. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência* 4 (1): 34-54. Rio de Janeiro, 2006.
- O impacto do darwinismo no trabalho dos naturalistas de campo. In PRESTES, M.; MARTINS, L.; STEFANO, W. (Eds.) *Filosofia e História da Biologia I* [pp.137-146]. Fundo Mackenzie de Pesquisa: São Paulo, 2006.
- El viviente y su medio: antes y después de Darwin. *Scientiae Studia* 4 (1): 9-43. São Paulo, 2006.
- Contra la lectura adaptacionista de Lamarck. In ROSAS A. (Ed.) *Filosofía, Darwinismo y Evolución* [pp.3-18]. Universidad Nacional de Colombia: Bogotá, 2007.
- La función del principio de la compensación de los órganos en el transformismo de Etienne Geoffroy Saint-Hilaire. *Scientiae Studia* 6 (2): 169-178. São Paulo, 2008.
- Un fisiólogo entre bambalinas: Claude Bernard y la función del páncreas, resenha de RODRÍGUEZ ROMO, A. 2006: *Claude Bernard: el sebo de la vela y la originalidad científica* [México: Siglo XXI, 2006]. *História, Ciências, Saúde* 16 (2): 569-572. Rio de Janeiro, 2009.
- A marcha da natureza e seus descaminhos. *Ciência Hoje* 261: pp. 72-73. Rio de Janeiro, 2009.
- La marcha de la naturaleza y sus extravíos. *Boletim del Departamento de Matemáticas* [da UNAM]: 2-4. México, 2009.
- Compensation and correlation of the organs in Étienne Geoffroy Saint-Hilaire's transmutationism. In MARTÍNEZ CONTRERAS, J. & PONCE DE LEÓN, A. (Eds.) *Darwin's evolving legacy* [pp.100-110]. Siglo XXI// Universidad Veracruzana: México, 2011.
- Compensación y correlación de los órganos en el transformismo de Étienne Geoffroy Saint-Hilaire. In MARTÍNEZ CONTRERAS, J. & PONCE DE LEÓN, A. (Eds.) *Darwin y el evolucionismo contemporáneo* [pp.107-117]. Siglo XXI // Universidad Veracruzana: México, 2012.
- Prefácio a FARIA, F. *Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia*. Ed. 34 // Associação Scientiae Studia: São Paulo, 2012.
- Kant entre Buffon y Cuvier. *Filosofia e História da Biologia* 7(1): 43-53. São Paulo, 2012.
- La claudicación de Claude Bernard. *Metatheoria* 2(2): 51-80. Tres de Febrero, 2012.

- Entre el Dios de Paley y el Dios de Bonnet: el parco evolucionismo teísta de Richard Owen. *Principia* 17 (1): 71-101. Florianópolis, 2013.
- Herbert Spencer: entre Darwin y Cuvier. *Scientiae Studia* 12 (1): 45-71. São Paulo, 2014.

Eu considero, de todo modo, que o resultado mais importante desse ciclo inaugural de trabalhos sobre História da Biologia, foi meu primeiro livro:

- *Georges Cuvier: un fisiólogo de museo*. UNAM // LIMUSA: México, 2008. *

Devo sua publicação a dois professores da UNAM: Carlos Lopez Beltran, do Instituto de Investigações Filosóficas, e Jorge Llorente-Bousquets, da Faculdade de Ciências. A partir desse momento, minha dívida com o México só cresceu. Mas se de dívidas se trata, também há que se mencionar outra, embora seja algo muito mais impessoal: a dívida com Gallica, o acervo *on-line* da Biblioteca Nacional da França. Sem esse recurso, meus trabalhos sobre Cuvier teriam sido impossíveis. Em 1999, antes de Gallica começar a crescer e funcionar com plena regularidade, era ridículo pensar que se pudesse fazer esse tipo de pesquisas em uma cidade como Florianópolis, ou como Rosario. Isso ficava restrito à Europa, aos Estados Unidos, ou a cidades latino-americanas de longa tradição, como Rio, México ou Lima. E neste caso, ainda com muitas limitações.

Lembro que, ao comentar com os outros pesquisadores brasileiros da equipe REHSEIS que eu tinha ido à biblioteca de *La Villette* para retirar uns livros de Cuvier que fotocopiaria em Jussieu, Marisa Lecointre me falou que em São Paulo um colega seu tinha suado para conseguir o único exemplar ali existente do primeiro volume de *Le règne animal*. Certamente, na Ilha de Santa Catarina teria sido ainda pior, e não porque aqui fosse mais quente. Porém, pouco depois do meu retorno, quando comecei a usar regularmente Gallica, percebi que até poderia ter evitado aquela manhã xerocando em Jussieu. Agora eu tinha tudo em casa. Depois, vieram outros acervos *on-line*, também muito amplos. Porém, Gallica foi para mim o mais importante. Foi Gallica que me animou a trabalhar sistematicamente em História da Biologia. Por isso a considero um marco na minha carreira.

De fato, com esses novos recursos, toda a História da Ciência começou a mudar. Eu, por exemplo, já não precisei mais confiar no que Coleman ou E. S. Russell me

* Ver as resenhas de: FARIA, Felipe [*História, Ciência, Saúde* 17(4): 1031-1034, Rio de Janeiro 2010]; y MELLENDER DE ARAUJO, Aldo [*Boletim de História e Filosofia da Biologia* 5(2): 6-7, São Paulo 2011].

contavam de sua leitura dos textos de Cuvier. Podia ler esses textos por mim mesmo, e até descobrir pontos insatisfatórios nas interpretações que esses historiadores propunham. Mais até: percorrendo o acervo de Gallica, e de outras bibliotecas semelhantes, fui descobrindo que, pelo menos no que tange aos naturalistas que me interessavam, a História da Biologia está repleta de *histórias mal contadas*. A do adaptacionismo pré-darwiniano é uma delas: incluindo o adaptacionismo de Cuvier e o de Lamarck. Felizmente, essas *histórias mal contadas* são relativamente fáceis de detectar, cotejando inteligentemente as próprias fontes secundárias. E agora aí estão as fontes primárias para, apelando a elas, corrigir esses erros. Um exemplo das novas possibilidades que se abriram para a História da Ciência, eu o tive com a primeira tese das únicas duas teses que orientei:

- Frederico Felipe Faria (PRPG INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS // Universidade Federal de Santa Catarina): *Georges Cuvier e a instauração da Paleontologia como ciência*. Defesa: 12/03/2010.

Dentro do PRPG interdisciplinar em ciências humanas do CFH, eu e outros professores da UFSC, tínhamos aberto uma linha de pesquisa em História das Ciências Biológicas e Biomédicas. E Felipe Faria foi o único estudante que se interessou em trabalhar comigo. Hoje a linha continua a existir, e minhas companheiras de empreitada continuam a trabalhar nela; mas eu desisti e me afastei do programa devido a essa falta de demanda de orientação dentro das temáticas nas quais eu posso trabalhar. Entretanto, a tese de Faria, que muito possivelmente não teria sido admitido no doutorado em Filosofia, já justificou minha tentativa. Ela depois virou um livro que foi publicado, em 2012, pela Editora 34 e a Associação Scientiae Studia, com auxílio do CNPq e da Petrobrás, sob o título de *Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia*.

Eu tive, ademais, a honra de escrever seu prefácio, que aqui incluí entre meus *Estudos Cuvierianos*. Posso dizer que o trabalho é um exemplo cabal e contundente de como a internet permite trabalhar no campo da História da Ciência; mesmo que se esteja muito longe dos acervos físicos que antes eram seu pressuposto imprescindível. Fazendo esse trabalho, Felipe Faria, que depois me acompanhou quatro como pós-doutorando, transformou-se em um historiador da ciência reconhecido nacional e internacionalmente. Sua produção em artigos, que já é considerável, também explica esse reconhecimento, e mostra que hoje existem condições inéditas, muito favoráveis, para o desenvolvimento da História da Ciência. Este seria um momento propício para

fomentar seu estudo, e não para obstaculizá-lo ou limitá-lo. Infelizmente, o que se faz usualmente é isso, tanto do lado da História quanto do lado da Filosofia.

Os historiadores, que muitas vezes desconhecem a especificidade e a relevância de uma história epistemológica, amiúde querem monopolizar a História da Ciência. Não é raro eles pretenderem reduzir a disciplina ao estudo das biografias dos cientistas, à História das instituições científicas, ou à História Cultural da recepção e do impacto social da ciência. Estes temas, é verdade, além de serem muito relevantes e interessantes por si próprios, também são muito importantes como complementos da história epistemológica; pois lhe fornecem coordenadas e referências imprescindíveis e iluminadoras. Mas se seu tratamento não estiver acompanhado e orientado pelo interesse no devir do próprio conhecimento científico, podemos ser levados a deixarmos a ciência por fora da História da Ciência.

Do seu lado, devido a fato de desconhecerem que a interrogação histórico-epistemológica é uma forma imprescindível da análise filosófica do discurso científico, os filósofos excluem de sua área toda a História da Ciência, invocando a famosa *especificidade da filosofia*. Termo que, na prática, não costuma ter outro significado além de voltar, uma e outra vez, ao que foi dito pelos *grandes filósofos*. Embora haja que reconhecer que o que se entende por *grandes filósofos* é geralmente muito amplo e generoso. E isso permite que se dediquem muitas teses e inúmeros *papers* ao *pensamento* de autores menores; que poderiam ter sido considerados como bons interlocutores numa polêmica, mas nunca como temas centrais de reflexão.

Na realidade, e como acontece em muitos países, a única forma de evitar isso seria criando espaços institucionais específicos para os estudos epistemológicos em geral: Filosofia e História da Ciência, convivendo inclusive com a Sociologia da Ciência e mesmo com os *Sciences Studies*. Suponho, porém, que eu haverei de concluir minha carreira universitária sem que isso venha a acontecer. Se nem o programa de pós-graduação em Lógica e Filosofia da Ciência da *Unicamp* conseguiu sobreviver – com tudo o apoio e o prestígio que o CLE lhe dava –, escassamente dá para esperar que outros espaços como esse venham a surgir num futuro próximo. Entre nós, os estudos epistemológicos continuaram a serem áreas marginais.

No espaço institucional da Filosofia, a Filosofia e a História da Ciência sempre poderão ser suspeitas de não respeitarem a *especificidade da Filosofia*; e no espaço

institucional da História, historiadores da Ciência que nem eu, sempre poderão ser olhados como diletantes. Pelo menos isto último foi o que escutei numa audiência pública acontecida na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, quando as discussões sobre a *regulamentação da profissão de historiador*. Nessa oportunidade, um professor deste centro deu uma caracterização do que viria a ser um *historiador diletante*, segundo a qual não somente este obscuro professor de Filosofia o seria; senão que também o teriam sido Hélène Metzger, Alexandre Koyré, Georges Canguilhem, Stephen Toulmin, Thomas Kuhn e Martin Rudwick. Não tenho certeza, porém, de que aquele professor conhecesse estes autores. Se não for assim, se ele não sabia nada da existência de historiadores como esses, então a ignorância o absolve.

Porém, e malgrado toda essa hostilidade, eu estou convencido que a Filosofia e a História da Ciência têm um papel muito importante a desempenhar na educação científica: tanto na formulação e no ordenamento didático dos conteúdos a ser ensinados, quanto na formação dos próprios professores. Digo isso, é obvio, sem nenhuma pretensão de originalidade: trata-se de algo sabido. O problema está em que é algo sabido, mas usualmente esquecido e ignorado. É óbvio, por outro lado, que estou falando de uma Filosofia e de uma História da Ciência ocupadas na clarificação conceitual do conhecimento científico e na compreensão das opções teóricas que o configuraram. Não falo de nos limitarmos a repetir alguma versão mais ou menos *aggiornada* da série *indutivismo - falseacionismo - paradigmas - programas de pesquisa - vale tudo*, à qual muitas vezes se reduziu o ensino de nossa disciplina. Em grande medida, há que o reconhecer, isso foi que nos afundou na irrelevância.

Devo a meus colegas que se ocupam da didática da ciência o fato de ter conseguido mensurar o impacto que, nesse plano, poderia ter uma Filosofia da Ciência que, sem resignar-se a ser servente da didática, nem muitíssimo menos, se metesse a analisar as teorias científicas por dentro: elucidando suas articulações conceituais e seus pressupostos metodológicos mais importantes. Uma Filosofia da Ciência assim não trataria à Teoria da Seleção Natural como se ela fosse o mesmo que um palpite sobre a cor das ervilhas que há num saquinho; e a consideraria como resultado de uma série de escolhas epistêmicas, muito complexas, a serem devidamente individualizadas. E é esse tipo de análise que pode nos permitir aprimorar nossos modos de apresentar – nossos modos de expor – o conhecimento científico. As dificuldades epistemológicas e as

dificuldades didáticas têm tudo a ver: elucidando as primeiras podemos ajudar a superar as segundas; e conhecendo estas, podemos chegar a descobrir as primeiras.

Em resumo: o diálogo com pesquisadores na área da didática foi muito iluminador e também muito gratificante. Foi iluminador porque me mostrou novos ângulos a partir dos quais seria possível avaliar os resultados de meu trabalho, e foi gratificante porque descobri o impacto social que a Filosofia da Ciência podia ter. Sem ter que responder, explícita e obrigatoriamente, ao imperativo de auxiliar à didática, uma Filosofia da Ciência bem feita sempre acabará contribuindo ao desenvolvimento de melhores estratégias no ensino de ciências. E nossas sociedades, de México à Terra do Fogo precisam muito disso: precisam de mais cientistas, de mais engenheiros, e de mais professores de ciência. Nós podemos ajudar a os formar.

A própria pesquisa científica pode desenvolver-se por trilhas de normalidade tão rigidamente pautadas que fazem dispensável toda reflexão epistemológica. Isso é o que ocorre com a maior parte da ciência praticada em nosso meio. Na UFSC isso é claramente assim. O ensino da ciência, em troca, sempre terá a ganhar aceitando o auxílio da Filosofia da Ciência, permitindo que esta coloque perguntas relevantes para ambas as atividades. Os trabalhos sobre didática da Biologia que meus colegas Charbel Niño El-Hani, Cláudia de Alencar e Nei de Freitas Nunes-Neto vêm realizando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, História e Ensino da Ciência da *Universidade Federal da Bahia* e da *Universidade Estadual de Feira de Santana*, mostraram-me isso. E em muitos casos eles valeram-se bastante de meus próprios trabalhos em Filosofia da Biologia. O mesmo ocorre com os trabalhos feitos pelos professores Elsa Meinardi e Leonardo Gonzáles Galli na Faculdade de Ciências Exatas e Naturais da *Universidad de Buenos Aires*.

Acredito, inclusive, que o Programa de Pós-Graduação em Filosofia, História e Ensino da Ciência dessas universidades da Bahia poderia transformar-se em um primeiro modelo, ainda a ser muito aprimorado, do tipo de lugar institucional que os estudos epistemológicos deveriam ter. De fato, na *Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia*, da qual sou membro fundador, tanto nos congressos que esta desenvolve habitualmente quanto na revista que publica, deu-se um lugar de destaque aos temas de didática da ciência, e a experiência foi positiva. Lamento, nesse sentido, não ter podido ter um contato mais fluido com o programa de pós-graduação em ensino da ciência e da tecnologia que funciona em nossa universidade. Por agora, coordeno um

pequeno grupo de estudos sobre Filosofia e História da Biologia que está integrado, quase em sua totalidade, por alunos vinculados a esse programa. Em um artigo recente, explico mais detalhadamente minha posição sobre a relação entre os estudos epistemológicos e o ensino da ciência:

- La función de los estudios epistemológicos en un sistema de ciencia y tecnología. *Ludus Vitalis* 21 (39): 257-261. México, 2013.

Num outro trabalho, que também poderia ser considerado como parte dos meus *Estudos Cuvierianos*, ou do meus *Segundos Estudos sobre Naturalização da Teleologia*, até me permiti uma incursão em temas de didática: na base da distinção entre os conceitos de *adaptação fisiológica* e *adaptação evolutiva*, aponte o que considero um obstáculo epistemológico que pode atrapalhar o ensino da Teoria da Seleção Natural:

- Contra el neolamarckismo escolar: la representación fisiológica de la adaptación como obstáculo epistemológico para la comprensión de la Teoría de la Selección Natural. *Acta Scientiae* 16 (2): 189-199. Canoas, 2014.

E já que voltei a falar de meus *Estudos Cuvierianos*, eu gostaria ainda de rememorar, pois é disso que se trata aqui, três dissertações por mim orientadas que também podem serem consideradas como continuações ou sequelas, mais ou menos diretas, mais ou menos tardias, desses estudos. Não foram tão relevantes quanto a tese-livro de Felipe Faria, mas também merecem ser lembradas e enumeradas:

- Leandro Ody (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *Teoria e História em Geologia*. Defesa: 28/2/2005.
- Gabriel Porto (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *O Buldogue de Darwin: a interconexão entre agnosticismo e evolução*. Defesa: 24/02/2010.
- Rodrigo Ramos (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *O conceito de organismo no pensamento kantiano*. Defesa: 4/10/2010.

I CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO IBERO-AMERICANA DE FILOSOFIA DA BIOLOGIA



VALENCIA: NOVEMBRO DE 2012

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

AMÉRICA LATINA

JE CONNAIS LA LITTÉRATURE POUR L'AVOIR
INTERROGÉE À MA GUISE (ET SEULEMENT AINSI).

Paul Valéry
TEL QUEL

O projeto sobre Cuvier que foi contemplado pela terceira bolsa PQ e deu origem a meus *Estudos Cuvierianos*, continha o primórdio de outra linha de trabalhos que começou a ser desenvolvida já em 2003. Conforme fica em evidência no artigo “Os modos da teleologia em Cuvier, Darwin e Claude Bernard” – que era a fundamentação desse projeto –, um dos pontos chave da análise que eu queria realizar estava pautado por uma comparação entre a História Natural cuvieriana e a História da Natureza darwiniana, ancorada na noção de *Ideal de Ordem Natural* proposta por Stephen Toulmin nos anos sessenta. Eu tinha começado a ler Toulmin em Paris, e quando me familiarizei com a obra de Cuvier descobri que o que mais radicalmente separava a sua História Natural da de Darwin era a sujeição a um *ideal de ordem natural* derogado pela Teoria da Seleção Natural. Esse ideal, ao qual Cuvier se sujeitava e que Darwin tinha ignorado, era o *princípio de plenitude*. E é claro que tudo isso também tem a ver com minhas leituras de Lovejoy. A Teoria da Seleção Natural, em troca, supunha um ideal de ordem natural que fazia com que a diversidade de formas fosse algo que necessitava de explicação.

Daí surgiu toda uma reinterpretação dos objetivos cognitivos da Teoria da Seleção Natural que desembocou em outras duas séries estudos: meus *Estudos sobre Evo-Devo*, aos quais aludirei um pouco depois; e meus *Estudos Darwinianos*, aos quais aludirei ainda mais adiante. Referir-me-ei agora a meus **ESTUDOS TOULMIANOS**. Estes merecem esse qualificativo, apresso-me em esclarecer, porque eles assumem a noção de *ideal de ordem natural* como instrumento de análise, e não por terem a obra de Toulmin como assunto ou fundamento. Seu ponto de partida foi um artigo que respondia, conforme já indiquei, a meu projeto sobre Cuvier. Mas sua hora final ainda não chegou: espero poder aplicar essa noção em um estudo sobre a origem da Fisiologia moderna. Minha tese será que o *ideal de ordem natural* que funda essa disciplina, e unifica toda a sua história, é a morte. Mas, até que chegue esse momento – de poder desenvolver essa idéia, queiro dizer –, o que há é isto:

- La navaja de Darwin. La derogación del principio de plenitud en la revolución darwinista. *Ludus Vitalis* 12 (22): 9-38. México, 2004.
- O princípio de Hardy-Weinberg como ideal de ordem natural da Biologia Evolutiva. In REGNER, A. & ROHDEN, L. (Eds.) *A filosofia e a ciência redesenham horizontes* [pp.225-235]. UNISINOS: São Leopoldo, 2005.
- El retorno de la ontogenia: un conflicto de ideales de orden natural en la biología actual. *Scientiae Studia* 5 (1): 9-34. São Paulo, 2007.
- La Biología Evolucionaria Desenvolvimental según su Ideal de Orden Natural. *Princípios* 17 (27): 5-29. Natal, 2010.
- Ideal de orden natural y objetivo explanatorio de la teoría de la selección natural. *Filosofia* 12 (1): 20-37. São Leopoldo, 2011.

Alguns títulos destes trabalhos já denunciavam seu parentesco com meus *Estudos sobre Evo-Devo*. Tema ao qual, sem sucesso, tentei dedicar a que seria minha terceira renovação da bolsa PQ; aquela que deveria me levar a obter a bolsa de categoria I. A proposta foi rejeitada com o argumento de que era um projeto de História da Ciência, e não de Filosofia. Não vou insistir sobre o que penso a respeito dessa forma de considerar a História da Ciência. Só vou dizer que, nesse momento, a análise histórico-epistemológica foi a melhor estratégia que encontrei para entrar em um tema muito difícil: a Biologia Evolucionária do Desenvolvimento. Este é um domínio muito novo da Biologia Evolucionária: consolidado como linha de pesquisa, mas ainda de contornos difusos no que tange a sua estrutura conceitual, e também no que diz respeito aos seus pressupostos teóricos fundamentais. Trata-se de algo muito mais difícil de analisar do que a Teoria da Seleção Natural. Por outro lado, muitos dos temas da *Evo-Devo* – não sou eu o primeiro a dizer – guardam relação com alguns temas da História Natural pré-darwiniana. Por isso considere que poderia começar a trabalhar o assunto pela via histórica, como fez Ron Amundson: um reconhecido filósofo da Biologia.

A questão é que fiquei *fora do sistema*. Felizmente, isso não implica em um problema salarial verdadeiramente sério. Mas, além da compra de livros, que fica facilitada, a outra cenoura que nos leva a correr atrás dessa bolsa, tem a ver com os recursos dos quais se necessita para sustentar, com maior tranquilidade, atividades profissionais imprescindíveis, como as participações em congressos, sobretudo internacionais. Sem a participação regular em eventos, nosso trabalho seria muito mais lento, e seus resultados mais pobres. O pesquisador do CNPq tem um auxílio regular

para isso, ou tem mais chance de consegui-lo quando necessita. Dou um exemplo: nesse tempo em que estive sem a bolsa me foram negados recursos para participar do Congresso Internacional de História da Ciência em Pequim. Conjuntamente com Philippe Huneman do *Institut d'Histoire et de Philosophie des Sciences et des Techniques* (IHΦSt) de Paris I, eu tinha organizado um simpósio sobre a história do conceito biológico de *função*, e nesse simpósio estava prevista uma apresentação minha à qual tinham atribuído um debatedor. Foi humilhante ter que deixar de ocupar esse lugar de destaque, falando, no último momento, que eu não iria por falta de verbas.

Felizmente, nesses anos, os auxílios do Centro Lombardo Toledano do México e da *Universidad Nacional de Colombia* me permitiram participar de alguns eventos internacionais que foram muito importantes. A isso, ademais, também se acrescentaram oportunos auxílios do IHΦST, de Paris I, e da UNAM; tudo isso somado ao fato de poder pegar carona em alguns dos convites que Sandra Caponi recebeu nesses anos para desenvolver atividades de ensino e pesquisa na EHESS, no Instituto Pasteur e no College de France. Tudo isso possibilitou minha presença em atividades das quais, não contando com as fontes mais habituais de financiamento, haver-me-ia sido impossível participar. Nesse período, não vou deixar de dizer, pesquisadores que tiveram e continuavam tendo uma produtividade em pesquisa muito inferior à que eu tivera e continuava tendo, desfrutaram do auxílio institucional que me foi negado.

Nesse sentido, a ajuda que, direta ou indiretamente, me deram essas outras instituições foi providencial; pois, justo nesses anos, gerou-se uma rede informal, mas muito ativa, de pesquisadores latino-americanos da área de Filosofia da Biologia. A interlocução dentro desse Grupo de Bogotá, como o chamamos, foi decisiva, tanto para progredir em minhas pesquisas quanto para dar visibilidade e reconhecimento internacional ao meu trabalho. Acredito que todos os que dele participam podem dizer o mesmo; e no meu caso, ademais, também há que dizer que, sem o auxílio e a generosidade de meus colegas, eu teria ficado por fora de tudo isso.

O Grupo de Bogotá é formado por colegas com quem, nos últimos anos, mantive um intercâmbio intenso e enriquecedor: Alejandro Rosas e Eugenio Andrade, da Universidad Nacional de Colombia; Violeta Aréchiga, Jorge Martínez Contreras, Mario Casanueva e Maximiliano Martínez, da UAM; Paulo Abrantes, da UnB; Charbel Niño El-Hani e Nei de Freitas Nunes-Neto, da UFBA; José Luis Vera Cortés, da Escuela Nacional de Antropología e Historia do México; Pablo Lorenzano, da Universidad

Nacional de Quilmes; Santiago Ginnobili, da UBA; Daniel Blanco, da Universidad Nacional del Litoral; Carlos López Beltrán, da UNAM; Pablo Quintanilla, da Pontificia Universidad Católica de Peru; Aura Ponce de Leon e Raul Gutiérrez Lombardo, do Centro Lombardo Toledano, assim como vários outros pesquisadores desta mesma instituição: Alva Ruiz, Mercedes Tapia Berrón, Paola Hernandez e Jonatan García Campos, entre outros. Em algumas ocasiões, a esse grupo somaram-se colegas da França, como Jean Gayon e Michel Bordeau; da Espanha, como Antonio Dieguez; e também outros colegas mexicanos, como Ana Barahona, Edna Suarez e Sergio Martínez, da UNAM. O Grupo de Bogotá foi o embrião da Associação Ibero-Americana de Filosofia da Biologia, que fundamos em Valência em novembro de 2012, e cuja primeira comissão diretiva eu integro.

Gostaria de sublinhar, além do mais, que a ideia de aproximar os pesquisadores latino-americanos de nossa área, tivemos-lha Alejandro Rosas e eu, quando ele me convidou para ministrar um minicurso para pós-graduandos de Filosofia e de Biologia na sede Bogotá da Universidad Nacional de Colombia. Isso aconteceu nos primeiros dias de setembro de 2004. Foi uma de minhas melhores experiências como docente: os estudantes colombianos são excelentes. Isso eu pude ratificar mais tarde, pessoalmente ou pelo testemunho de colegas brasileiros, argentinos, mexicanos e franceses que também tiveram contato com alunos dessa origem. E é claro que há esses alunos porque nossos colegas colombianos também são muito competentes. Ter descoberto isso, e que Bogotá é uma cidade para ficar, são duas das muitas dívidas que tenho com Alejandro Rosas.

Na realidade, Alejandro Rosas e Jorge Martínez Contreras, da UAM, foram os principais promotores do grupo de Bogotá. Eles e Eugenio Andrade foram os artífices de vários encontros no México e na Colômbia. No Brasil, quem também contribuiu significativamente para a articulação desse grupo foi a professora Karla Chediak, da UERJ: os encontros que ela organizou em Ilha Grande, em 2005 e 2007, foram muito importantes a esse respeito. O mesmo pode-se dizer de Paulo Abrantes, da UnB. Além de organizar um evento em Brasília, do qual participaram vários membros do grupo e do qual eu não pude participar, o Professor Abrantes organizou uma importante coletânea sobre Filosofia da Biologia que foi publicada pela editora Artmed, de Porto Alegre, em 2011. Em sua maior parte, essa obra é formada por trabalhos de membros do Grupo de Bogotá.

Eu, por minha vez, organizei um simpósio de Filosofia da Biologia dentro do Colóquio *Principia* de 2007, e propicie a participação de muitos membros do grupo no Colóquio *Principia* de 2009, cujo tema central foi Darwin. Não consegui, entretanto, vincular as atividades do grupo com as da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia, com exceção de alguns membros brasileiros e argentinos do grupo que já participavam dos encontros da associação. No entanto, consegui que se estabelecesse algum elo entre o Grupo de Bogotá e o Grupo de Estudos sobre Materialismo e Evolucionismo, presidido pelo Professor João Quartim de Moraes na *Unicamp*. Este grupo já organizou três excelentes encontros no CLE (em 2006, 2009 e 2011), contribuindo assim para a consolidação da Filosofia e da História da Biologia em nosso meio. Em 2013, quando o Congresso Interamericano de Filosofia aconteceu em Salvador, vários membros do Grupo de Bogotá participamos de um simpósio sobre Filosofia da Biologia organizado por Charbel Niño El-Hani. E em 2015 planejamos nos encontrar em dois encontros que aconteceram no México; um dos quais será o Segundo Congresso da Associação Ibero-americana de Filosofia da Biologia.

Há que se dizer, por outro lado, que as atividades do Grupo de Bogotá também se entrelaçam, embora muito parcialmente, com as atividades da Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul. Eu e outros membros argentinos e brasileiros do grupo, temos coincidido em alguns dos encontros dessa associação, que permitiu uma conexão estreita e regular entre os pesquisadores argentinos, brasileiros, uruguaios e chilenos que se dedicam a todas as áreas da Filosofia e à História da Ciência. E agora a ela também estão se somando pesquisadores da Colômbia e do México. Trata-se de processos muito auspiciosos e positivos: é difícil dedicar-se a qualquer atividade vinculada à produção de conhecimento sem estar integrado em comunidades de interlocutores realmente amplas, dentro das quais, além de termos algo a escutar, também possamos ser seriamente escutados: para receber críticas apropriadas e respeitadas que nos permitam avaliar e aprimorar nossos trabalhos.

Os colóquios *Principia*, organizados pelo Núcleo de Lógica e Epistemologia da UFSC, também contribuíram muito nesse processo, bem como as Jornadas de Epistemologia e Historia de la Ciencia organizadas pela Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina. Por sua vez, a SBHC, da qual também sou membro, tampouco deixou de fomentar a integração com a América Latina da comunidade brasileira de

historiadores da Ciência. Seria bom que esses esforços de integração regional recebessem apoios específicos e proporcionais à sua grande fertilidade.

No meu caso, felizmente, quando esse rizoma de vínculos societários que começamos a articular em Bogotá já estava consolidado, o CNPq voltou a conceder-me a bolsa PQ. Isso foi em março de 2008, três anos depois daquele desentendimento sobre a *relevância filosófica* da História da Ciência. Reingressei, então, no sistema: outra vez, claro, com uma bolsa de categoria II, vigente até fevereiro de 2011. O projeto, que era sobre *Evo-Devo*, chamava-se *Aproximação epistemológica à nova Biologia Evolucionária*, e nele não havia rastros de História da Ciência que pudessem me comprometer. Durante esse interregno sem bolsa, continuei desenvolvendo outras linhas de pesquisa às quais já aludi, mas também procurei uma articulação de minha abordagem à *Evo-Devo* que prescindisse de toda perspectiva histórica, e consegui.

Mas acredito que eu teria ganhado tempo se tivesse empreendido o primeiro caminho que havia esboçado. Foi um adiamento tão artificial quanto injustificado. Esse projeto inicial, desprezado pelo CNPq, é fácil de apreciar porque ficou perfeitamente refletido em meu artigo “O darwinismo e seu outro”, publicado em *Scientiae Studia* e reeditado mais tarde em castelhano. Este, que é um dos meus trabalhos mais citados, pode ser considerado como o primeiro dos meus **ESTUDOS SOBRE EVO-DEVO**. A maior parte desses trabalhos foi realizada, porém, durante a vigência da bolsa. Eis aqui sua relação:

- O darwinismo e seu outro, a teoria transformacional da evolução. *Scientiae Studia* 3 (2): 233-242. São Paulo, 2005.
- La Filosofía de la Biología y el futuro de la Biología Evolucionaria. *Ludus Vitalis* 15 (28): 199-202. México, 2007.
- El concepto de Selección Interna y la sujeción de la Biología Evolucionaria del Desarrollo al modelo de explicación variacional. *Biotemas* 21 (4): 163-178. Florianópolis, 2008.
- O retorno da ontogenia: a articulação de uma segunda síntese na Biologia Evolucionária. *Anais do 11º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. Rio de Janeiro, 2008 [CD].
- El segundo pilar: la Biología Evolucionaria Desenvolvimienta y el surgimiento de una teoría complementaria a la teoría de la selección natural. *Ludus Vitalis* 16 (29): 3-32. México, 2008.
- Selección interna: el control de la filogenia por la ontogenia en una perspectiva variacional. *THEORIA* 62: 195-218. San Sebastián, 2008.

- Las constricciones desenvolvimentales como causas remotas de los procesos evolutivos. In MORTARI, C. & DUTRA, L. (Eds.). *Anais do V Colóquio Internacional Principia*. NEL//UFSC: Florianópolis, 2009 [CD].
- La Evo-Devo como ciencia histórica de causas remotas. *Acta Biológica Colombiana* 14 (45): 133-150. Bogotá, 2009.
- El darwinismo y su otro, la teoría transformacional de la evolución. In BERTOL DOMINGUES, H.; ROMERO SÁ, M.; PUIG-SAMPER, M.; RUIZ GUTIÉRREZ, R. (Eds.) *Darwinismo, meio ambiente, sociedade* [pp.177-184]. Museu de Astronomia e Ciências Afins: Rio de Janeiro, 2009.
- Desarrollo, causas remotas e Historia Natural. *Principia* 13 (1): 29-50. Florianópolis, 2009.
- El concepto de selección interna y la sujeción de la biología evolucionaria desenvolvimental al modelo de explicación variacional. In LABASTIDA, J. & ARÉCHIGA, V. (Eds.) *Identidad y Diferencia III: la filosofía y la ciencia* [pp.365-371]. Siglo XXI: México, 2010.
- Como e porque o estudo do desenvolvimento é relevante para o estudo da evolução. In DE MORAES, J. (Ed.) *Materialismo e Evolucionismo II: a origem do homem* [pp.9-33]. CLE-Unicamp: Campinas, 2011.
- Sobre auto-organização e seleção natural. *Investigação Φ Filosófica* E1, artigo digital 2. Ouro Preto, 2011.
- Aproximação epistemológica à Biologia Evolutiva do Desenvolvimento. In ABRANTES, P. (Ed.) *Filosofia da Biologia* [pp.211-223]. ARTMED: Porto Alegre, 2011.
- Nacer puede ser fácil; lo difícil es no morir. *Ludus Vitalis* 19(35): 313-318. México, 2011.
- La Evo-Devo y la articulación de una nueva teoría de la evolución. In DIÉGUEZ, A. et al (Eds.) *Actas del I Congreso de la Asociación Iberoamericana de Filosofía*. Universidad de Valencia: Valencia, 2012 [CD].

As duas melhores dissertações que orientei em minha carreira estão vinculadas, além disso, a essa linha de trabalho:

- Jerzy Brzozowski (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *Auto-organização e contingência na Biologia Evolutiva: um estudo sobre os desafios de S. Kauffman e S. J. Gould ao darwinismo*. Defesa: 2/7/2007.
- João Francisco Botelho (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *Epigênese radical*. Defesa: 20/10/2007.

Jerzy Brzozowski, que tinha feito sua graduação em Farmácia, continuou trabalhando comigo até doutorar-se. Hoje é professor de Filosofia na Universidade Federal da Fronteira Sul. João Francisco Botelho, formado em Ciências Biológicas, está

agora no Chile concluindo um doutorado em Biologia. A pesquisa da sua tese se inscreve no campo da Biologia Evolucionária do Desenvolvimento; e já publicou alguns trabalhos em *journals* científicos de primeira linha. Eles e Felipe Faria, cuja graduação também foi em Biologia e o mestrado em Botânica, convenceram-me, contrariando a minha experiência pessoal, de que é mais fácil dar formação em Filosofia e História da Biologia a alunos de Biologia que dar formação biológica a alunos de Filosofia. Todavia, meu próprio caso continua mostrando que pode haver exceções. Espero que apareçam outras, assim poderei reativar meu minguado Grupo Fritz Müller-Desterro de Estudos em Filosofia e História da Biologia, cuja breve *época de ouro* foi quando Chico, Felipe e Jerzy coincidiram como pós-graduandos na UFSC.

O fato, entretanto, é que poucos alunos se mostraram interessados em me seguir na minha linha de trabalho: os estudantes formados em Filosofia possivelmente se sentem excedidos pelo que deveriam estudar de Biologia. Já os graduados em Biologia podem sentir-se desalentados pelas leituras de clássicos da Filosofia que são exigidas nos processos de seleção para ingressar em nosso programa de pós-graduação. Estes alunos podem ler sem dificuldade textos relativamente complexos de Filosofia da Ciência, mas em geral resulta-lhes difícil encarar Descartes ou Kant quando ainda estão procurando uma continuação para seus estudos de graduação ou para seu mestrado. Felizmente, no último processo seletivo, a longa entressafra chegou a seu fim e apareceram novos estudantes interessados na Filosofia e na História da Biologia; a maior parte deles formados em cursos de Ciências Biológicas.

Não se deve pensar, por outro lado, que o desencontro com o *CNPq* tenha me levado a desistir da História da Biologia. De fato, paralelamente ao desenvolvimento do projeto sobre Evo-Devo, que finalmente foi aprovado, e aproveitando que já tinha trabalhado bastante sobre este tema antes da concessão da bolsa, também empreendi um trabalho de caráter histórico-epistemológico sobre alguns aspectos da História Natural de Buffon. Assim, quase às escondidas, desenvolvi meus *Estudos Buffonianos*. Estes foram uma sequência de meus *Estudos Cuvierianos*, e além de incluírem uma comparação entre as tese biogeográficas de Darwin e Buffon, também incorporaram um trabalho sobre Félix de Azara e outro sobre Jean Claude Delamethérie: naturalistas cujo pensamento esteve muito marcado pelo pensamento de Buffon. Finalmente, já em 2014, ainda redigi um trabalho sobre o modo no qual Buffon pensava a diferencia entre o

homem e os demais animais. Esse trabalho já foi aceito para ser publicado em algum futuro número de *História, Ciência, Saúde*.

Todavia, sem considerar este último escrito, os **ESTUDOS BUFFONIANOS** foram os seguintes:

- La unidad de tipo en la historia natural de Buffon. *Revista Brasileira de História da Ciência* 1 (1): 6-11. Rio de Janeiro, 2008.
- Darwin y la biogeografía preevolutiva. In MARTINS, R.; MARTINS, L.; SILVA, C.; FERREIRA, J.; MARTINS, L. (Eds.) *Filosofia e história da ciência no cone sul: seleção de trabalhos do 5º Encontro* [pp.189-196]. AFHIC: Campinas, 2008.
- Unidad de tipo y degeneración en la Historia Natural de Buffon. *Filosofia e História da Biologia* 3: 179-194. São Paulo, 2008.
- Transformisme limité et matérialisme radical dans l'Histoire Naturelle de Buffon. In BERNEZ, M. (Ed.) *L'héritage de Buffon* [pp.315-323]. Editions Universitaires de Dijon: Dijon, 2009.
- La miseria de la degeneración: el materialismo de Buffon y las limitaciones de su transformismo. *História, Ciências, Saúde* 16 (3): 683-703. Rio de Janeiro, 2009.
- Félix de Azara, crítico de Buffon. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)* 6 (1): 123-139. Belém, 2011.
- L'Unité de type dans l'Histoire Naturelle de Buffon. In CHAZAL, G. (Ed.) *Les lumières et l'idée de Nature* [pp.99-106]. Editions Universitaires de Dijon: Dijon, 2011.
- La génesis de las especies según Jean-Claude Delamétherie. *Llul* 37(79): 13-38. Zaragoza, 2014.

Os resultados mais importantes desses trabalhos, e a generosa intermediação de Mario Casanueva da UAM, deram lugar a meu segundo livro:

- *Breve introducción al pensamiento de Buffon*. Universidad Autónoma Metropolitana: México, 2010.*

De fato, os anos nos que escrevi a maior parte desses *Estudos Buffonianos* não teriam sido muito oportunos para deixar de lado a História da Biologia; malgrado as preferências do comitê do *CNPq*. Em 2007 completaram-se trezentos anos do nascimento de Buffon, e a *Université de Bourgogne* organizou um evento em Dijon para comemorar a data. Pierre Guenancia, que sabia que, estudando o pensamento de Cuvier, eu tinha adentrado em alguns aspectos do pensamento de Buffon, propôs meu nome aos organizadores para que eles me convidassem como conferencista nesse

* Ver as resenhas de: BLANCO, Daniel [*Signos filosóficos* 13(25): 181-186, México 2011]; e GALERA, Andrés [*History and Philosophy of Life Sciences* 35: 277-301, Napoli 2013].

evento, o que efetivamente ocorreu, obrigando-me a revisar e aprofundar minhas leituras sobre o tópico. Foi assim que iniciei esses *Estudos Buffonianos*, e foi de uma maneira semelhante que comecei meus trabalhos histórico-epistemológicos sobre Darwin.

Em 2009 seria o bicentenário de Darwin, e comecei a receber convites para participar de eventos e publicações dedicadas a ele. Pude atender a alguns desses convites com trabalhos que não me desviavam das linhas de pesquisa que já vinha desenvolvendo, mas logo senti a necessidade de fazer um trabalho histórico focado nos trabalhos do próprio Darwin, e também no devir histórico da ciência por ele fundada. Configurou-se assim esta série de escritos, que chamarei de **ESTUDOS DARWINIANOS**:

- De Humboldt a Darwin: una inflexión clave en la historia de la biogeografía. *Geosul* 23 (45): 27-41. Florianópolis, 2008.
- Definitivamente no estaba ahí: la ausencia de la Teoría de la Selección Natural en Sobre la tendencia de las variedades a apartarse indefinidamente del tipo original de Alfred Russel Wallace. *Ludus Vitalis* 17 (32): 55-73. México, 2009.
- Sobre la génesis, estructura y recepción de El Origen de las Especies. *Scientiae Studia* 7 (3): 403-424. São Paulo, 2009.
- Filiação comum e adaptação em Sobre a origem das espécies. *Revista Brasileira de História da Ciência* 3 (1): 6-15. Rio de Janeiro, 2010.
- Os primeiros darwinistas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Edição especial de História da Ciência N°. 2: 64-69. Rio de Janeiro, 2010.
- El adaptacionismo como corolario de la Teoría de la Selección Natural. *Endoxa* 24 (1): 123-142; Madrid, 2010.
- Resenha de GUILLAUMIN, G. 2009: *Raíces metodológicas de la teoría de la evolución de Darwin* [Barcelona/México: Anthropos// UAM]. *Crítica* 43 (129): 108-114. México, 2011.
- Las raíces del programa adaptacionista. *Scientiae Studia* 9(4): 705-738. São Paulo, 2011.
- La consolidación del programa adaptacionista. *Scientiae Studia* 9(4): 739-776. São Paulo, 2011.
- Contra la lectura adaptacionista de El origen de las especies. In BARAHONA, A.; SUÁREZ, E.; RHEINBERGER, H. (Eds.) *Darwin: el arte de hacer ciencia* [pp.119-135]. Universidad Nacional Autónoma de México: México, 2011.
- Por qué la apomorfia y no más bien la plesiomorfia?: la Teoría de la Selección Natural según su Ideal de Orden Natural. In SILVA, C. & SALVATICO, L. (Eds.) *Filosofia e história da ciência no cone sul: seleção de trabalhos do 7º Encontro* [pp.138-146]. Entrementes Editorial: Porto Alegre, 2012.

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

- Dificuldades do programa adaptacionista no primeiro meio século da Biologia Evolucionária. In DA SILVA, M. & HADDAD, T. (Eds.) *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. SBHC: São Paulo, 2012 [CD].

A redação desses trabalhos, muito marcada pelos resultados de meus *Estudos Cuvierianos* e de meus *Estudos Buffonianos*, levou-me a pensar na possibilidade de uma história-epistemológica do programa adaptacionista fortemente influenciada por meus *Estudos Toulmianos*. Foi pensando nisso que redigi o projeto para meu segundo pós-doutorado em Paris: *Ideal de ordem natural e objetivo explanatório da Teoria da Seleção Natural*. Queria desenvolvê-lo no Institut d'Histoire et de Philosophie des Sciences et des Techniques (IHΦSt) de Paris I, que agora era dirigido por Jean Gayon: um legítimo herdeiro de Georges Canguilhem. Dessa vez, possivelmente porque não se tratava de uma bolsa PQ, ou porque algumas coisas tinham mudado, o CNPq não objetou o viés histórico de minha proposta. Foi assim que, em março de 2011, Sandra Caponi e eu estávamos outra vez em Saint Mandé, a poucos metros do *Bois de Vincennes*: ela como *bolsista sênior* da CAPES, e ambos decididos a passar seis meses de vida calma e trabalho intenso. Mauro não nos acompanharia: só viria no final de nossa estadia, em agosto, depois de passar um semestre em Rosario. Ele já era aluno de Letras na UFSC, e faria um intercâmbio na UNR. Tinham-se passado onze bons anos desde que ele terminara o CM-2 na *École Charles Digeon* de Saint Mandé.

COM DIXIE: NA RUE D'ODESSA, MAIO DE 2007



OUTRA VEZ PARIS

WE'LL ALWAYS HAVE PARIS.

Rick Blaine
CASABLANCA

Felizmente, nesses onze anos que se passaram entre nossos dois pós-doutorados, não deixei de visitar a França com bastante regularidade. Em fevereiro de 2002, acompanhei Sandra, que tinha sido convidada por Gérard Jorland a ditar aulas na EHESS em março de 2008, e aproveitei esses dias em Paris para fazer um breve trabalho de pesquisa preliminar para meus *Estudos Cuvierianos*. Além disso, na equipe REHSEIS eu ministrei – para escasso embora ilustríssimo público – uma palestra sobre Claude Bernard que já tinha a ver com esses *Estudos Cuvierianos*. Um ano mais tarde, em fevereiro de 2003, também acompanhando Sandra, que estava realizando uma pesquisa no Instituto Pasteur, voltei a Paris e participei de uma mesa redonda sobre a introdução do darwinismo no Brasil. Essa atividade foi organizada pelo Centre Brésil-France da EHESS. Na mesa participaram Heloisa Bertol Domingues, do MAST, e Michel Paty.

Já no início de 2004, entre 15 de janeiro e 15 de fevereiro, ministrei aulas, como professor convidado da EHESS, no seminário de Gérard Jorland. O tema dessas aulas tinha a ver com meus *Estudos Cuvierianos*. E nesse mesmo período viajei a Dijon para ministrar uma palestra sobre Cuvier e Darwin na *Université de Bourgogne*. Foi também durante esses dias que, em um jantar na casa de Jean Gayon, tive o prazer de conhecer Jorge Martínez Contreras, da UAM. Pelo que já falei sobre ele quando me referi ao Grupo de Bogotá, é óbvio que este comentário excede a esfera puramente pessoal. Como Jean, Jorge é, sim, um amigo; mas a relação com ambos foi de grande importância em minha carreira, e é disso que estou falando aqui.

Em 2005 não voltei a Paris, mas em junho de 2006, coincidindo com o final do período no qual Sandra Caponi ministrou suas aulas no *Collège de France*, viajei convidado por Jean Gayon, que tinha nos visitado no ano anterior, no *Colóquio Principia* de 2003, para ministrar uma palestra no *Séminaire structure & fonction – l'inférence fonctionnelle*, que vinha sendo desenvolvido desde o ano anterior no IHΦSt. Desta vez o público foi numeroso, e a discussão muito longa e proveitosa. Senti-me orgulhoso de expor sobre temas de Filosofia da Biologia no instituto que tinha sido o *bunker* de Canguilhem. Por esses mesmos dias, eu também participei de um simpósio

sobre o conceito de função no *VI Congresso internacional de história da filosofia da ciência* que acontecia na *École Normale Supérieure*. Minha comunicação foi sobre a noção de função em Cuvier, e ninguém deu a ela maior importância. Lembro-me que onde, sim, tivemos uma boa discussão, foi em uma mesa sobre História da Filosofia da Ciência na América Latina, que tive que coordenar.

2007 foi o ano de Dijon. Estive lá em duas oportunidades. A primeira vez foi em maio, como professor convidado no Departamento de Filosofia da *Université de Bourgogne*. Por iniciativa de Pierre Guenancia, ministrei aulas sobre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, embora ficássemos hospedados em Paris. A segunda vez foi em setembro, para participar como expositor convidado do já mencionado colóquio internacional sobre Buffon. E retornei a essa mesma cidade no ano seguinte, dessa vez com uma passagem paga pela CAPES, para participar de outro colóquio internacional que aconteceu durante o mês de outubro, também na *Université de Bourgogne: Les Lumières et l'idée de nature*. Minha palestra foi novamente sobre Buffon. Tanto para Sandra, que também expôs no evento, quanto para mim, esta foi uma experiência excelente, que reavivou nosso desejo de repetir a de 1999-2000.

Mas acredito que era justamente essa mesma regularidade em nossos retornos à França, e o muito proveitosos que eles sempre nos resultavam em termos acadêmicos, o que nos permitia adiar um *séjour* de maior duração. Em certo sentido, não sentíamos uma necessidade imperiosa de encarar uma empresa como essa: sempre muito gratificante, mas também difícil de organizar. Somente nos decidimos a fazê-lo em 2009, depois de passar uns dias em Paris como turistas. Primeiro tentamos viajar no segundo semestre de 2010, mas a CAPES negou-me a bolsa. O CNPq, felizmente, concedeu-me outra para a primeira metade de 2011, e a CAPES voltou a conceder a bolsa à Sandra, que a tinha declinado no ano anterior, quando consideramos que não convinha viajar com uma única bolsa. O adiamento, de todo modo, acabou sendo de grande utilidade: acreditando que minha saída seria na segunda metade de 2010, apressei-me em concluir meu projeto sobre *Evo-Devo* e comecei a me preparar para o desenvolvimento do projeto que queria realizar na França. E quando a viagem ficou postergada, eu tive ainda tempo para deixar encaminhado o projeto que tinha apresentado ao CNPq para a renovação da bolsa PQ.

O novo projeto chamou-se *Adaptação, função e desenho no discurso das ciências biológicas*, e era uma retomada dos meus *Estudos sobre a Naturalização da Teleologia*,

mas feita à luz de toda a discussão contemporânea sobre o conceito de *função*. Ele teria início em março de 2011, concluindo-se em fevereiro de 2014: como de fato ocorreu. Isso implicava que a primeira parte do período para sua realização se sobreporia com minha estada em Paris, onde teria que realizar outro projeto. Os mesmos, é verdade, estavam intimamente relacionados: a realização de um apoiava e facilitava a realização do outro. Mas não eram idênticos, nem perto disso.

Por isso, nesse segundo semestre de 2010, já comecei a trabalhar no projeto PQ. Foi assim que, antes de ir à França, eu já tinha concluído os primeiros trabalhos previstos para o triênio seguinte. Situação que, justamente em razão da relação existente entre os dois projetos, permitiu-me escrever com relativa facilidade o livro que tinha proposto produzir em Paris. Trabalho este que seria o coroamento não só de meus *Estudos Darwinianos*, mas também de meus *Estudos Cuvierianos* e de meus *Estudos Buffonianos*. Sem esquecer, além disso, das marcas que tinha de meus *Estudos Toulmianos*. Estou falando de meu terceiro livro:

- *La segunda agenda darwiniana: contribución preliminar a una historia del programa adaptacionista*. Centro de Estudios Filosóficos, Políticos y Sociales Vicente Lombardo Toledano: México, 2011.*

Eu tinha conversado previamente com Fernando Zambrana, responsável pelas edições do Centro Lombardo Toledano, sobre meu projeto de escrever esse livro e sobre o interesse deles em publicá-lo. Isso, em conjunção com a intensidade com que pude trabalhar nessas tardes sem fim de Saint Mandé, explica sua rápida publicação. Mas, além de dedicar-me à escrita desse livro, nesses meses ainda tive tempo para avançar no projeto de um quarto livro, no qual eu articulei, e integrei, meus *Estudos sobre Evo-Devo*. Tive a ideia quando assisti a uma conferência de Gerd Müller no IHΦST. Escutando-a, percebi que meus trabalhos sobre Biologia Evolucionária do Desenvolvimento mereciam não ficar dispersos em artigos. Mas só comecei a trabalhar quando Fernando Zambrana falou-me que também havia interesse em publicar um livro como o que eu estava projetando. Avancei bastante nele antes de retornar a Florianópolis, e aqui concluí o que se transformou em meu quarto livro:

* Ver as resenhas de: BLANCO, Daniel [*Metatheoria* 1(2): 103-108, Tres de Febrero 2011]; WAIZBORT, Ricardo [*Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas* 7(2): 613-617, Belém 2012]; y LUQUE, Victor [*Theoria* 79:169-171, San Sebastián 2014].

- *Réquiem por el centauro: aproximación epistemológica a la Biología Evolucionaria del Desarrollo*. Centro de Estudios Filosóficos, Políticos y Sociales Vicente Lombardo Toledano: México, 2012.*

Por outro lado, conforme já assinalei mais acima, a convergência das linhas de estudo que resultou em *La segunda agenda darwiniana*, também me permitiu escrever aquele derradeiro artigo sobre Claude Bernard que apontei como um dos últimos de meus *Estudos Cuvierianos*. E pude fazer tudo isso sem deixar de aproveitar a rica oferta de palestras e seminários promovidos pelo IHΦST, muitos dos quais tratavam de temas de Filosofia e História da Biologia. Resgato entre eles os de Michel Morange, uma palestra de Marcel Weber e também aquela de Gerd Müller que já mencionei. Em maio, também vale recordar, viajamos a Tarragona, convidados pelo professor Angel Martínez, e lá ministrei uma conferência sobre Félix de Azara na *Universitat Rovira i Virgili*. Já retornando a Florianópolis, no mês de setembro, os resultados de meu trabalho em Paris permitiram-me retomar com maior facilidade o projeto vinculado à bolsa PQ. Foi assim que pude concluir meus **SEGUNDOS ESTUDOS SOBRE A NATURALIZAÇÃO DA TELEOLOGIA**:

- Análisis funcionales y explicaciones seleccionales en Biología: una crítica de la concepción etiológica del concepto de función. *Ideas y Valores* 143: 51-72. Bogotá 2010.
- Función, adaptación y diseño en Biología. *Signos Filosóficos* 12 (24): 71-101. México, 2010.
- La ciencia de lo sustentable: razón de ser del discurso funcional en Ecología. *Principia* 14 (3): 349-373. Florianópolis, 2010.
- Las apomorfias no se comen: diseño de caracteres y funciones de partes en Biología. *Filosofía e História da Biologia* 6 (2): 251-266. São Paulo, 2011.
- ¿Fue o no fue Darwin el Newton de la brizna de hierba? *Principia* 16(1): 53-79. Florianópolis, 2012.
- Comentario sobre el artículo de Santiago Ginnobili: “El estatus fenomenológico de la teoría de la selección natural”. *Ideas & Valores* 62(152): 319-322. Bogotá, 2013.
- Teleología Naturalizada: los conceptos de función, aptitud y adaptación en la Teoría de la Selección Natural. *THEORIA* 76: 97-144. San Sebastián, 2013.
- El 18 Brumario de Michael Behe: la teoría del diseño inteligente en perspectiva histórico-epistemológica. *Filosofía e História da Biologia* 8(2): 253-278. São Paulo, 2013.

* Ver as resenhas de: CARVAJAL, Yuri [*Revista Chilena de Salud Pública* 17(3): 312-313, Santiago 2013]; y NUÑO, Laura [*Biological Theory on line* first Maio 2014].

Estes estudos também ficaram refletidos, graças ao generoso apoio de Pablo Mariconda, naquele que foi meu quinto livro:

- *Função e desenho na biologia contemporânea*. Associação Scientiae Studia // Editora 34: São Paulo, 2012.*

Mas esses *Segundos Estudos sobre a Naturalização da Teleologia* também estão parcialmente entrelaçados com uma série de trabalhos em que analisei outra clássica questão da Filosofia da Biologia: a relativa ao estatuto ontológico dos táxons biológicos. Um tema que ainda espero retomar em 2017, e ao qual me atrevi a entrar já em 2004, quando da publicação de um número especial da revista *Aurora*, organizado por meu conterrâneo Daniel Perez, na época professor da PUC do Paraná. Esse número estaria consagrado a temas filosóficos na obra de Jorge Luis Borges, e eu propus um contraponto entre o ensaio “El ruiseñor de Keats” e a tese de que as espécies biológicas são entidades individuais. Mais tarde, para poder fundamentar a análise desenvolvida em “Las apomorfias no se comen”, aprofundei distintos aspectos dessa questão, formando-se assim uma série de textos que, não está encerrada, e cujo primeiro elo foi aquele divertimento de 2004. Eis aqui, então, meus **ESTUDOS SOBRE FILOSOFIA DA TAXONOMIA**:

- El ruiseñor de Darwin. *Revista de Filosofia* 16 (19): 51-56. Curitiba, 2004.
- Las masas lamarckianas como clases naturales. *Filosofia e História da Biologia* 5 (2): 295-307. São Paulo, 2010.
- Los linajes biológicos como individuos. *Ludus Vitalis* 19(35): 17-48. México, 2011.
- La distinción entre linajes y sistemas: una contribución al entendimiento de la individualidad de los taxones biológicos. *Filosofia e História da Biologia* 6 (1): 37-47. São Paulo, 2011.
- Os táxons como indivíduos. In STEFANO, W. & PECHLIYE, M. (Eds.) *Filosofia e História da Biologia*. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2011.
- Los taxones como tipos: Buffon, Cuvier y Lamarck. *História, Ciência, Saúde* 18 (1): 15-31. Rio de Janeiro, 2011 [A versão em inglês, “Taxa as types: Buffon, Cuvier, and Lamarck”, foi também publicada na edição *on-line* da revista]
- Linajes y sistemas: dos tipos de individuos biológicos. *Scientiae Studia* 10(2): 243-268. São Paulo, 2012.
- Tipología y filogenia de lo humano. *Ludus Vitalis* 20(37): 175-191. México, 2012.

* Ver a resenha de: BRZOZOWSKI, Jerzy [Scientiae Studia 12(1): 169-178. São Paulo, 2014].

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

- Las especies son linajes de poblaciones microevolutivamente interconectadas. *Principia* 7(3): 395-418. Florianópolis, 2013.
- Las especies como linajes de poblaciones microevolutivamente interconectadas. *Ludus Vitalis* 22 (41) : 91-115. México, 2014.
- Tipologia e filogenia do humano. In MORAES, J. (Ed.) *Materialismo e Evolucionismo* III CLE-Unicamp: Campinas, 2014 [no prelo]

O mais ambicioso de todos eles foi, sem dúvida, o penúltimo: nele me atrevi a delinear um conceito de *espécie*. O mais estratégico, porém, é “Linajes y sistemas”: dele deverá sair o projeto de pesquisa que desenvolvi a partir de 2017. Mas isso é o futuro, sempre inescrutável. Daquilo que já foi feito, devo ainda dizer que esses *Estudos sobre Filosofia da Taxonomia* foram facilitados pelo conhecimento do trabalho que meu orientando Jerzy Brzozowski vinha realizando para sua excelente tese:

- Jerzy Brzozowski (PRPG FILOSOFIA // Universidade Federal de Santa Catarina): *Táxons Biológicos: aspectos semânticos e metafísicos*. Defesa: 30/08/2012.

Posso dizer, em resumo, que minha temporada no IHΦST foi muito produtiva, como também foi, graças a ela, meu retorno ao Brasil. Aqui, por outro lado, estava me aguardando um desafio inédito em minha carreira. Eu era o último dos velhos professores do Departamento que nunca tinha ocupado uma função administrativa como chefe de departamento, coordenador de curso ou de programa; e tive que aceitar o primeiro desses encargos. Com mais resignação que afinco, exerci a chefia do Departamento de Filosofia de 10 de outubro de 2011 até 30 de dezembro de 2013. Se esses anos foram, mesmo assim, bastante produtivos em termos de pesquisa, isso só aconteceu porque, em grande parte, meu trabalho se apoiou no que tinha feito em Paris e também no que tinha trabalhado no ano anterior à minha saída. Pelas razões já explicadas, 2010 foi um ano de trabalho extremamente intenso e profícuo.



ESTATUA DE LAMARCK NO JARDIM DE PLANTAS

NOS ÚLTIMOS TEMPOS

HOY ES SIEMPRE TODAVÍA

Antonio Machado

Que não se pense, entretanto, que nesses dois anos da chefia não olhei para frente. Em 2012 já comecei a trabalhar na redação de um projeto para solicitar, em 2013, a renovação de minha bolsa PQ a partir de março de 2014. O projeto, sobre o qual agora estou trabalhando, chama-se *Fisicalismo e Explicação em Biologia, segundo a concepção experimentalista da causalidade*. Nele, além de voltar sobre a questão do reducionismo, também retorno àquela questão que já tinha começado a me inquietar em meu primeiro curso com Félix Schuster em 1981: o problema de como entender as explicações e as imputações causais formuladas com base em teorias, ou referenciais teóricos, que não contêm leis causais. Acredito que o recurso à concepção experimentalista da causalidade, conforme ela é formulada por James Woodward, permite superarmos essa dificuldade na qual nos coloca a concepção nomológica das explicações e imputações causais. Sendo também o recurso a essa concepção o que pode permitir entendermos a legitimidade das explicações causais que, em seus *explanans*, aludam a propriedades sobrevenientes. Como dá para ver, sempre fui constante e fiel com meus problemas e com meus amores. Também com meus rancores.

O que considero difícil de aceitar é que o CNPq não tenha me outorgado a bolsa I, insistindo em me deixar relegado a pesquisador de categoria II. Isso é melhor que nada, claro. Sempre devemos ser *agradecidos*: não há bolsas para todos que as pretendem, e muitos pesquisadores valiosos ficam sem elas. Ninguém desconhece essas coisas; e eu as conheço muito bem. Mas a verdade é que não entendo sob quais critérios minha produção pode deixar de ser considerada superior à produção que exhibe a maioria dos pesquisadores da área de Filosofia que já detêm essa bolsa que a mim é negada. Seja como for, seguirei adiante. Como já falei, eu tenho certa dificuldade para a desistência; e ainda tenho bastante por fazer. Quer dizer: ainda há muitos assuntos sobre os quais queiro tomar uma posição bem definida, razoavelmente fundamentada, e passível de ser desenvolvida em escritos claros cujo conteúdo conceitual possa dar lugar a uma aula universitária.

Por agora, este último projeto também já começou a produzir resultados visíveis. Alguns, inclusive, foram publicados antes da data formalmente prevista para iniciar a pesquisa. A redação do projeto foi suficientemente cuidadosa para me permitir isso. Já

estou produzindo meus **ESTUDOS SOBRE A EXPLICAÇÃO CAUSAL EM BIOLOGIA**. Por agora, isto é o que há:

- Grados de sobrevivencia en Biología. *Filosofia e História da Biologia* 7(2): 201-214. São Paulo, 2012.
- Grados de sobrevivencia y expectativas reduccionistas en Biología. In DIÉGUEZ, A. et al (Eds.) *Actas del I Congreso de la Asociación Iberoamericana de Filosofía*. Universidad de Valencia: Valencia, 2012 [CD].
- Resenha de DIÉGUEZ, A. 2012: La vida bajo escrutinio: introducción a Filosofía de la Biología [Barcelona//México: Biblioteca Buridán] *THEORIA* 77: 331-348. San Sebastián, 2013.
- A noção de causa e a ideia de lei causal. In MENNA, S. (Ed.): *Conhecimento e linguagem*. Redes: Porto Alegre, 2013.
- Niveles de sobrevivencia y expectativas reduccionistas en Biología. *Contrastes* suplemento XVIII (Filosofía actual de la Biología): 41-54. Málaga, 2013.
- Causas sin ley y leyes sin causa en explicación biológica. *Princípios* 20 (34): 19-54. Natal, 2013.
- Esboço de uma taxonomia dos empreendimentos reducionistas. *Filosofia & História da Biologia* 9(1): 19-38. São Paulo, 2014.
- El caleidoscopio de Darwin: los invariantes selectivos como articuladores causales de la Teoría de la Selección Natural. *Scripta Philosophiae Naturalis* 5: 25-48. Paris, 2014.
- La selección natural en un mundo físicamente determinado. *Scripta Philosophiae Naturalis* 7: 79-95. Paris, 2015.

E a essa serie poderia ainda acrescentar um trabalho escrito em colaboração com o Professor Dr Francisco Javier Serrano-Bosquet, do *Instituto Tecnológico de Monterrey*:

- Warren Weaver y el Programa de Biología Experimental de la Fundación Rockefeller. *Scientiae Studia* 12 (1): 137-167. São Paulo, 2014.

O artigo resultou do estágio que o professor Serrano realizou em Florianópolis durante agosto de 2012, e nele é examinada a história social, ou institucional, da Biologia Molecular. Quer dizer: o artigo analisa como, pela mediação de quais atores institucionais, a perspectiva reducionista se erigiu em vetor de progresso das ciências biológicas. Por isso considero que este *paper* pode ser incluído dentro dessa última série de trabalhos que está vinculada a meu atual projeto de pesquisa; que ademais disso, e graças à generosa mediação de Eugenio Andrade, já deu lugar a meu sexto livro:

- *Leyes sin causa y causas sin ley en la explicación biológica*. Universidad Nacional de Colombia: Bogotá, 2014.

Ele foi lançado como parte da coleção *Apuntes Maestros*, recentemente instituída pela reitoria da *Universidad Nacional de Colombia*; e nos seus capítulos eu exponho os resultados mais relevantes de meus estudos sobre a explicação causal em biologia, mas sem deixar de mostrara compatibilidade das minhas posições com as conclusões às que fui chegando com meus estudos sobre a naturalização da teleologia.

Em outubro deste ano, graças às gestões do responsável direto da edição, o Professor Gustavo Silva, e também ao apoio da Professora Flor Emilce Cely da Universidad El Bosque, eu fui convidado por esta última instituição para viajar a Bogotá e assim poder participar do lançamento do livro e da coleção; ministrando também três palestras: duas delas alusivas ao lançamento. Não podia ter havido melhor maneira de comemorar os dez anos da minha primeira visita a Colômbia. Ademais da enorme satisfação e o grande orgulho que tudo isso me deparou, a circunstância também foi uma linda oportunidade para rever amigos e para beneficiar-me, mais uma vez, das enriquecedoras conversas que sempre consigo manter com os colegas e alunos colombianos. Espero que meu livro esteja à altura de tanta consideração e também à altura desses exigentes diálogos andinos.

Felizmente, ainda em 2014, tive outras duas boas oportunidades de apresentar e submeter à discussão as teses do livro. A primeira delas foi a inícios de novembro, quando ministrei uma palestra sobre ditas teses no quarto simpósio do *Cercle de Philosophie de la Nature*, que teve lugar na *EHESS* de Paris. A outra foi um mês mais tarde, em inícios de dezembro, quando – por fim – eu pude visitar a sede do Centro Lombardo Toledano, ministrando uma conferencia na qual retomei os temas do livro, para – partindo delas – desenvolver uma crítica à *soi-disant Concepção Estatística da Teoria da Seleção Natural*. Foram duas boas experiências que fortaleceram minha confiança na possibilidade de que meu trabalho seja – no final das contas – minimamente digno da coleção *Apuntes Maestros*.

Posso dizer que nesse livro, e em *Função e desenho na biologia contemporânea*, ficaram desenvolvidas as conclusões às que acabei chegando, depois de um longo e sinuoso percurso, sobre os problemas que entrevi quando, em Rosario, ainda em 1985, me embarquei no projeto *Ler darwinismo*; aquele com o qual comecei minha caminhada pela Filosofia da Biologia. Ainda continuo trabalhando em alguns desdobramentos

dessas questões e dessas conclusões, e nunca me faltarão oportunidades para revisitá-las; mas acho que virei uma página e que agora estou liberado para redirecionar meu trabalho de uma maneira relativamente drástica, embora sem sair da Filosofia e da História da Biologia. O ponto de partida dessa nova caminhada, entretanto, já está definido: os *Estudos sobre Filosofia da Taxonomia* que derivaram dos meus *Segundos Estudos sobre a Naturalização da Teleologia*.

Já falei que esses estudos sobre a Filosofia da Taxonomia não estavam fechados, e os quero retomar no contexto de uma análise mais ampla das duas hierarquias biológicas: a funcional-ecológica e a evolutivo-genealógica. Este trabalho me exigirá aprofundar a distinção entre linhagens e sistemas, voltando ainda sobre o conceito de espécie e sobre a temática geral da individualidade biológica. A reflexão sobre o *ideal de ordem natural* da fisiologia que esbocei mais acima poderia inserir-se nesse ciclo de estudos; que também me permitiria retomar a distinção próximo-remoto: as linhagens, conforme já mostrei em vários trabalhos, são afetadas por causas remotas; os sistemas, por causas próximas. Não é descabido pensar que toda essa série de estudos também possa vir a desembocar em outro livro. Que virá ser como um lobisomem daqueles que assombravam o Córrego Grande.

Por outro lado, no plano de meus estudos histórico-epistemológicos, ainda pretendo completar meu périplo pelo desenvolvimento da História Natural com um estudo mais detalhado da obra de Etienne Geoffroy Saint-Hilaire. Poderei vir a trabalhar também outros naturalistas – estou pensando em Pierre Flourens e em Florentino Ameghino –; mas acho que Geoffroy é uma figura chave cujo estudo eu devo aprofundar, sem escapatória. Ainda que eu também almeje poder complementar meu estudo sobre o devir da História Natural com uma análise do modo em que Kant chegou a entrever a ideia de uma História da Natureza no seu curso de Geografia Física. Porém, antes de encarar esses trabalhos sobre Geoffroy e Kant, espero poder voltar sobre Claude Bernard: os estudos que venho realizando sobre a explicação causal e o reducionismo na Biología podem vir a projetar alguma luz sobre alguns aspectos do programa bernardiano para a Fisiologia Experimental.

Uma vez feito tudo isso, coisa que espero não seja dentro de muito tempo, talvez possa começar a pensar na possibilidade de vir a sintetizar todo meu trabalho histórico-epistemológico em um grande livro no qual sejam examinadas, de forma concatenada, as ideias sobre a teleologia orgânica e as transformações dos seres vivos, que podem ser

GUSTAVO CAPONI - MEMORIAL

encontradas em naturalistas como Buffon, Azara, Delamethérie, Lamarck, Cuvier, Geoffroy, Owen e Darwin; embora eu não queira deixar de incluir aí, capítulos sobre Kant, Spencer e Claude Bernard. Acredito, ademais, que eu também já posso ir pensando em um livro que revise, e sintetize, todo meu trabalho em Filosofia da Biologia, incluído aquilo que possa vir a resultar da minha retomada dos temas de Filosofia da Taxonomia.

Se meus colegas do Departamento de Filosofia, e a própria UFSC, continuam dando-me o apoio e o espaço que sempre me deram para o trabalho de pesquisa – e se a política para as universidades públicas continuar dentro do rumo dos últimos dez anos, embora as trombetas do ajuste já estejam soando – acredito que poderei fazê-lo. Isso redundará também em benefício de minha função docente: no ensino e na orientação. O fato, entretanto, é que esse último livro, ao igual que aquele outro sobre o desenvolvimento da História Natural, são objetivos que eu só posso me propor para um prazo relativamente longo; e, como todos nós sabemos, pelo fato do futuro ser inescrutável, é imprudente falar muito do longo prazo. Sobretudo se consideramos que já passei, há quase quatro anos, a *linha vermelha* dos cinquenta. O memorial, por outro lado, é um gênero literário constitutivamente mais crepuscular do que auroral; embora – num surto de otimismo – esse crepúsculo possa vir a ser pensado como a promessa de uma nova aurora.

Rosario de Santa Fé
5 de Janeiro de 2015

APRESENTADO
LEYES SIN CAUSA Y CAUSAS SIN LEY EN LA EXPLICACIÓN BIOLÓGICA



BOGOTÁ, 16 DE OUTUBRO DE 2014.
